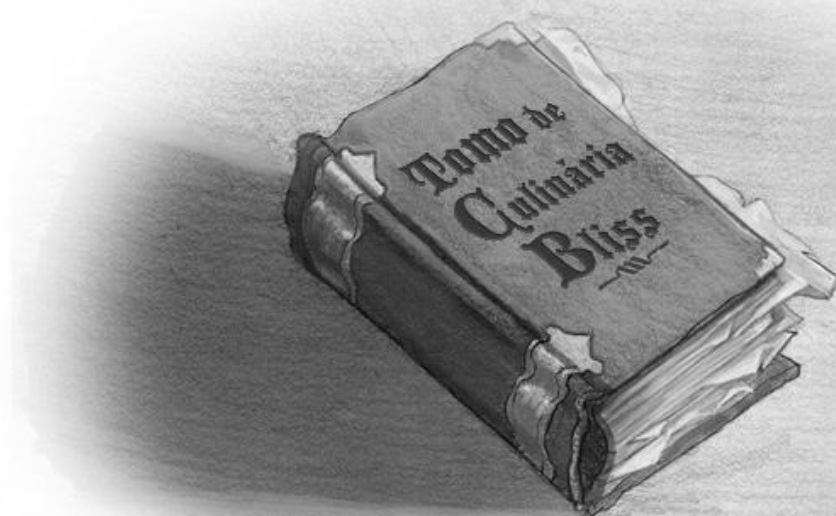
Bliss
CAKE and CUPCAKE
BAKERY
CROISSANT BAGUETTES & BRIOCHES
KATHRYN LITTLEWOOD
SALAMANDRA

Bliss

KATHRYN LITTLEWOOD

Para Ted

PRÓLOGO
Uma pitada de magia

Foi no verão em que Rosemary Bliss[1] fez 10 anos que ela viu a mãe colocar um raio numa tigela de massa e soube – além de qualquer sombra de dúvida – que seus pais faziam magia na confeitaria da família Bliss.

Foi o mês em que Kenny, o filho mais novo dos Calhoun, de 6 anos de idade, entrou pela porta aberta da sala de controle da estação ferroviária, tocou no botão errado e quase foi eletrocutado. A carga não foi suficiente para matá-lo na hora. Foi só forte o bastante para fazer seu cabelo ficar em pé e para colocá-lo no hospital.

Quando Purdy, a mãe de Rose, ficou sabendo do coma de Kenny, ela fechou a confeitaria, dizendo:

– Não é hora para *cookies.* – E então se lançou ao trabalho na cozinha. Purdy não conseguia parar nem para comer ou dormir. Noites se

[1] Nota da editora: Rosemary não é apenas um nome próprio, mas também a palavra inglesa para alecrim. Como se verá, acontece o mesmo com todos os três irmãos de Rosemary, cujos nomes se aplicam tanto a pessoas quanto a plantas aromáticas de uso culinário. Já o sobrenome Bliss se traduziria por deleite, extrema delícia, bem-aventurança.

passavam, e ela ainda trabalhava. Albert, o pai de Rose, cuidava dos irmãos dela, ao passo que Rose implorava à mãe que a deixasse ajudar na cozinha. Mas, em vez disso, Rose recebia outras missões – ir à cidade para buscar mais farinha de trigo, ou chocolate amargo, ou baunilha-do-taiti.

Por fim, tarde da noite de domingo, enquanto a maior tempestade que eles haviam tido durante todo o verão castigava Calamity Falls com trovões, raios e uma chuva pesada que batia contra o telhado como punhados de pedregulhos, Purdy anunciou:

– É a hora.

– Não podemos deixar as crianças sozinhas – disse Albert. – Não numa tempestade como essa.

Purdy concordou categoricamente e disse: – Então acho que não temos escolha a não ser levá-las todas conosco. – Ela se voltou e gritou para o andar de cima. – Excursão, todo mundo!

Rose ficou com soluço de tanta empolgação enquanto o pai a conduzia, mais os dois meninos e a bebê, para dentro da minivan da família, junto com um grande pote de conserva, que era um vidro azul e gasto.

Vento e chuva balançavam a van sobre os pneus e quase os empurravam para fora da estrada, mas Albert rangeu os dentes e, apesar da dificuldade, continuou até o descalvado topo do Morro do Careca.

Ele estacionou. – Tem certeza de que deve fazer isso? – perguntou à esposa.

Ela afrouxou a tampa do pote de conserva. – Kenny é muito novinho. Eu tenho que tentar pelo menos. – E então Purdy abriu a porta com tudo e saiu pela chuva.

Rose viu a mãe cambalear contra o vento no meio da tempestade, indo exatamente para o centro da clareira que havia ali. Purdy tirou a tampa e levantou o pote muito acima da cabeça.

Foi quando o primeiro raio veio.

Com um estouro de parar o coração, o raio partiu o céu em dois e desceu direto para dentro do pote. O platô inteiro ficou claro, e de repente

a mãe de Rose estava toda iluminada, como se fosse feita de luz.

– Mãe! – gritou Rose e se lançou para a porta, mas Albert a segurou.

– Ainda não acabou! – ele disse. Houve outro estouro de raio, e outro…

Rose não sabia se estava cega por causa da luz ou por causa das lágrimas.

– Mãe! – ela protestava.

E então a porta da van se abriu de novo, e a mãe entrou no carro. Estava ensopada e cheirava a torradeira; mas, apesar disso, parecia ilesa. Rose olhou para dentro do pote e viu centenas de estalantes veios de luz azul, que tremeluziam.

– Leve-nos para casa já – disse Purdy ao marido. – Este é o ingrediente final.

Quando chegaram em casa, as crianças foram mandadas para a cama, mas Rose ficou acordada secretamente, observando a mãe trabalhar.

Purdy se debruçava sobre uma tigela de metal cheia de uma massa branca e lisa. Posicionou cuidadosamente o pote de conserva sobre a tigela e abriu a tampa. Pequenas centelhas de luz azul saíram do pote e ziguezaguearam para dentro da massa como cobras, deixando a coisa toda com uma cor esverdeada incandescente.

Purdy mexeu a massa com colher e sussurrou:

– *Electro correcto*.

Então a despejou numa fôrma de pão e a colocou no forno. Fechou a porta e, sem olhar para trás, disse:

– Você deveria estar na cama, Rosemary Bliss.

Rose não dormiu muito bem aquela noite. Seus sonhos foram cheios de raios, com a mãe iluminando uma laranja elétrica e balançando um dedo em riste para que Rose fosse para a cama.

Na manhã seguinte, Purdy colocou o pão num prato, acrescentou umas

gotas de glacê de um saco de confeitar e chamou Albert: – Vamos! – Ela ainda chamou Rose com um dedo. – Você também.

Então Rose, Purdy e Albert foram para o quarto de hospital onde Kenny estava.

Rose não achou que ele parecia tão mal – um pouco mais quieto do que o normal, um pouco mais triste do que qualquer um estaria –, mas havia aparelhos de aparência sinistra pendurados nele, e seu pulso era um fraco bipe no quarto minúsculo.

A mãe de Kenny levantou os olhos, viu a sra. Bliss e irrompeu em lágrimas. – É tarde demais para bolos, Purdy! – ela disse, mas a mãe de Rose colocou só uma migalha entre os lábios de Kenny.

Nada mais aconteceu por um longo tempo.

E aí se ouviu um *gulp* muito, muito fraquinho.

Purdy fez um pedaço maior deslizar para dentro da boca de Kenny. Dessa vez, a língua dele se moveu, e o *gulp* foi mais alto. Então Purdy empurrou um bocado inteiro, e a mandíbula do menino pareceu funcionar por si mesma, como deveria. Kenny mastigou, engoliu e, antes que seus olhos se abrissem, disse:

– Você tem um pouco de leite?

Depois daquilo, Rose soube que os rumores eram verdadeiros: os confeitos da Confeitaria Siga Seu Deleite[2] *eram* mesmo mágicos. E sua mãe e seu pai, apesar de viverem numa cidadezinha, de terem minivan e de às vezes usarem pochete, eram confeiteiros mágicos.

E Rose não conseguia evitar o pensamento: “Será que também vou me tornar uma confeiteira mágica?”

[2] Nota da editora: em inglês, o estabelecimento se chama Follow Your Bliss Bakery, numa alusão ao sobrenome dos proprietários.

CAPÍTULO 1

Calamity Falls

Dois anos depois, Rose já tinha assistido a um número suficiente de catástrofes, grandes e pequenas, em Calamity Falls – e tinha visto os pais consertarem discretamente todas elas.

Quando o sr. Rook começou a sonambular pelo jardim de outras pessoas, Purdy fez para ele uma porção de Biscoitos de Canela Durma-feito-uma-pedra, enchendo uma de suas tigelas gigantes com farinha de trigo, açúcar mascavo, ovos, noz-moscada e o bocejo de uma fuinha, algo que Albert tinha coletado com muito esforço. O sr. Rook nunca mais sonambulou depois disso.

Quando o supercorpulento sr. Wadsworth ficou preso no fundo de um poço e o corpo de bombeiros não conseguiu tirá-lo de lá, Albert prendeu a cauda de uma nuvem num dos potes de conserva azuis, que Purdy então assou com os Amaretos Leves-como-suspiros.

– Eu não acho que seja boa hora para doces, sra. Bliss! – gritou o sr. Wadsworth quando lhe baixaram uma caixa. – Mas eles são *tão* gostosos! – Ele devorou duas dúzias deles. Escalar o poço não foi problema depois disso: o sr. Wadsworth praticamente flutuou.

E quando a sra. Rizzle, a cantora de ópera aposentada, ficou muito rouca para o último ensaio geral do musical *Oklahoma!* no Teatro de Calamity Falls, Purdy preparou Bolachinhas Cantantes de Gengibre, o que exigiu que Rose fosse ao mercado para comprar gengibre e que Alberto coletasse o canto de um rouxinol – coisa que precisava ser feita à noite.

Na Alemanha.

Albert não costumava se importar com essas ousadas aventuras para coletar ingredientes mágicos – exceto quando teve de coletar o ferrão de uma abelha. Ele sempre trazia porções a mais, e tais ingredientes eram cuidadosamente etiquetados, colocados em potes de conserva azuis e escondidos na cozinha Siga Seu Deleite, onde ninguém os encontraria a menos que soubesse onde procurar.

Rose era geralmente enviada para buscar ingredientes mais mundanos, menos perigosos – ovos, farinha de trigo, leite, castanhas. As únicas emergências com as quais Rose tinha de lidar eram aquelas causadas pela irmã, de três anos.

Na manhã de 13 de julho, Rose acordou com o barulho de tigelas de metal atingindo o piso da cozinha. Era o tipo de estampido violento e reverberante que faria o cabelo da nuca de qualquer outra pessoa eriçar. Mas Rose só revirou os olhos.

– Rose – gritou sua mãe –, você pode descer até a cozinha?

Rose se esforçou para sair da cama e desceu a escada de madeira aos tropeços, ainda usando a regata e o short de flanela que vestia para dormir.

A cozinha da família Bliss calhava de ser também a cozinha da Confeitaria Siga Seu Deleite, que os pais de Rose tinham instalado numa

sala da frente que dava para uma rua movimentada de Calamity Falls. Onde a maior parte das famílias tinha sofá e TV, os Bliss tinham um balcão cheio de bolos, uma caixa registradora e alguns conjuntos de bancos e mesa, ao estilo das lanchonetes americanas, para os fregueses.

Purdy Bliss estava em pé no centro da cozinha, em meio a uma bagunça de tigelas sujas, montinhos de farinha de trigo, um pacote de açúcar derramado e o amarelo radiante das gemas de uma dúzia de ovos. O pó da farinha de trigo ainda dançava no ar como fumaça.

Leigh Bliss, a irmãzinha de Rose, estava sentada no meio do chão da cozinha, com sua câmera Polaroid em volta do pescoço e com manchas de ovo nas bochechas. Ela sorriu alegremente ao tirar uma foto da bagunça.

– Parsley Bliss[3] – começou Purdy –, você correu pela cozinha e derrubou todos os ingredientes para os *muffins* de papoula desta manhã. Você sabe muito bem que as pessoas estão esperando pelos *muffins* de papoula. E agora elas não vão ter nenhum para comer.

Leigh franziu as sobrancelhas por um momento, envergonhada, mas depois abriu um largo sorriso e saiu correndo da cozinha. Ela ainda era muito pequena para sentir-se mal por qualquer coisa por mais de um minuto.

Purdy levou as mãos para o alto, num gesto resignado, e riu. – Ainda bem que ela é uma gracinha – disse.

Rose olhou com horror para a bagunça no chão e perguntou: – Posso ajudar a limpar?

– Não, vou chamar seu pai para fazer isso. Mas – arriscou Purdy, dando a Rose uma lista que havia sido garatujada no verso de um envelope – você poderia ir à cidade e pegar uns ingredientes. – Ela olhou de novo para a bagunça no chão. – É uma pequena emergência.

– Claro, mãe – disse Rose, conformada com o destino de entregadora da família.

– Ah – gritou Purdy –, eu quase ia me esquecendo!

---

[3] Nota da editora: Leigh é uma forma abreviada de Parsley, nome que pode ser tanto feminino quanto masculino e também pode significar salsa ou salsinha em inglês.

Ela tirou a corrente de prata do pescoço e a deu para Rose. A corrente tinha o que Rose sempre presumiu ser um amuleto, mas que, a um exame mais atento, revelou ser uma chave de prata no formato de um pequeno batedor de claras.

– Vá ao chaveiro e faça uma cópia dessa chave. Vamos precisar. Isso é muito, muito importante, Rosemary.

Rose examinou a chave. Era bonita e delicada – parecia uma aranha juntando todas as suas pernas. Rose via a mãe usar a chave como um amuleto em volta do pescoço, mas sempre tinha achado que era só mais uma manifestação do gosto de Purdy por joias bizarras, como o broche de borboleta cujas asas se abriam e tinham quase um palmo de envergadura ou como a presilha de chapéu no formato também de chapéu.

– E, quando você tiver acabado, você poderá comprar um *donut* na Stetson para você. Embora eu não entenda por que você gosta deles. São bem inferiores.

Rose, na verdade, detestava o sabor dos *donuts* da Stetson. Eles eram muito secos, levavam massa demais e tinham gosto de xarope para tosse – o que mais se poderia esperar de *donuts* servidos num lugar chamado Donuts e Automecânica Stetson? Mas comprar um significava colocar setenta e cinco centavos na palma da mão de Devin Stetson.

Devin Stetson, que tinha 12 anos como ela, mas parecia bem mais velho, que era tenor no Coral de Calamity Falls, que tinha cabelos loiros que lhe caíam sobre os olhos e que sabia como consertar uma correia de alternador.

Toda vez que Devin passava por Rose nos corredores da escola, ela achava um pretexto para olhar para os próprios sapatos. Na verdade, o máximo que Rose tinha dito a ele na vida real era “Obrigada pelo *donut*”; mas, no pensamento de Rose, os dois já tinham andado ao longo do rio na mobilete dele, já tinham feito piquenique no campo e lido poesia em voz alta, deixando a grama longa fazer cócegas em seus rostos, e já tinham se beijado sob uma luz da rua no outono. Talvez agora ela realizasse um dos

itens da sua lista "o que fazer na vida real com Devin Stetson". Ou não. O que ele ia querer com uma confeiteira?

Rose foi se vestir.

– Ah, e outra coisa – gritou Purdy de novo –, leve seu irmãozinho com você.

Rose olhou para a bagunça na cozinha e então olhou para o quintal através da porta, onde seu irmão Sage[4] Bliss pulava com gosto na cama elástica gigante, gritando como um artista de circo, ainda de pijama.

Rose suspirou. Carregar os ingredientes na cesta frontal da bicicleta já era bem difícil, mas arrastar Sage de porta em porta tornava a coisa toda dez vezes pior.

1. Armazém Borzini: meio quilo de semente de papoula

Rose e Sage encostaram as bicicletas na parede rebocada do Armazém Borzini – Comércio de Amendoim, Nozes e Afins e entraram. Seria impossível não achar o armazém. Era o único lugar de Calamity Falls que tinha formato de amendoim.

Sage marchou de imediato para o barril das macadâmias mais caras, importadas da Etiópia, enfiou os braços lá dentro e jogou dúzias de macadâmias para cima. Rose olhava para o irmão enquanto ele tentava, como um malabarista desajeitado, apanhar as macadâmias com a boca antes de atingirem o chão.

Aos 9 anos, Sage já parecia pertencer ao palco de uma trupe de comediante. Uma bagunça de cachos loiro-avermelhados explodia do topo de sua cabeça, e um par de bochechas rechonchudas e sardentas lhe tomava a maior parte do rosto. As sobrancelhas ruivas pairavam sobre os olhos para lhe dar uma aparência de permanente confusão.

– Sage, por que você está fazendo isso? – perguntou Rose.

– Eu vi Ty fazer isso com pipoca, e ele apanhou a maioria delas com a

[4] Nota da editora: nome igualmente unissex que significa não só sábio, mas também sálvia.

boca.

Thyme[5] era o irmão mais velho, o primogênito dos Bliss, e ele tinha um daqueles rostos que derretiam qualquer pessoa. Ty tinha cabelos ruivos ondulados e selvagens e olhos acinzentados como os de um *husky* siberiano. Estava com 15 anos, praticava todos os esportes possíveis e, embora nem sempre fosse o mais alto, era sempre o mais bonito. Era o tipo de garoto que conseguia jogar uma mão cheia de pipoca para cima e apanhar todas elas com a boca. A única coisa que não conseguia fazer era ajudar na confeitaria. Mas seus pais não pareciam se importar muito com isso. O rosto de Ty era como um cartão de passe livre que funcionava melhor a cada ano que passava.

O sr. Borzini, que também tinha forma de amendoim, saiu com estrondo do depósito nos fundos da loja. – Olá, Rosie! – ele disse com um sorriso. Mas aí viu as macadâmias no chão, e o sorriso desapareceu. – Olá, Sage.

– Precisamos de meio quilo de semente de papoula – disse Rose com um sorriso.

– *Prrrronto!* – disse Sage, forçando o *r* como um italiano e juntando e beijando a ponta dos dedos também como um. O sr. Borzini desfranziu as sobrancelhas e riu.

Ele também sorriu para Rose ao lhe entregar as sementes. – Você com certeza tem um irmão divertido, Rosie![6]

Rose sorriu de volta, desejando que alguém a achasse tão divertida quanto Sage. Ela era discretamente sarcástica, mas não era a mesma coisa. Não era linda como Ty. Era velha demais para ser adorável como Leigh. Era boa confeiteira, o que significava que era meticulosa e boa em matemática. Mas ninguém nunca tinha sorrido para ela e dito: "Uau! Que meticulosa e boa em matemática você é, Rose!"

E assim Rose acabava se achando simplesmente comum, como uma

---

[5] Nota da editora: Thyme, que no livro será quase sempre encurtado para Ty, é um nome que pode ainda significar tomilho.

[6] Nota da editora: Rosie é um diminutivo afetuoso para o nome Rose.

pessoa que caminhava silenciosamente ao fundo de um cenário cinematográfico. Fazer o quê?

Rose agradeceu ao sr. Borzini e carregou o desajeitado saco de juta até a cesta de metal na frente de sua bicicleta. Depois, arrastou o irmão para fora, e os dois seguiram adiante.

– Eu não entendo por que temos de buscar todas essas coisas – resmungou Sage enquanto tentavam subir o morro. – Se foi Leigh quem derrubou, então *ela* é quem deveria vir buscar.

– Sage, ela tem três anos.

– De qualquer modo, eu não entendo por que temos de trabalhar naquela confeitaria estúpida. Se nossos pais não conseguem tocar a confeitaria sozinhos, então nem deveriam ter aberto uma.

– Você sabe que eles têm de cozinhar, está no sangue deles – respondeu Rose, tomando fôlego. – Além disso, a cidade desmoronaria sem eles. Todo mundo precisa de nossos bolos, tortas e *muffins* para sobreviver. Prestamos um serviço público.

Embora ela revirasse os olhos diante do trabalho, Rose no fundo adorava ajudar. Ela adorava o jeito que a mãe suspirava de alívio quando Rose voltava com todos os ingredientes certos, adorava o jeito que o pai a abraçava depois que ela fazia a massa de uma torta com a maciez certinha, adorava o jeito que as pessoas da cidade faziam alegremente "*hummmm*" depois de darem a primeira mordida, reconfortante e apetitosa, num *croissant* de chocolate. E adorava como a mistura de ingredientes – alguns normais, outros nem tanto – não apenas deixava as pessoas felizes, mas às vezes fazia também muito mais que isso.

– Bem, eu quero uma cópia da lei do trabalho infantil de Calamity Falls, porque tenho certeza de que o que eles fazem com a gente é ilegal.

Rose diminuiu a velocidade e tapou o nariz quando Sage a ultrapassou. – O seu mau cheiro também é.

Sage ofegava. – Eu não tenho mau cheiro! – ele disse, e então levantou os braços e checou duas vezes. – Tá bom, talvez um pouquinho!

2. Florence, a florista: uma dúzia de papoulas

Rose e Sage encontraram Florence a cochilar na confortável poltrona num canto da floricultura. Todo mundo especulava sobre a idade exata de Florence, mas o consenso em Calamity Falls era que ela não poderia ter menos de noventa.

Sua loja parecia mais uma sala de estar do que uma floricultura – a luz amarela do sol se espalhava através das persianas sobre um pequeno sofá, e a caminha de um gordo gato malhado ficava perto da lareira empoeirada. Numa miscelânea de vasos perto da janela, havia todo tipo de flor concebível, e uma dúzia de cestas ficava pendurada do teto, com trepadeiras verdes que derramavam suas folhas para fora das cestas.

Rose afastou do rosto uma cortina de hera e limpou a garganta.

Florence abriu lentamente os olhos. – Quem é?

– É Rosemary Bliss – disse Rose.

– Ah, estou vendo – resmungou Florence, como se estivesse incomodada por ter um freguês. – O que… eu… posso… fazer por você? – perguntou, levantando-se e arquejando ao se dirigir aos vasos que estavam junto à janela.

– Uma dúzia de papoulas, por favor – respondeu Rose.

Florence gemeu ao se inclinar para pegar aquelas flores vermelhas, que pareciam de papel. Ela se animou, entretanto, ao ver Sage. – É você, Ty? Você parece… mais baixo.

Sage riu, lisonjeado por ter sido confundido com o irmão mais velho. – Não – ele disse. – Eu sou *Sage*. Todo mundo diz que somos parecidos.

Florence resmungou pela segunda vez. – Eu certamente vou sentir falta daquele galã do Ty quando ele for para a faculdade.

Todo mundo sempre ficava imaginando o que o maravilhosamente lindo irmão de Rose faria quando tivesse idade para deixar Calamity Falls. Se ele parecia estar destinado a sair dali, Rose parecia estar destinada a

ficar. Ela se perguntava se, caso ficasse em Calamity Falls, acabaria como Florence, a florista – com nada para fazer a não ser dormir numa poltrona o dia todo, esperando alguma coisa estranha e empolgante acontecer, sabendo que nunca aconteceria.

Mas deixar a cidade significava deixar a confeitaria. E aí Rose nunca viria a saber onde a mãe guardava todos aqueles potes azuis de conserva mágicos. Nunca aprenderia a misturar no glacê um pouco de vento gelado do norte para derreter o coração frio de uma pessoa sem amor. Nunca descobriria como ajustar a reação entre macarrãozinho, magma fundido e bicarbonato de sódio – o que, conforme sua mãe lhe contou, era capaz de consertar quase que instantaneamente os ossos quebrados.

– E você, Rosemary? – perguntou Florence enquanto embalava as papoulas em papel de embrulho. – Alguma novidade? Algum garoto?

– Estou ocupada demais tomando conta de Sage – disse Rose, forçando um pouco.

Era verdade que ela não tinha tempo para sair com garotos; mas, mesmo se tivesse, provavelmente não sairia. Sair parecia estranho e um pouco desagradável, como *sushi*. Ela gostaria muito de ficar com Devin Stetson no topo do Morro do Pardal, olhar para baixo e ver Calamity Falls, o vento do outono soprando por seus cabelos, balançando as folhas. Mas isso não era sair.

Ainda assim, Devin era o motivo de ela ter tomado banho antes de sair pela manhã, desembaraçado os cabelos negros, que iam até os ombros, e colocado seus jeans favoritos e uma blusinha azul com a quantidade certa de renda (bem pouca). Rose sabia que não era feia, mas que também não era maravilhosa. Rose tinha certeza de que, se houvesse qualquer grandeza nela, estava escondida em algum lugar em seu interior, e não estampada no rosto.

A mãe parecia concordar. – Você não é como as outras garotas – disse Purdy certa vez. – Você é tão boa em matemática!

Enquanto Rose se perguntava por que ela não poderia ser ambas as coisas – ser o tipo de garota que era boa em matemática e ser bonita –, ela e

Sage saíram da floricultura, com papoulas na mão.

3. Feira Livre Álamo: um quilo de maçã Fuji

Com uma curta arrancada, pedalando com ferocidade, eles cruzaram os trilhos do trem e chegaram à Feira Livre Álamo; esta estava tão lotada no início da manhã que os espaços entre as fileiras de barracas de frutas e hortaliças pareciam uma avenida com engarrafamento.

– Eu preciso de maçãs! – gritou Rose, agitando uma das mãos no ar.

– Terceira fileira de banquinhas! – gritou um homem de trás de uma banca onde havia uma pilha de pêssegos mais alta do que ele.

Sage interrompeu o fluxo do tráfego ao pegar duas abóboras e levantá-las como se fossem dois halteres.

– Por que você está fazendo isso?

– Estou criando músculos… como Ty – respondeu Sage, resfolegando, enquanto o rosto ficava vermelho-beterraba. – Ty e eu vamos ser atletas profissionais. De jeito nenhum vou ficar aqui e fazer bolo para o resto da minha vida.

Rose arrancou as abóboras dos braços retesados de Sage e as colocou de volta no lugar. – Mas nós ajudamos as pessoas – cochichou Rose para Sage. – Somos como confeiteiros mágicos do bem.

– Se somos mágicos, então onde estão nossas varinhas, nossos coelhos e nossos chapéus mágicos? – perguntou Sage. – E onde está nosso arqui-inimigo? Acorda, maninha: somos só confeiteiros. Quando você estiver presa aqui batendo bolo, eu e Ty vamos posar para comerciais de tênis na França.

Sage saiu pedalando, e Rose ficou para trás, segurando as maçãs; seus braços tremiam com o peso.

4. Sr. Kline, o chaveiro: você sabe o que fazer

Num galpão metálico enferrujado na periferia da cidade, Rose entregou ao sr. Kline a delicada chave no formato de batedor de claras. O sr. Kline examinou a chave por trás dos óculos de lentes grossas como *muffins* ingleses.

O galpão desse chaveiro não tinha janelas, e tudo ali ficava coberto com uma fina camada de poeira cinza, como se o sr. Kline houvesse acabado de voltar de longas férias. Rose respirava pela boca. O ar tinha um gosto metálico.

– Isso vai levar pelo menos uma hora – disse o sr. Kline. – Você vai ter que voltar mais tarde.

Sage soltou um resmungo ridiculamente alto, mas Rose estava satisfeita. Acontecia que o estabelecimento do sr. Kline ficava ao pé do Morro do Pardal e a loja dos Stetson ficava no topo.

– Ei, garoto – ela disse a Sage –, vamos subir o Morro do Pardal.

– De jeito nenhum! – disse Sage. – Ele é muito alto, e está quente demais. Eu vou ver se tem algum sabor novo de jujuba na Doceria Calamity.

– Vamos lá! – disse Rose, agarrando-o pelo ombro. – Vai ser legal. A gente pode ficar em pé no parapeito do mirante e achar nossa casa lá de cima. E eu compro um *donut* para você.

– Tá bom. Mas – disse Sage, levantando um dedo acima da cabeça –, eu escolho o *donut*!

5. Donuts e Automecânica Stetson

Rose estava ofegante quando chegaram ao topo do morro. A loja dos Stetson era um galpão de concreto desinteressante, adornado com peças e pedaços de lataria de carros antigos. Amores-perfeitos cresciam dos pneus no chão, e uma placa com a palavra DONUTS ficava pendurada num para-choque pregado acima da porta.

Rose tremia ao tirar da testa os cabelos negros, então grudentos de suor. Era o tipo de garota que não tinha medo de aranha, de motocicletas de

motocross nem de queimar os dedos em forno quente – e ela já tinha topado muito com tudo isso. Mas entrar na mesma sala em que se encontrava o garoto de quem ela gostava? *Isso* era assustador.

Assim que juntou coragem para cruzar a rua e entrar na loja, Devin Stetson passou voando em sua mobilete, com as franjas louras balançando ao vento, e desceu o morro. Aparentemente, o pai tinha lhe deixado a manhã livre.

O estômago de Rose revirou. Era a mesma sensação de quando se vai mais alto do que se deveria num balanço e é possível sentir o estômago pular, debatendo-se dentro da gente como um peixe no fundo de um barco.

Enquanto Rose via Devin ir embora, poderia jurar que o garoto se virou por um segundo e olhou de relance para ela.

Sage já tinha caminhado sorrateiramente até o mirante e escalado a segunda balaustrada do parapeito. – Uau! Olha, Rose, olha!

Rose se sacudiu e foi ver do que Sage estava falando: uma caravana de carros de polícia seguia pela via sinuosa que cortava a cidade. Calamity Falls parecia um quadro quando vista do alto do Morro do Pardal, e os carros pareciam uma faca azul e branca que o rasgava.

– Aonde eles estão indo? – perguntou Sage, estranhamente imóvel.

– Ah, não! – disse Rose, quase fechando os olhos. – Eu acho que eles estão indo para a confeitaria.

CAPÍTULO 2

A batida de um martelo

Talvez Ty tenha sido preso – disse Rose.

Ela e Sage jogaram as bicicletas no quintal da confeitaria e correram para a porta dos fundos. Três viaturas policiais formavam uma barreira fora da casa, e um jipão Hummer branco com vidros escuros estacionou na entrada da garagem; ele parecia um *pit bull* gordo.

Pela janela aberta do motorista do Hummer, Rose e Sage viram um homem que usava óculos escuros e um limpíssimo e muito bem passado uniforme de polícia. Ele falava num *walkie-talkie*. – Eles ainda estão lá dentro – estava dizendo o homem. – Eu os conheço: não vão sair de mãos vazias.

Rose subiu num tijolo de cimento e espiou pela persiana de uma das janelas da cozinha. Os pais estavam em pé ao lado do grande bloco

arredondado de madeira sobre rodinhas usado como suporte para cortar coisas que Purdy costumava levar para lá e para cá como se fosse um carrinho de supermercado. Uma mulher num austero terninho azul-marinho estava em pé do outro lado. Purdy e Albert se entreolhavam nervosamente enquanto Purdy mantinha uma das mãos sobre o Tomo de Culinária Bliss, que estava perto do cepo. Quando o livro estava aberto, parecia um gordo pássaro branco com as asas abertas; fechado, parecia vulnerável, como uma fatiazinha de pão de fôrma integral.

"É isso", pensou Rose. "Alguém veio por causa do livro."

Toda terça-feira à noite, Albert e Purdy iam assistir a dois filmes na promoção *Veja dois e pague um* do cinema de Calamity Falls e deixavam sua vizinha, a sra. Carlson, tomando conta das crianças. Ao sair, Albert sempre dizia:

– Não deixem ninguém entrar! Pode ser o governo vindo para roubar nossas receitas!

As crianças sempre riam, mas Rose sabia que o pai não estava exatamente brincando. Ela já tinha olhado de relance algumas páginas do livro, com figuras medievais de tempestades, fogo, uma parede de espinhos, um homem a sangrar – receitas que não desejaria que caíssem nas mãos de alguém que pudesse realmente usá-las.

Sage subiu no tijolo de cimento, mas ainda assim não conseguiu ver pela janela. – O que está acontecendo? – ele perguntou.

– Eles vão levar o livro de receitas – respondeu Rose, esforçando-se para fazer as palavras atravessarem um enorme nó na garganta. Ela olhou para o estranho fogão de ferro, que parecia uma grande e escura colmeia e ficava junto a uma das paredes da cozinha; olhou para a fileira de reluzentes gabinetes de cerejeira que ficavam lado a lado; para o emaranhado de prateleiras; para a aglomeração de ganchos de metal que pendiam do centro do teto e que tinham nas extremidades todo tamanho imaginável de espátulas e colheres de metal; e para a gigantesca batedeira prateada que ficava no canto ao fundo, cuja tigela era tão grande que Leigh podia (e às

vezes conseguia) entrar lá e cuja pá era tão grande que parecia um remo. Ela olhou para tudo o que os pais tinham construído, desgastado como estava, e sufocou um soluço.

Imaginou os pais trancados numa cela suja de prisão, os irmãos esmolando pelas ruas, o país sendo governado por uma máfia de confeiteiros tirânicos que usavam *muffins* e tortas como armas de destruição em massa.

– Vou impedi-los – murmurou Sage, e correu para a porta dos fundos. Ele a abriu de um golpe e gritou: – Meus pais não fizeram nada!

Albert e Purdy atravessaram a cozinha e tentaram calar Sage, mas já era tarde. A mulher no terninho azul-marinho olhou para a porta dos fundos e fez sinal para que Sage e Rose entrassem.

– Meu nome é Janice Hammer, "a Martelo" – ela disse. – Sou a prefeita de Humbleton. – Ela abriu um sorriso forçado, e Rose percebeu que, embora não fosse a mulher mais amigável que já vira, também não estava lá para pegar o livro.

– Por que a polícia está aqui? – perguntou Rose.

– Aqueles são carros que pintei para que parecessem da polícia, porque assim eu pareceria mais intimidante quando viajasse. Os homens nos carros são meus colegas do Conselho de Administração de Humbleton. Um é floricultor, o outro é advogado, e o terceiro é um encanador que se junta a nós quando não tem privadas para desentupir.

– Não é ilegal tentar se passar por policial? – cutucou Sage.

A prefeita Martelo olhou fixamente para ele. – Eu vim pedir ajuda a seus pais para combater uma gripe de verão em Humbleton. Nunca vi uma tão forte; parece uma peste. Latões de lixo transbordando de lenços de papel. Médicos ficando totalmente sem pastilhas para tosse. O otorrino voando aterrorizado para seu condomínio na Flórida. Aquele banana!

Albert e Purdy riram nervosamente.

– De qualquer modo, eu não sabia mais o que fazer. Só que aí me lembrei dos *croissants* de amêndoa de seus pais; as pessoas juram que eles fazem a febre e a coriza simplesmente desaparecerem. Então eu vim

implorar por quarenta dúzias. – A prefeita Martelo se voltou para Albert e Purdy. – Sei que é em cima da hora, mas não tenho mais opções.

Purdy apertava as mãos uma contra a outra. – Nós… nós adoraríamos ajudar – ela gaguejou –, mas esta cozinha não tem capacidade para fazer quarenta dúzias de *croissants*. É apenas uma confeitaria de família.

– Venha para Humbleton, então! – disse abruptamente a prefeita Martelo. – Você poderia alimentar um exército com a cozinha da prefeitura. Você fará seus croissants de amêndoa lá. E, depois, *cheesecake* de abóbora.

– *Cheesecake* de abóbora? – perguntou Albert, franzindo a testa.

A prefeita Martelo enfiou a mão dentro de sua pasta preta de couro e puxou uma tira amarelada do jornal *Gazeta de Calamity Falls*. A manchete dizia: "Menino de dez anos com gripe suína come *cheesecake* de abóbora da confeitaria da família Bliss e é milagrosamente curado".

Albert limpou as mãos no avental. – Ah! Não é impressionante? Mas isso foi lorota. O menino estava fingindo para que pudesse faltar na escola.

Os pais nunca admitiam a ninguém exceto aos filhos que os produtos da confeitaria dos Bliss tinham magia dentro. – Se isso se espalha – Purdy sempre dizia –, então todo mundo vai querer, e nossa pequena confeitaria não será mais nossa pequena confeitaria. Ela se tornará uma fábrica gigante. Tudo estará perdido.

Se alguém notava os efeitos miraculosos que tinham às vezes os *cookies*, os bolos, as tortas, Albert e Purdy os minimizavam, insistindo que aqueles eram apenas os benefícios normais de uma receita perfeita, bem preparada.

Rose, porém, ainda se lembrava de quando aquele *cheesecake* foi feito. Ela havia ficado olhando da escada, observando como os pais misturavam os ingredientes de alguns dos potes de conserva uma noite depois de fechada a confeitaria; como uma poeira roxa tinha se levantado de uma tigela e girado em volta da cabeça de sua mãe; como a mistura tinha chiado e estalado, disparando fagulhas cor-de-rosa, verdes e amarelo-canário.

O que ela não daria para cozinhar daquele jeito! Era um tipo de atividade culinária que demandava respeito, mesmo que tudo aquilo fosse mantido em segredo.

A prefeita Martelo batia o pé com impaciência. – Eu não quero saber se o *cheesecake* cura mesmo as pessoas; as pessoas o adoram, ele as faz sentir-se melhor, e é disso que precisamos.

Purdy falou com voz tão macia e doce quanto um *cookie* com gotas de chocolate: – Bem… por quanto tempo a senhora precisa de nós?

– Não mais do que uma semana – respondeu a prefeita.

Albert balançou a cabeça. – Sinto muito, prefeita Hammer. Funcionamos há vinte e cinco anos, e nunca fechamos a confeitaria por mais que um único dia. Não há como sairmos por uma semana inteira.

A prefeita Martelo fez sinal com a cabeça para um de seus guarda-costas, que pegou um talão de cheques com capa de couro. Ela rabiscou alguns números num cheque e o mostrou para Albert e Purdy, que se entreolharam em choque, como se alguém tivesse acabado de puxar um coelho de uma cartola – um coelho bem caro, incrustado de diamantes.

Albert exclamou, ofegante – Quantos zeros!

Purdy olhou constrangida para a prefeita Martelo. – Topamos…

– Ah, maravilha! – disse a prefeita Martelo, entregando o cheque a Purdy.

Purdy rasgou o cheque em pedaços. – A senhora nem me deixou terminar! Topamos, *de graça*.

Rose sorriu. Seus pais poderiam ser as pessoas mais ricas do mundo se quisessem – presidentes de grandes empresas que usavam chiques ternos cinza, tomavam champanhe caro e viajavam no banco de trás de carros extravagantes, do mesmo jeito que a prefeita Martelo –, mas eles preferiam morar nos cômodos simples em cima da apertada cozinha de sua minúscula confeitaria.

A prefeita Martelo deu a volta no cepo e abraçou Albert e Purdy. – Vamos levá-los assim que estiverem prontos – ela disse. – Estarei esperando no Hummer da Hammer.

Rose bateu à porta do quarto de Ty e Sage. Uma placa escrita à mão dizia HORÁRIO DE VISITA: DAS 15H ÀS 16H.

– Ty! – chamou Rose. – Mamãe e papai estão saindo! *Por favor*, desça!

Eram apenas onze da manhã, e Ty raramente saía de sua caverna antes do meio da tarde. Rose abriu um pouco a porta. Ty tinha pendurado um lençol para separar sua metade do quarto daquela de Sage – a metade de Ty ficava atrás da cortina, claro –; mas, numa extremidade do lençol, Rose podia ver um único pé de meia pendendo do pé do irmão.

Ela puxou o lençol e cutucou aquelas largas costas descobertas. – Ty.

Ele resmungou. – É melhor você ter uma ótima desculpa para ter vindo aqui – ele disse –, porque você me acordou no meio de um sonho com basquete.

– Mamãe e papai vão passar uma semana fora. Eles estão deixando a confeitaria sob *nossa* responsabilidade!

Assim que ela disse as palavras em voz alta, Rose se imaginou dançando na cozinha com o avental xadrez azul e branco da mãe, folheando o Tomo de Culinária Bliss, peneirando farinha de trigo, derretendo chocolate e misturando tudo com lágrimas de jovens garotas de coração partido, ou com um frasco do último suspiro de um homem bom, ou com uma pitada do pálido e amargo fermento feito com cinzas de fogueira de acampamentos de verão, ou… Quem poderia saber o que ela usaria? Depois ela giraria a manivela para levantar o para-raios secreto que às vezes fornecia energia ao forno principal; e, desse jeito, ela estaria fazendo magia. Rose às vezes se queixava quando os pais lhe pediam ajuda na cofeitaria, mas só porque a ajuda nunca envolvia nenhuma magia de verdade.

A magia de verdade, a magia dos potes de conserva azuis, ela imaginava, valeria qualquer trabalho.

– É sério? – disse Ty, empolgado. – Isso é ótimo!

– Eu sei! – disse Rose. – Finalmente vamos cozinhar de verdade!

Ty ridicularizou: – Correção, *mi hermana*. – Ty tinha a mania de usar o espanhol sempre que conseguia, para se preparar para o dia em que finalmente se tornasse skatista profissional em Barcelona. – *Você* vai cozinhar de verdade. *Eu* vou finalmente relaxar.

No andar de baixo, Albert fechava as persianas da cozinha enquanto Purdy acendia uma vela. Rose imaginou que isso era como ser introduzido numa sociedade secreta. Continuou prestando atenção, esperando as instruções dos pais. Ty se arrastou pela cozinha e estava quase estirado sobre o cepo com rodinhas, preguiçosamente, apoiando o queixo nas mãos e gemendo de tédio.

– Não queremos deixá-los sozinhos – disse Purdy –, mas nossos vizinhos de Humbleton precisam de nós. Já pedimos para Chip ficar o dia todo esta semana, mas ele não pode cozinhar tudo *e* atender no balcão. Assim, precisamos da ajuda de vocês dois mais do que de costume.

Rose tremeu de empolgação quando Albert pegou o Tomo de Culinária Bliss.

– Primeiro o mais importante – ele disse, abrindo a porta de aço inoxidável da câmara refrigerada e carregando o livro lá para dentro.

Rose e Ty seguiram o pai através de um estreito corredor que, do teto ao chão, estava forrado de caixas de leite comum, manteiga, ovos, chocolate, noz-pecã e muito mais. A luz baça de uma lâmpada fluorescente tremulava acima deles.

No final do corredor, pendia uma tapeçaria verde desbotada.

Rose já a tinha visto antes, quando descarregava as caixas de ovos depois de um passeio até a granja, e a tapeçaria sempre a havia cativado. Era espessa, como um tapete persa, e coberta de imagens bordadas delicadamente: um homem que fazia massa; uma mulher que atiçava o fogo

de um forno; uma criança de camisola que comia um bolinho; um velho que usava rede para pegar moscas; uma garota que peneirava açúcar sobre um glacê.

Purdy colocou a mão no ombro de Rose. – Docinho, você está com a chave que copiou esta manhã?

Rose apalpou o bolso da camisa e removeu as duas chaves prateadas – a usada, que a mãe tinha lhe dado aquela manhã, e a novinha, que o sr. Kline tinha feito. Ela as entregou ao pai, que colocou a velha no bolso e então puxou a tapeçaria, revelando uma pequena porta de madeira com tábuas desbotadas e barras de ferro fundido, o tipo de porta feita quando as pessoas eram mais baixas. Ele empurrou o delicado forcado da chave em forma de batedor, novinha em folha, para dentro da fechadura da porta, que parecia uma estrela de oito pontas, e girou para a esquerda.

A porta se abriu com um rangido. Albert puxou uma velha corrente, e uma lâmpada empoeirada ganhou vida sobre suas cabeças.

Rose ficou boquiaberta.

Para além da porta, havia um cômodo revestido de madeira do tamanho de um pequeno *closet*, cheio de tesouros muito antigos. Um quadro com um homem magro, de bigode, que usava uma longa toga cor de berinjela – na moldura, estava escrito:

HIERONIMUS BLISS, PRIMEIRO CONFEITEIRO MÁGICO

Numa caligrafia inglesa antiga que era quase impossível de ler. Um relevo com uma mulher de avental que servia uma torta fumegante a um rei numa comprida mesa de banquete:

ARTEMISIA BLISS,CONFEITEIRA, HOMENAGEADA POR CA RLOS II DA INGLATERRA.

Uma fotografia em tom sépia de um homem e uma mulher de mãos dadas do lado de fora de uma confeitaria, junto com um recorte de jornal de 1847: “Confeiteiros Bliss chegam ao Lower East Side de Manhattan e alimentam imigrantes”. Os quatro, acotovelando-se na despensa, ficaram espreitando os artefatos antigos à luz de velas.

– Sua mãe e eu chamamos este cômodo de biblioteca, embora haja apenas um livro nela. O livro é mais importante do que todos os livros em todas as bibliotecas juntas do país inteiro. Portanto é uma biblioteca.

Mesmo Ty estava impressionado. – Aposto que você gosta de ter se tornado um Bliss, hein, pai?

Albert concordou com a cabeça. Quando se casou com Purdy, Albert assumiu o nome dela, e não o contrário. – Quem quer se apegar a um nome como Albert Hogswaddle – ele dizia – quando pode se tornar Albert Bliss?

Albert colocou o Tomo de Culinária Bliss sobre um pedestal empoeirado no meio da pequena despensa, e os quatro se acotovelaram, mal cabendo no cômodo. – O livro fica aqui. Ninguém o abra, ninguém o mova. Rose, estou dando a você a chave para este cômodo. – Ele fez a chave deslizar por um cordão, deu-lhe um nó e a entregou. Rose ficou se perguntando como a mãe já sabia que precisariam de uma chave extra. Mas então ela deu de ombros: a mãe apenas *sabia* as coisas. Era parte de sua magia.

Rose pegou a chave da palma aberta do pai e a pendurou em volta do pescoço. Rose queimava de empolgação.

– Mas você só deverá abrir aquela porta se acontecer um incêndio – disse Albert, e o sorriso sempre presente abandonou de súbito seu rosto. – E, nesse caso, você deverá tentar salvar o livro. Eu repito: não abra aquela porta. Não vai haver NENHUMAmagia.

Toda a empolgação foi embora de Rose, e ela murchou como um balão estourado. *Nenhuma magia? Por quê?*

– Olha a hora, gente! – gritou a prefeita Hammer de dentro do Hummer. – A gripe se espalha enquanto estamos conversando!

Albert bufava nos fundos enquanto rebocava seis malas de couro de dentro da casa para a entrada da garagem e as colocava no Hummer. Uma

estava cheia de roupas e as outras cinco estavam cheias de potes de canela de Madagascar, asas desidratadas de fadas, rapaduras especiais de uma floresta na Croácia, sussurros de médicos engarrafados e dúzias de outras coisas mundanas e misteriosas.

Purdy juntou Rose e os irmãos num grande amontoado na entrada da garagem. – Rose e Ty, vocês ajudarão Chip na cozinha.

Ty resmungou. – Por que eu tenho de ajudar? Isso é território da Rose.

Purdy bateu de leve, solidária, no belo queixo moreno de Ty. – Eu sei que consegue, Thyme. – Ela continuou, agora olhando para Sage: – Sage, você vai ficar com sua irmã Rose. Quero dizer, você vai ajudá-la.

– Claro! Eu vou ser de *muita* ajuda – disse Sage, piscando diabolicamente para Rose e todos os outros.

Rose revirou os olhos. A ideia de ajuda de Sage geralmente envolvia reclamar e tentar arrotar o alfabeto.

Albert terminou de colocar as malas no carro. – A sra. Carlson virá esta tarde e ficará toda a semana para cuidar de Leigh. Sejam bonzinhos com ela e façam tudo o que ela disser.

– Mas ela grita com aquele sotaque escocês, que dói nos ouvidos! – disse Sage. – E ela cai no sono toda vez que toma sol ou vê TV. E ela tem um cheiro estranho.

– Isso não é ser legal, parceiro – disse Albert, entrando no carro e colocando o cinto de segurança. – Mas… você não está errado. Rose, fique de olho na Leigh, caso a sra. Carlson caia no sono.

Purdy deu um largo sorriso, embora duas grossas lágrimas lhe estivessem rolando pelas bochechas. – Nós amamos vocês todos! – ela disse.

– Espera! – gritou Leigh. – Foto!

Purdy riu. – Tudo bem. Prefeita Hammer, a senhora se importa de tirar uma foto da família?

A prefeita Martelo bufou alto de um jeito que queria dizer que ela se importava sim, e muito. Mas, ainda assim, pegou a Polaroid das mãos de Leigh, apontou na direção do clã Bliss e bateu a foto.

Então Purdy e Albert pularam para o banco de trás e fecharam a porta. O Hummer se arrastou rua abaixo, com uma fila de três carros policiais de mentira atrás.

Rose se virou para Ty. Ela queria dizer alguma coisa do tipo “Estou feliz porque vamos passar um tempo juntos esta semana”. Mas Ty já estava saindo pela entrada da garagem em direção à rua.

– Minhas férias começam oficialmente… – ele disse, apertando um botão em seu relógio – … *agora!*

Bem, lá se ia o tempo que Ty passaria na confeitaria. Rose suspirou. Os irmãos nunca prestavam nenhuma atenção a ela, nem mesmo agora.

Sage já tinha começado a pular na cama elástica.

Leigh puxou a camisa de Rose. – Rosie, florzinha! Uma emergência! – ela gritou.

– O que foi, Leigh?

– Uma lesma! Eu pisei numa lesma! – Leigh levantou o pé para mostrar o cadáver melequento.

Rose abriu os fechos de velcro dos tênis de Leigh, que costumavam ser brancos, mas estavam da cor de uma poça de água suja, e esfregou a sola na grama até que a lesma morta saísse.

Leigh olhava com seus enormes olhos negros para a criatura. Todo mundo sempre dizia que Leigh parecia uma versão em miniatura de Rose – cabelos negros, franjas negras, olhos negros, nariz pequeno –, só que mais bonitinha. Havia alguma coisa relacionada ao arredondado de seu rostinho que Rose não tinha, e não só porque era mais velha.

– Será que deveríamos fazer um funeral para ela? – perguntou Leigh.

– Para a lesma? – perguntou Rose.

Leigh acenou positiva e solenemente com a cabeça e colocou a foto Polaroid na mão de Rose: Purdy e Albert davam um sorriso largo, seus braços envolviam o lindo Ty, o histérico Sage, a adorável Leigh. Rose ficou do lado, mas você não diria que era Rose, porque apenas seu ombro saiu na foto.

Rose devolveu a foto a Leigh e iniciou mais uma semana da mesma velha rotina ingrata.

CAPÍTULO 3

Uma estranha misteriosa

Para Rose, a perspectiva de ajudar Chip era muito mais aterrorizadora do que encontrar uma lesma.

Chip, que vinha sendo o ajudante de Purdy na cozinha desde antes mesmo de Rose conseguir se lembrar, já estava na confeitaria olhando pela janela da cozinha, já tinha passado pela lesma, pelo balanço, pela sebe, por Calamity Falls. Ele era careca e bronzeado e parecia que tinha acabado de sair de uma seção de fotos para a capa de uma revista de fisiculturismo.

A única conversa que Rose já havia tido com Chip dizia respeito às plaquinhas metálicas de identificação militar que ele usava numa corrente em volta do pescoço.

– Você esteve no Exército, Chip? – ela perguntou.

– Nos Fuzileiros Navais – ele resmungou.

– Então por que você está trabalhando como ajudante numa

confeitaria? – ela perguntou.

Chip se agachou até seu rosto ficar frente a frente com o dela. Respirou ruidosamente, fitando os olhos dela. – Eu gosto de cozinhar – ele sussurrou.

Rose imaginou como seria a semana pela frente – tendo de cozinhar ao lado do maciço torso esculpido de Chip e usar as receitas do velho e chato livro de receitas da marca de produtos alimentícios Betty Crocker, que Albert e Purdy haviam deixado para Chip antes de saírem, dizendo:

– Aqui, Chip: use estas receitas.

Ele tinha bufado. – E quanto ao livro especial?

– Este é mais fácil de ler – tinha dito Purdy, entregando-lhe o livro, que tinha uma torta de cereja comum na capa.

Rose ficou terrivelmente chateada por seus pais não teram deixado que ela usasse o livro de receitas mágicas enquanto estavam fora.

Não era justo. Ela dedicava a vida à confeitaria!

Enquanto os outros da idade dela ainda estavam dormindo, era Rose quem acordava cedo para ajudar os pais a se prepararem para o dia. Era Rose quem vinha direto da escola para casa porque precisavam dela para ajudar a limpar a confeitaria à tarde. E Rose fazia tudo isso sem reclamar, na esperança de que um dia também se tornasse uma feiticeira na cozinha. E agora os pais estavam lhe negando a única coisa que sempre havia desejado: cozinhar algo mágico.

E era Rose quem cuidava de sua pequena irmã quando ninguém mais queria fazê-lo. Rose olhou para Leigh, que estava cavando com as mãos um buraco onde enterraria a lesma morta.

– Eu não estou com clima para funeral – disse Rose. – Eu empurro você no balanço. Vem.

Leigh abandonou a lesma e subiu no balanço, uma engenhoca que Albert tinha construído havia um ano. A madeira estava úmida e verde de mofo, e as correntes enferrujadas rangiam conforme Rose empurrava a irmãzinha para a frente e para trás.

– Empurra! – dizia Leigh, impulsionando-se o mais que podia no ar ao

balançar os joelhos salientes. – Mais alto, Rosie, mais alto!

Leigh usava uma encardida camiseta de listras vermelhas e brancas e sua faixa de cabelo também listrada de vermelho e branco, as mesmas que ela insistia em vestir todos os dias. Quando estavam totalmente cobertas com manchas de barro, respingos de suco e riscos de caneta, Rose as roubava do quarto de Leigh enquanto a irmã dormia e as botava na máquina de lavar.

"Não mereço o direito de experimentar um pouquinho de magia?", pensou Rose. "Quando é que todas essas tarefas, de babá inclusive, vão me levar a algum lugar?"

Um minuto depois, Rose ouviu ao longe um motor de motocicleta. O som se aproximava cada vez mais da casa. O coração de Rose deu um pulo no peito, como um sapo bravo preso numa caixa de sapato. Ela só conhecia uma pessoa na cidade que tinha uma motocicleta (ou mobilete, de qualquer maneira), e seu nome era Devin Stetson.

A mente de Rose disparou a juntar algumas coisas para dizer caso ele parasse na entrada da garagem e avançasse para o quintal.

"Oi. Tudo bem? Meu nome é Rose. Conheço você? Por que está no meu quintal?"

Ele diria que tinha visto aquela caravana de carros de polícia e ficado preocupado com Rose. Depois diria que precisava ir à Feira Livre Álamo porque o pai queria fazer *donuts* de mirtilo, mas que ele, Devin, não sabia onde era.

"Eu sei onde é", ela diria. "Vou mostrar a você."

Então ela subiria na garupa da mobilete, e seus joelhos roçariam nos jeans escuros dele. Colocaria o queixo no ombro dele durante todo o caminho e sentiria o cabelo loiro dele bater em suas bochechas por causa do vento. Mesmo se os dois batessem numa pedra e Rose fosse arremessada numa vala e quebrasse as duas pernas, valeria a pena.

Mas Rose não era como as garotas de sua idade. Rose tinha responsabilidades.

O zumbido frenético da motocicleta diminuiu um pouco ao se aproximar da entrada da garagem. Mas não era a mobilete vermelha de Devin Stetson – era uma reluzente motocicleta preta com uma cabeça de garfo que parecia de touro, com um selim prateado e com afiados chifres também prateados que funcionavam como guidões. Uma figura vestida totalmente de couro preto desceu da moto e se inclinou sobre Rose.

O coração de Rose acelerou. Naquele dia, já tinha havido muita gente sinistra na entrada da garagem.

Ela se virou para ver se Chip ainda estava olhando pela janela da cozinha – se necessário, Chip conseguiria enfrentar essa pessoa, quem quer que fosse –, mas ele não estava em lugar algum.

Rose se pôs na frente de Leigh para protegê-la.

A figura removou o capacete preto com as mãos em luvas revestidas de tachões espinhentos e prateados.

O motociclista era uma jovem – a mulher de maior altura e de aparência mais sensacional que Rose já tinha visto fora das telas de cinema. Tinha sobrancelhas negras e bem definidas, nariz longo e aquilino e cabelos negros curtos repicados quase até o couro cabeludo, num corte chique com franjas longas. Os lábios estavam totalmente cobertos de batom vermelho, e os grandes dentes brancos cintilavam ao sol. Era o tipo de mulher que parecia pertencer às páginas de uma revista – o tipo de mulher que Rose secretamente desejava se tornar quando crescesse.

– *Ahhhhh!* – exclamou a mulher. – Ar fresco! Uma cidade pequena! Eu *adoro* cidades pequenas! – Ela lançou uma risada gutural para o céu; depois, desabotoou os fechos de metal da jaqueta preta de couro e a jogou sobre a moto. Usava uma blusinha azul rendada, muito parecida com a que Rose vestia.

– Você deve ser Rosemary! – ela disse, caminhando em direção ao balanço. Apontou para a blusinha de Rose. – Olha só! Somos gêmeas!

Quando a mulher vestida de couro preto chegou perto o suficiente, Leigh disparou para a cozinha, deixando Rose com as mãos nas correntes

enferrujadas do balanço.

– Não se assuste tanto, gatinha! Sou sua tia Lily!

Essa mulher, quem quer que fosse, estava sorrindo de orelha a orelha com todos os seus reluzentes e perfeitos dentes brancos. Poderia Rose ser aparentada a alguém tão… bonita? A mulher parecia mais uma modelo do que uma tia.

Rose evocou uma imagem mental da árvore genealógica da família Bliss que ela havia feito como lição de casa lá no terceiro ano – era um painel verticalmente curto, mas horizontalmente longo, em que escreveu seu nome e o dos irmãos: Parsley, Sage, Rosemary, Thyme; e, acima deles, o nome dos pais: Albert Hogswaddle, Purdy Bliss. Os tios e tias: do lado do pai, havia tia Alice, tia Janine e o estranho tio Lewis. Do lado da mãe: ninguém. Não havia nenhuma Lily. O nome lhe dizia alguma coisa, mas Rose não conseguia lembrar o quê.

– Sua mãe está? – ela perguntou. – Ah, espero ter vindo em boa hora! Sinto saudades da velha Purdy Bliss!

Rose respondeu cautelosamente: – Minha mãe nunca me disse que tinha uma irmã mais nova.

Lily riu de novo, e seu longo pescoço se inclinou para trás. – Ela não tem!

Rose deve ter parecido confusa, porque Lily viu que precisava explicar:

– Não sou exatamente sua tia. O tata-tata-tataravô de sua mãe, Filbert Bliss, tinha um irmão chamado Albatroz, e ele era meu tata-tata-tataravô, então eu acho que isso nos torna… primas em quinto grau! Mas *tia Lily* soa melhor, você não acha?

Rose procurou visualizar a árvore genealógica, tentanto se lembrar se havia algum Albatroz ou Filbert. Mas, aí, a árvore se transformou num grande bosque de árvores retorcidas.

– De qualquer modo – continuou Lily –, ouvi que a querida Purdy tinha tido um bebê! E que também tinha aberto uma confeitaria!

– Quatro bebês – disse Rose, protegendo os olhos do sol com as mãos.

– Bem, parece que estou um pouco atrasada!

Lily caminhou de volta para a moto e começou a tirar as luvas, dedo a dedo. – Veja, eu também sou confeiteira! Eu já tenho um livro de receitas publicado… bem, eu mesma o publiquei. Mas é a mesma coisa! Até tive um programa de rádio por uns meses, *A Concha de Lily*! Com certeza você ouviu falar dele!

Rose nunca tinha ouvido falar de um programa de rádio chamado *A Concha de Lily*, mas de repente se lembrou de quando havia ouvido o nome *Lily*. Tinha sido alguns anos antes. Uma noite depois do jantar, Rose estava ajudando o pai a lavar a louça quando Purdy foi atender ao telefone. Foi um tipo de telefonema em que a mãe não falou muito, apenas se inclinou sobre o balcão da cozinha, muda, enrolando e desenrolando o fio do telefone em volta do dedo.

Quando ela desligou, Rose e Albert ficaram olhando para ela, esperando.

– Era *Lily* – ela disse. Albert arregalou os olhos. – Ela nos achou. Ela quer vir nos *visitar*.

Albert estremeceu. – Você disse não, certo?

– Claro – disse Purdy.

– Quem é Lily? – perguntou Rose.

– Ninguém – respondeu Purdy, subindo as escadas.

Rose saiu dessas suas lembranças, caminhou até Lily e lhe deu um tapinha no ombro. – Pensando bem, já ouvi falar de você. Minha mãe falou com você pelo telefone um tempo atrás. Ela não queria que você viesse nos visitar – disse Rose, com o coração batendo estrondosamente. – Por que ela não queria que viesse nos visitar?

Lily ergueu as sobrancelhas. – Há muito tempo, meu tata-tata-tataravô Albatroz teve uma briga terrível com o seu tata-tata-tataravô Filbert, e agora Purdy não fala comigo, e isso é uma pena! Então eu vim aqui para refazer as cercas entre nós!

– Você quer dizer… pontes, não? – disse Rose.

– Isso, pontes! – Lily sorriu. – Olha, querida, eu sei que você não acredita em mim, mas sou sua prima! Ou sua tia! É a mesma coisa! Eu tenho a marca da família para provar!

Lily se virou e puxou um dos lados das costas da blusinha azul, mostrando a omoplata, que era tão graciosa quanto a asa de um anjo. Rose espiou e viu uma estranha marca de nascença, uma gota com um longo cabo escuro saindo dela e com a extremidade curvada como um gancho.

Rose tinha uma exatamente igual na lateral da perna. Leigh tinha uma no pescoço. Purdy tinha uma no braço. Ty e Sage a tinham ambos na barriga. Todos tinham uma.

– Viu, querida?

Sage correu para fora da cozinha para investigar o touro negro que havia estacionado na entrada da garagem. Ele viu a marca nas costas de Lily e gritou:

– Você tem a concha!

Lily se virou e tentou carregar o robusto Sage no colo, mas então pensou melhor e o colocou no chão. – Você deve ser Sage!

Sage riu e se contorceu. – Quem é *você*?

Lily tocou o nariz dele com o dedo e apertou. – Eu sou sua tia Lily! – ela disse, e fez uma reverência rebuscada. – E vim para reunir a família!

CAPÍTULO 4
Tia Lily dá uma ajuda

Minha mãe não está – disse Rose, mexendo na bainha da camiseta. Tia Lily andou até a moto e desenganchou uma pequena mala de *tweed* e uma bolsa ainda menor, de formato cilíndrico, feita de um veludo molhado marrom que mudava de cor dependendo de como se olhava.

– Parece que cheguei na hora certa, Rose! – disse Lily. – Que maneira melhor de mostrar a seus pais que eu quero consertar nossa conturbada relação do que ajudando os filhos deles quando os dois estão longe?

Rose achou que a coisa toda soava suspeita, e isso na melhor das hipóteses. Rezou para que os pais de repente voltassem e entrassem na garagem, anunciando que tinham esquecido as roupas íntimas.

Mas não houve volta nenhuma.

– Talvez você deva voltar quando meus pais estiverem aqui.

Lily fez cara de cãozinho abandonado. – Só pensei que podia ajudar. Com a confeitaria. – Pegou a mala e a bolsa e as enganchou cuidadosamente na traseira da motocicleta. – Mas percebo que você quer que eu vá.

– *Nããããããão!* – gritou Sage. – Rose, o que você está fazendo? Você não pode mandar um parente embora! Quero dizer, ela tem a concha!

Rose olhou para a glamourosa confeiteira profissional que se oferecia para ajudá-la por uma semana. Então olhou para Sage, seu único ajudante de cozinha, que escolheu justamente aquele momento para cutucar o nariz. Naquela semana, haveria bastante trabalho para ela e para Chip fazerem sozinhos, e Rose teve a sensação de que Ty, Sage e Leigh nem sequer lavariam um prato. Além disso, havia algo naquela mulher que fazia com que Rose não conseguisse deixar de olhá-la – mesmo que Lily fosse suspeita, para dizer o mínimo.

– Espere! – gritou Rose para Lily. – Eu acho… que vamos mesmo precisar de uma ajuda.

– *Obaaaaa!* – gritou Lily. – Eu sei exatamente o que nós vamos fazer hoje para o jantar!

"O que *nós* vamos fazer hoje para o jantar."

Rose não pôde deixar de notar com alegria: tia Lily tinha dito *nós*.

À tarde, a sra. Carlson veio se arrastando pelo quintal dos fundos. Tinha bobes nos cabelos loiros e curtos e usava um *top* de lantejoulas e um *legging* branco que era justos demais. Numa das mãos, ela carregava uma TV portátil; e, na outra, um pote de mingau e uma coisa num saco plástico que parecia bucho e cheirava ainda pior.

Sage tapou o nariz. – O que é isso?

– Vou fazer *haggis* – disse a sra. Carlson em seu carregado sotaque escocês. – *Haggis* é um mingau cozido dentro de bucho de carneiro. Vai fazer nascer algum pelo no seu peito.

Sage agarrou o próprio peito.

– É muita gentileza de sua parte, sra. Carlson, mas não será necessário – disse Rose, nervosamente.

A sra. Carlson inclinou a cabeça para o lado, olhando para Rose. – Por quê?

– Bem – começou Rose –, nossa tia veio nos visitar, e ela já começou a fazer o jantar.

A sra. Carlson soltou um grunhido. – Seu pai não me falou de tia nenhuma!

Rose olhou em volta, nervosa. – Ele… esqueceu que ela estava vindo. Mas ela já está aqui. E vai cuidar da comida esta semana toda.

A sra. Carlson se arrastou até o latão de lixo perto da porta dos fundos e jogou lá dentro o bucho de carneiro. – Bom. Eu não queria mesmo *haggis*.

Como todo o térreo da casa dos Bliss era tomado pela confeitaria, a família passava a maior parte do tempo à noite apinhada em torno da mesa da cozinha. Era uma como aquelas que se veem em lanchonetes de estilo americano: dois bancos de encosto alto feitos de madeira escura e estofados com couro vermelho, um de frente para o outro, separados por uma mesa de cerejeira envernizada; acima dela, um candelabro de ferro que parecia medieval. A família tomava o café da manhã, almoçava e jantava nessa mesa e costumava ficar ali depois do jantar para retomar uma rodada de mau-mau que não tinha fim, fazendo o que podiam para não se acotovelarem conforme pegavam as cartas ou batiam.

Os garotos estavam batendo com o cabo dos garfos e facas em cima da mesa e gritando "Li-ly! Li-ly!" enquanto esperavam pelo jantar. Leigh se empoleirou em cima da mesa como um sapo, com os joelhos pontudos quase tocando as próprias orelhas. A sra. Carlson se apertou entre Ty e Sage, agarrando a bolsa de couro contra o peito.

– Uma família de animais! – exclamou a sra. Carlson.

Rose se encolheu, sentindo-se invisível comparada àquele irmãos mais barulhentos que tudo.

Durante aquela última hora, Tia Lily tinha ficado no fundo da cozinha. Havia trocado o figurino de couro preto de motoqueira por um vestido

fluido de algodão branco, o que a fazia parecer inconcebivelmente alta, limpa e elegante, mesmo que estivesse trabalhando numa cozinha quente e apertada. Passado um tempo, colocou no centro da mesa uma gigantesca travessa laranja.

– *Paella valenciana!* – anunciou. – Este é um prato da Espanha feito com arroz. Eu aprendi a fazê-lo quando estudava violão clássico perto de Barcelona.

Era uma pilha de arroz perfumado, colorido pela delicada cor laranja do açafrão, com pedaços de frango e linguiça apimentada e uma boa quantidade de criaturas marinhas comestíveis.

– Parece *muy gustoso*, *tía* Lily! – exclamou Ty, embora ele normalmente se recusasse a comer qualquer coisa que não fosse bala de alcaçuz ou miojo na manteiga. Nessa noite, estava usando uma camisa limpíssima e havia espetado o cabelo com gel. Rose pensou que tinha a ver com a mulher maravilhosa que circulava pela cozinha.

– Eu acho frutos do mar tão divertidos! – disse Lily. – Meu pai costumava trazer camarões e mariscos para casa o tempo todo. Ele era pescador.

– Então o seu lado da família não é de confeiteiros? – perguntou Rose, pensando que talvez a marca de nascença no ombro de Lily pudesse ser um anzol, e não uma concha.

– Eles tentaram ser – começou Lily –, mas não tinham a coisa… certa. Então se mudaram para a Nova Escócia, aquela ilha lá no Canadá, e se tornaram pescadores. Mas eu não queria esse estilo de vida. Aí comprei uma moto e fugi para Nova York, para ser uma atriz glamourosa!

– Eu estive lá uma vez – resmungou a sra. Carlson enquanto engolia um grande bocado de arroz cor de laranja. – Alguém roubou minha bolsa, e aí uma pomba fez "você-sabe-o-que" na minha cabeça.

Os dois meninos Bliss explodiram em gargalhadas.

– Isso parece mesmo bem Nova York! – disse Lily, abanando-se. – Quando cheguei lá, desci em disparada pela Broadway na minha Trixie…

minha moto… e me senti tão magnificamente *viva*! Daí eu percebi que não tinha lugar para morar e que só tinha dinheiro para alguns cachorros-quentes! Então comprei alguns cachorros-quentes e os comi no Central Park.

– É exatamente o que eu teria feito, *tía* Lily – disse Ty em sua voz mais grave. Rose nunca tinha visto o irmão tentar com tanto afinco ser simpático. E agora ele estava chamando aquela estranha de *tía* Lily, como se a conhecesse a vida inteira.

– Sim! – gritou Lily. – Às vezes é necessário comer um cachorro-quente! De qualquer modo, eu estava vagando pelo lado oeste da 70th Street, e estava ficando escuro. Olhei adiante e vi uma lojinha de *cupcakes* com persianas brancas e adoráveis cortinas amarelas, e uma placa na janela dizia que precisavam de ajudante. Então eu marchei para dentro e disse: "Eu ajudo vocês de graça se me deixarem dormir na cozinha". E eles deixaram! Foi lá que aprendi a fazer bolos.

– Pode me levar com você quando voltar pra lá? – perguntou Sage.

Leigh ficou em pé e começou a pular em cima da mesa. – Nova York! Nova York!

– Talvez eu leve você a Nova York um dia – disse Lily, colocando a mão suavemente nas costas de Leigh para acalmá-la, enquanto a sra. Carlson permanecia sentada fazendo cara feia. – Mas por ora não vou voltar para lá. Vou apresentar meu próprio programa de TV, sabe? Vai se chamar *Magia em Trinta Minutos*. Por isso estou viajando e procurando pelas melhores receitas do país, receitas que são maravilhosas o bastante para ser compartilhadas com o mundo.

– Rose! – exclamou Sage. – Vamos mostrar o livro pra ela!

Rose enrijeceu. – Que livro? – Se Lily estava esperando aprender receitas mágicas, havia vindo para o lugar errado. – Ah, você quer dizer o livro-caixa? Os registros de contabilidade, né? Sage acha que você pode estar interessada no nosso modelo de negócio.

Lily sorriu e se encolheu. – Ah, tudo bem! Eu sou cozinheira, não

contadora!

Rose encarou o irmãozinho, que em resposta apenas mostrou a língua.

Na manhã seguinte, Rose desceu as escadas e encontrou Ty esfregando o salão da frente da confeitaria, usando calças pretas impecáveis e camisa e colete também pretos. Parecia um garçom.

– Você já acordou?! – exclamou Rose. – E você está… O que aconteceu com você?

Ty olhou em volta, nervoso. – Nada, só estou limpando.

– E desde quando você sabe usar esfregão?

– Só estou tentando ajudar a nova mulher da casa – ele disse.

Rose se perguntou se deveria ter tentado parecer mais arrumada naquela manhã. Diferentemente da maioria das garotas na escola, que usavam jeans de marca, casacos caros com *strass* e *tops* de cores vibrantes que também pareciam caros, Rose nunca tinha se preocupado muito com o que vestia. Por um lado, qualquer coisa que estivesse em seu corpo ficaria suja mesmo – de manteiga, gordura, farinha de trigo ou qualquer outro ingrediente que estivesse à espreita na cozinha dos Bliss. E, por outro, uma blusa nova não faria com que parecesse uma estrela de cinema. Não faria Devin Stetson notá-la. Só faria parecer que ela estava se esforçando *demais*.

Mas, ao ficar ao lado da tia Lily, com todas as suas roupas fabulosas, Rose sentiu-se uma moleca de rua e se perguntou se não deveria correr a uma loja e comprar alguma coisa encantadora para si.

Rose passou pela porta dupla de vaivém, estilo *saloon*, que separava a cozinha do salão da frente, e encontrou Chip em pé no canto da cozinha, batendo claras em neve na grande batedeira.

– Os Fuzileiros Navais! – disse Lily, abanando a ponta dos dedos em frente à boca, como quem dissesse: “Uau!”. Ela estava em pé em frente ao

balcão, abrindo uma massa, e tinha trocado a roupa de couro preto por um leve vestido vermelho de bolinhas brancas. – Sabia que fui confeiteira num navio de cruzeiro durante um ano?!

Chip levantou os olhos da batedeira e caminhou em direção a Rose. – Bom dia, Rosie!

Lily o tocou no ombro. – Chip, querido, Rose e eu precisamos de um tempo a sós. Vá tomar um café e relaxar!

Chip deu um suspiro profundo e feliz, e então saiu.

Rose ficou de boca aberta. O que exatamente tia Lily tinha feito para amaciar a rabugice grosseira de Chip? Por que seu irmão mais velho estava *fazendo faxina*? Havia algum tipo de eletricidade em tia Lily, alguma coisa que fazia a gente querer usar a melhor roupa e botar um sorriso no rosto; só que Rose não conseguia apontar exatamente o que era.

– Me ajuda com isso? – pediu Lily, removendo da batedeira a tigela de claras em neve e oferecendo a Rose uma colher.

As duas despejavam colheiradas de claras em neve sobre uma assadeira forrada. Lily fazia isso rápido, sem esforço, como uma bailarina a girar. Seu rosto era a imagem da concentração fácil: lábios pressionados um contra o outro, testa ligeiramente franzida.

– Então, Rose. O que você gostaria de fazer da vida? – perguntou Lily.

Rose olhou para o teto. Ninguém nunca lhe tinha perguntado isso antes. Às vezes tudo o que ela queria fazer era cozinhar e outras vezes achava que ia gritar se visse mais um *muffin* pela frente. Às vezes tudo o que queria fazer era fugir de Calamity Falls, e outras vezes achava que, se algum dia deixasse a cidade, seu coração murcharia até se tornar uma noz seca e parar totalmente de bater.

– Eu não tenho certeza – respondeu por fim.

Lily colocou a assadeira de suspiros no forno. – Eu quero ir a todos os lugares e conhecer todas as pessoas do mundo. Não entendo como alguém consegue fazer a mesma coisa dia após dia, indo aos mesmos lugares, vendo as mesmas pessoas. Eu simplesmente *morreria*.

Rose ficou arrepiada. Tia Lily acabava de resumir toda a existência de Rose.

– Bem, há algo reconfortante em fazer as mesmas coisas e ver as mesmas pessoas – disse Rose, espiando por cima da porta de vaivém para ver o salão dianteiro. Ty estava mudando a placa da frente de FECHADO para ABERTO, e já havia uma fila em volta do quarteirão. – Vê essas pessoas? Eu conheço todas elas.

– Me fale sobre elas – disse Lily, gentilmente.

– Está bem. Sabe aquele homem com o moletom com os sapos estampados, em pé, perto do balcão? O primeiro da fila?

Lily balançou a cabeça afirmativamente. Rose continuou:

– Aquele é o sr. Bastable, o marceneiro. – O sr. Bastable tinha cabelos brancos pegajosos e bigode preto e sempre pareceu a Rose um primo de Albert Einstein. Ele usava um agasalho de moletom com uma dúzia de sapos estampados na frente. – Toda manhã, ele compra um *muffin* de farelo de cenoura.

Lily espiou pela porta. – E quanto àquela mulher pequenininha, de cabelo espetado, que está atrás dele?

Rose sabia que a mulher era tão baixa que Lily conseguia ver apenas o cabelo, que era uma torre grisalha que saía em dois picos de cada lado da cabeça, como as orelhas de um lobo.

– Aquela é a srta. Thistle, minha professora de biologia. E ela é apaixonada pelo sr. Bastable. E acho que ele também é apaixonado por ela. Mas os dois nunca se falam.

Lily arfou. – Um amor secreto! Como você sabe?

– Um dia, o sr. Bastable foi para a nossa aula de biologia para nos mostrar fotos de seus sapos, e a srta. Thistle olhava para ele o tempo todo com esse mesmo sorriso bastante tranquilo no rosto, e ele ficava desviando o olhar dela, mas dava para perceber que era porque não queria que ela soubesse o que ele sente. – Rose estava bem familiarizada com essa técnica: ela a usava toda vez que Devin Stetson passava por ela nos corredores.

Lily olhou para Rose com um brilho úmido nos olhos. – Eu tenho um segredo. – Ela se inclinou para a frente. – Eu não sou da Nova Escócia. Meu pai era do Exército. Nós nos mudávamos para um lugar diferente todo ano. Na verdade, não sou de lugar nenhum. Por isso não entendo o que é morar numa só cidade a vida inteira. – Lily balançou a cabeça e fechou os olhos com força, espremendo as pálpebras. Quando os abriu de novo, seu sorriso brilhante estava de volta. – É que parece tão entediante! Como se todo mundo aqui estivesse preso em seu próprio caminho e nunca conseguisse mudar.

Rose enrijeceu. – Você está falando da minha mãe também?

Lily colocou o braço ao redor de Rose. – Eu não quero dizer de um jeito *ruim* – ela disse. – É que… sua mãe fez a escolha dela. Purdy tinha talentos. Poderia ter sido famosa. Mas, em vez disso, acabou aqui. – Lily abriu um sorriso largo. – Você tem talentos também, Rose. Eu posso ver isso. É apenas questão do que você vai escolher fazer com eles.

Rose enrubesceu. Ninguém jamais a tinha chamado de talentosa antes. Ninguém jamais a tinha chamado de qualquer coisa que não fosse Rose.

Ela estava começando a entender o feitiço esquisito em que Ty e Chip tinham caído. Em torno daquela mulher, havia uma grandiosidade e uma magnificência que rivalizavam até mesmo com as dos unicórnios. Era isso, ou tia Lily apenas sabia exatamente a coisa certa a dizer.

Ty chamou da cozinha. – *Tia* Lily! Mais *croissants*!

Lily pegou o livro de receitas da Betty Crocker com aquela torta comum de cereja na capa. – Este é o livro de receitas que vocês usam sempre? Achei que sua mãe estivesse cozinhando com alguma coisa mais… especial.

– Não, é esse aí – disse Rose, com nervosismo. – Receitas comuns. Minha mãe só acrescenta amor.

O tempo passava tranquilo com tia Lily no leme: Leigh ficava na cozinha como de hábito, mas Lily, em vez de tropeçar nela e espirrar todos os ingredientes como Purdy fazia, dançava graciosamente em volta da menininha e até a fazia sentar e se concentrar:

– Preciso que você conte e separe grupos de dez uvas-passas, Leigh, e os coloque em cada forminha de *muffin*. Você consegue fazer isso?

Leigh indicou que sim com a cabeça e sentou no chão, despejando passa por passa dentro das forminhas de *muffin*, lenta e deliberadamente, até não conseguir mais pensar. Aí, ela se enrodilhou toda e dormiu ao lado da câmara refrigerada.

Ao balcão da frente, Ty sorria para todas as senhoras da cidade, que soltavam *ais* e *uis* vendo quão lindo ele estava de camisa e colete. Chip zanzava para lá e para cá entre a cozinha e o salão da frente como um garçom num restaurante cinco estrelas, adotando uma postura tão ereta quanto podia e alojando uma das mãos às costas enquanto a outra segurava acima da cabeça assadeiras de *cookies* e bolos. Ele parecia tão triste quando as cinco horas da tarde chegaram e seu turno acabou que Lily o convidou para ficar para o jantar.

Na hora do jantar, a sra. Carlson ficou consternada ao encontrar a família sentada com as pernas cruzadas sobre uma colcha no quintal, com Chip e Lily cortando um pernil de cordeiro do tamanho de um aparelho de ar condicionado.

– Então, que coisa estranha comeremos no jantar hoje? Curry? – ela perguntou, praticamente cuspindo de desprezo.

– Não, senhora! – respondeu Sage, todo dengoso. – Isso é pernil de cordeiro com *ziki*!

– *Tzatziki* – corrigiu Lily, rindo. – É um molho grego de iogurte.

Leigh sentou no colo de Chip e roeu o mesmo pedaço de cordeiro por um longo tempo, Sage e Ty limparam o molho de iogurte de suas bocas com as mangas, e a sra. Carlson mal conseguia conter um sorriso enquanto

sugava pedaços do cordeiro, que estava macio como manteiga. O tempo todo, Rose olhava com desconfiança para a tia, que, em menos de dois dias, havia transformado os cenhos franzidos do clã Bliss em sorrisos fáceis.

Leigh ergueu a Polaroid que ficava permanentemente pendurada em seu pescoço e bateu uma foto de tia Lily.

Depois que todo mundo terminou seu cordeiro, Lily se esgueirou pela cozinha e reapareceu carregando uma torta de massa de biscoito esfarelado, cheia de creme. – Eu fiz para vocês todos uma sobremesa maravilhosa!

A cara de Rose caiu. Ela odiava torta de limão.

Sage também. – Eca! Limão?! – Ele estremeceu, franzindo a boca como a de um peixe.

– Não, não! – gritou Lily. – Não tem limão! Eu *detesto* absolutamente tortas de limão! Não, eu garanto que esta é diferente de qualquer coisa que vocês já tenham provado! – ela disse, distribuindo fatias com uma longa faca. – Esta é uma receita do meu tata-tata-tataravô Albatroz.

Rose olhou para a fatia em seu prato. Só a camada de cima era de creme – debaixo dela, havia camadas de espirais vinho e azuis e até mesmo algo que brilhava como as escamas de um peixe. Quando Rose deu uma mordida, sentiu uma substância espessa e amanteigada que era doce e um pouquinho salgada ao mesmo tempo e que, de fato, era diferente de qualquer coisa que já tivesse provado.

O bando dos Bliss ficou sentado em silêncio, mordiscando em pedaços minúsculos a sublime torta, tentando fazê-la durar a noite toda.

– Viu? Esse é o tipo de receita pelo qual eu tenho viajado para coletar – explicou Lily. – Receitas verdadeiramente únicas.

O telefone tocou de dentro da cozinha, mas todos estavam muito distraídos com a torta para notar – até mesmo a sra. Carlson, que, sentada mordiscando silenciosamente, tinha uma fisionomia de êxtase.

Apenas Leigh, que perdeu o interesse pela torta depois de uma mordiscada, correu para a cozinha e subiu num dos bancos de couro vermelho para atender ao antigo telefone preto de disco. Ela gritou de lá de

dentro:

– Mamãe está no telefone. Ty, fale com a mamãe!

Ela deixou o telefone pendurado fora do gancho na parede da cozinha e correu para fora para se juntar ao grupo sobre a toalha de piquenique.

Ty resmungou e se levantou.

Lily agarrou seu pulso. – Termine a torta, Ty; não quero nenhum pedaço desperdiçado!

Ty sorriu ao olhar os longos e elegantes dedos de Tia Lily em torno de seu pulso e, como um cachorrinho obediente, lançou o último naco da torta na boca e o engoliu de uma vez. Depois, caminhou para a porta dos fundos, como se estivesse em transe. Encontrou o telefone balançando no fio e o levou à orelha com indiferença.

Rose podia ouvi-lo falar do jeito que sempre falava ao telefone – de um jeito mecânico, quase robótico. – Oi… Bem… Não, não aconteceu nada de novo.

O que não era verdade mesmo! Tia Lily tinha chegado, o que possivelmente era a última novidade que havia acontecido em toda a história sem graça de Calamity Falls.

Rose teve o impulso de correr para o telefone e contar aos pais sobre tia Lily, para ter certeza de que havia feito a coisa certa ao deixá-la entrar no negócio da família. Rose disse a si mesma que faria isso tão logo desse mais uma mordida na torta. E então deu essa mordida, e nada. Mas, sério, contaria tudo assim que terminasse seu prato. Só que não conseguia parar de mordiscar a torta. Nem mesmo depois de Ty ter desligado o telefone e ter-se sentado no quintal de novo, dizendo:

– Ah, era o de sempre: escove os dentes, vá para a cama cedo e blá-blá-blá.

Tia Lily o silenciou ao levantar uma garfada de torta em direção à boca dele. E então todos ficaram quietos e comeram em silêncio até que cada prato e cada utensílio ficou limpinho e cada migalha da torta desapareceu, como se ela nunca tivesse nem estado ali.

Quase toda noite antes de irem para a cama, as quatro crianças Bliss se juntavam no banheirinho decorado com papel de parede floral verde, no andar de cima, para um ritual que eles denominavam a Hora da Escova. Os quatro, em seus pijamas de flanela, amontoavam-se em torno da minúscula pia de louça branca e escovavam os dentes juntos. Isso, sempre que dava.

Ty tropeçava pelo banheiro em seu único calção de basquete que tinha; estava sem camisa, arrastando com indiferença as cerdas da escova sobre a língua. Leigh meio que esfregava a boca com pasta de dente e então cuspia. Apenas Rose escovava os dentes como se deve: da gengiva para as extremidades, em duas voltas, por dentro e por fora.

Sage sentou na pequena cadeira de balanço que ficava perto da banheira de pezinhos. Estava com os braços cruzados e fazia bico.

– O que foi agora, Sage? – resmungou Rose, enquanto ajudava Leigh a limpar a pasta de dente dos lábios, do nariz e do resto do rosto. Mas Rose já sabia: Sage, como o resto deles, estava pensando na "tia" Lily, que agora mesmo estava se acomodando no quarto de hóspedes, lá no porão.

– Por que não podemos mostrar o livro pra Lily? Ela precisa de receitas pro programa dela! Daí, quando ficar famosa, nós vamos visitá-la e ser famosos também!

Ty cuspiu na pia com gosto. – Nessa eu estou com nosso irmãozinho. Ela precisa de nossa ajuda. Eu acho que ela ia amar… ia adorar todos nós se déssemos o livro para ela.

As palavras de Lily soaram no cérebro de Rose: "Você tem talentos também, Rose… É apenas questão do que você vai escolher fazer com eles". Rose olhou para baixo, para a chave em forma de batedor que ficava pendurada em seu pescoço. – Não podemos fazer isso. Eu prometi.

– Tá bom! – gritou Sage. – Só porque você está com medo da mamãe e do papai e tem que fazer tudo o que eles pedem, a tia Lily sofre? A boa,

gentil, maravilhosa tia Lily? Quem fez *paella*? Quem ajudou na confeitaria o dia inteiro? E quem fez uma sobremesa especial que era melhor do que qualquer coisa que a mamãe e o papai já fizeram usando aquele estúpido livro de receitas?

– Mas nós não a conhecemos! – gritou Rose. Por que seu desejo de fazer a coisa certa e responsável sempre tinha de deparar com a carranca dos dois irmãos?

Então Rose pensou uma coisa – e se ela pudesse ajudar Lily e a si mesma de uma vez só? E se, em vez de mostar o livro a Lily, Rose pudesse copiar algumas das receitas e praticá-las bem debaixo do nariz de Lily? Então, se ainda pudessem confiar em tia Lily ao fim daquela semana, poderiam mostrar a ela as receitas. Desse modo, a própria Rose conseguiria aprender um pouco de magia e talvez mostrar aos irmãos que ela não era só trabalho e regras. E aí talvez contasse à mãe, anos depois, tomando uma xícara de chá, e Purdy riria e diria: "Ah, Rose, que pessoa responsável você é! Acho que você e eu poderíamos tocar a confeitaria juntas!".

Rose sorriu com aquele pensamento. – Eu *acho* que estará tudo bem – ela começou – se só copiarmos algumas receitas do livro e as aprendermos nós mesmos; aí, depois, poderemos ensiná-las a ela no final da semana. Desse jeito, ela vai achar que é uma receita normal com alguns ingredientes estranhos. Mas ela não pode saber sobre o livro!

Sage e Ty fizeram sinal afirmativo com a cabeça. – Lily vai adorar isso! – disse Ty.

– OK – disse Rose, guardando sua escova de dentes e depois a de Leigh. – Vamos nos encontrar nos fundos da câmara refrigerada amanhã bem cedo, antes que ela acorde, e vamos copiar umas receitas.

Os dois garotos cumprimentaram-se num gesto de vitória, batendo as palmas das mãos num *high-five*; e, então, deram tapinhas nas costas de Rose. E, pela primeira vez até então, ela sentiu que todos eles tinham nascido dos mesmos pais.

– Só para constar: eu tenho um pressentimento ruim sobre isso – disse

Rose, mas Ty e Sage estavam ocupados demais fazendo a dancinha da vitória para ouvi-la. Ela pegou Leigh no colo, como um bebê, e a colocou na cama. Rose puxou os lençóis de jérsei vermelho macio e os enfiou sob o queixo da irmãzinha. – Você acha que estou cometendo um erro, Leigh?

Mas Leigh já estava dormindo.

CAPÍTULO 5
O Tomo de Culinária

Bem cedo, na manhã seguinte, Rose desceu a escada na ponta dos pés e entrou na cozinha, ainda de camisola. Tinha um ligeiro pressentimento ruim sobre aquele plano todo, mas um enorme frio de ansiedade na barriga quanto a usar o livro de receitas e formar uma equipe com Sage e Ty, e foi essa a sensação que predominou.

O céu lá fora estava palidamente cinza, e pequenos rios de chuva escorriam devagar pelas janelas, borrando os contornos do quintal. Rose mal conseguia discernir a silhueta escura da moto de tia Lily, estacionada na entrada da garagem. Leigh continuava dormindo, e, enquanto Rose descia lentamente a escada, ainda podia ouvir a sra. Carlson roncar vigorosamente. Tudo estava quieto no porão, de modo que parecia que também Lily estava dormindo.

Ty estava enfiado num dos bancos da mesa, ainda usando seu calção de basquete azul, mais uma regata branca e os fones de ouvido verde-limão que

funcionavam como *walkie-talkie* e que ele tinha ganhado de aniversário fazia alguns anos.

– Bem-vinda, Rosemary – ele disse, acenando para que a irmã sentasse. – Você chegou pontualmente. – Ty apertou um botão no fone e falou ao microfone. – Coentro, entre. Entre, Coentro.

Rose ouviu a voz de Sage saltar dos fones de Ty. – Coentro para Folha de Louro, estou aqui. Câmbio.

Rose revirou os olhos. – Seus codinomes são temperos diferentes?

– Sim! – gritou Ty, empolgado. – Folha de Louro para Coentro, Folha de Louro para Coentro. Rosemary aterrissando. Apresente-se à central para a missão, Coentro.

– Por que eu não tenho codinome? – perguntou Rose.

– Porque seu nome já é um tempero, minha cara *Alecrim* – disse Ty.

– Tem razão, meu caro *Tomilho*[7]. Só que *thyme* é tomilho em inglês, e não folha de louro, e s*age* é sálvia, não coentro, – disse Rose.

Sage deslizou com as meias até o joelho, atravessando a porta de vaivém do salão da frente, e pisou na terracota da cozinha, usando as calças do pijama de flanela, casaco preto e óculos escuros. Rose achou que os irmãos pareciam espiões numa festa do pijama, e ela deu uma risadinha enquanto Ty lhe passava um fone verde. Sage espiou em volta, dramaticamente, e foi até a mesa na ponta dos pés.

– Eis o plano – começou Ty. Ele se distraiu momentaneamente com o próprio reflexo na janela da cozinha e ajeitou o cabelo. Depois continuou: – A gente entra, copia algumas receitas e sai. Simples, limpo, sem danos colaterais. Eu leio em voz alta, e Rose escreve o que eu disser, porque ela tem letra boa…

– E quanto a mim? – perguntou Sage.

Rose e Ty se entreolharam. – Você vai ficar de olho no livro junto comigo, para ter certeza de que estou pronunciando tudo corretamente – propôs Ty. Sage balançou positivamente a cabeça, feliz por ter recebido um

[7] Nota da editora: só para lembrar, são essas as respectivas traduções dos nomes Rosemary e Thyme.

papel importante.

Rose abriu a porta da câmara refrigerada, e os três espiões adentraram o corredor escuro. Rose podia ver a própria respiração se condensar como gelo no ar gelado. Mas então a lâmpada acima de suas cabeças tremulou e apagou, deixando-os no escuro, incapazes de diferenciar os ovos do açúcar ou uma parede da outra.

– Isso é arrepiante – sussurou Sage.

Rose tateou procurando a ponta da áspera tapeçaria verde no final do corredor e a puxou. Em seguida, deslizou a mão sobre a madeira rústica e o ferro da portinha até que sentiu o buraco da fechadura. Sentiu um pouco de enjoo enquanto virava o forcado delicado da chave em formato de batedor e abria a biblioteca.

Purdy nunca a tinha deixado *ver* de verdade o conteúdo das receitas no Tomo de Culinária Bliss, mas agora, depois de todas as incumbências e as atividades de babá, Rose sentia que estava qualificada a aprender os antigos segredos que eram sua herança de família.

– Temos que pegar umas que sejam emocionantes e que realmente façam as coisas acontecerem – disse Sage, passando o dedo no couro da capa, que tinha um relevo num intrincado padrão de filigrana que lhe conferia uma aparência de porta antiga de catedral.

Ty enxotou Sage de perto do livro e abriu a capa.

Rose espiou por sobre os ombros dele. – Espere! – ela disse. – Tem aquela de *muffins* de papoula que a mamãe estava fazendo aquela manhã. Leia aquela.

Num lado da página, a ilustração mostrava uma sombria cozinha de madeira. Uma mulher mais velha, de avental e gorro amarrado por baixo do queixo, que tirava do forno uma assadeira de *muffins* macios, enquanto um homem de chapéu de aba larga e casaco de pele muito ornado chorava e batia no chão com os punhos.

Do outro lado da página, estava a receita.

Mas não era como uma receita comum, com a lista de ingredientes e as

instruções passo a passo – era mais como uma história.

Ty leu a introdução em voz alta:

Bolos de papoula vermelha,
para lembrar-se de coisas perdidas

Foi em 1518, na ilha escocesa de Froth, que a sra. Gresnil Bliss, de avental vermelho, fez o avoado lorde Fallon O'Lechnod lembrar-se do local onde perdera sua estimada capa. Lorde Fallon disse: "Ela era ornada com rubis e forrada com pele de arminha! Sumiu há duas semanas no mínimo. Foi roubada por meus rivais". A sra. Bliss assou para ele esses bolos, e lorde Fallon lembrou-se de que colocara a capa numa cadeira da sala de jantar do padre Pierrod, duas semanas antes, e a deixara lá.

– Que raios significa tudo isso? – perguntou Sage.

Ty se virou para Sage. – Eu acho que significa que nossa tata-tata-avó, ou coisa que o valha, ajudou um cara rico a lembrar que ele tinha esquecido o casaco durante um jantar. – Ty continuou a ler enquanto Rose escrevia aceleradamente em seu caderno de notas:

No centro de uma tigela, Gresnil Bliss colocou dois punhados de ***farinha de trigo*** *pura como a neve. Ela quebrou um dos* ***ovos de galinha*** *dentro da porção de trigo e depois furou a gema dourada com o dedo mindinho da mão esquerda enquanto sussurrava Oublietto desoletto três vezes seguidas.*

Então ela misturou uma bolota de ***sementes negras*** *numa porção de* ***leite de vaca*** *enquanto sussurrava Souviendo reviendo. Despejou o leite sobre a farinha e mexeu com uma colher de metal cinco vezes, girando no sentido dos ponteiros do relógio. Aspergiu* ***saliva de elefante*** *sobre a mistura e depois assoprou. Aí, colocou uma pétala de* ***papoula vermelha*** *no centro de cada bolo.*

E continuava assim por um tempo.

Havia um **vento que vinha do norte**. *Ela pôs o bolo no forno aquecido com* **sete chamas** *pelo tempo de* **seis canções** *e então serviu a lorde Fallon O'Lechnod, cujos olhos flamejaram com um brilho verde, e ele recuperou sua capa na casa do padre Pierrod.*

– Eu não sabia que as receitas eram… assim – disse Rose. Olhou para suas anotações. *Uma bolota de sementes negras? Aquecido com sete chamas? Pelo tempo de seis canções?* – Eu não faço ideia do que essas medidas todas significam.

Rose encarou os irmãos com um desespero silencioso.

Ty checou seu relógio. – São sete horas. Chip vai chegar daqui a pouco. Precisamos nos apressar. Vamos só terminar de copiar isso e depois tentamos entender.

Meia hora depois, Rose, Sage e Thyme saíram do depósito secreto com uma cópia, palavra por palavra, de cinco receitas que experimentariam durante a semana.

Quando emergiram da câmara refrigerada, viram pela janela embaçada acima da mesa uma figura roxa e tremida, que se movia perto da entrada da garagem.

– Quem é? – sussurrou Rose. Eles abriram um pouco a porta dos fundos e espiaram.

Era tia Lily, que trajava regata roxa e calças também roxas com lantejoulas. Usando uma pequena chave inglesa, ela estava apertando um parafuso de sua moto, com o cabelo escuro e curto cintilando na chuva.

– O que ela está fazendo acordada tão cedo? – sussurrou Rose.

Em vez de responderem, seus irmãos correram para cumprimentar tia Lily. Rose ficou na porta, sem querer molhar a camisola. Como é que Sage e

Ty nunca vinham aos pulos para cumprimentar a *ela*, sua irmã?

Lily soltou a chave inglesa e lançou os braços em torno de Ty e Sage. – Meninos! – ela disse –, o que vocês estão fazendo em pé tão cedo?! E por que estão usando *walkie-talkies*?

Sage e Ty se entreolharam. Sage sorriu, mas Ty tirou os fones da cabeça. – Só brincando com Sage – respondeu Ty. – Você sabe. Coisa de criança.

– Aha! – disse Lily. Ela notou Rose em pé na porta, ouvindo-os, e a chamou. – Bom dia, Rose!

– O que está fazendo, tia Lily? – perguntou Rose.

Lily deu um sorriso tão largo que mostrou as gengivas. – Eu nunca consigo dormir depois das sete, então pensei que tornaria o café da manhã mais palatável se eu levasse um de vocês na Trixie! – Ela deu um tapinha no guidão prateado daquela moto que parecia um touro. – Quem quer vir? Montanhas são bem mais agradáveis de moto!

Sage levantou a mão enquanto pulava. – Eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu!

Ty ficou impassível, absolutamente calmo, embora Rose soubesse que ele estava morrendo de vontade de ir.

Lily deu a Sage um capacete preto. Sage deu um pulo de alegria, afivelou o capacete sob o queixo e subiu na garupa da moto. – Você é o próximo – disse Lily, piscando para Ty.

– Sim, claro. Legal – disse Ty, que então voltou a passos lentos para a cozinha. – Com licença, *mi hermana* – ele disse. Rose não se movia da porta. – Qual é o seu problema, mana?

Ela encarou o irmão mais velho, olhando bem dentro daqueles brilhantes olhos cinzentos, e disse:

– Alguma coisa me incomoda na tia Lily. Por que ela levantaria tão cedo só para trabalhar na moto com essa chuva? E por que ela veio para acabar com uma rixa familiar de duzentos anos justamente numa semana em que nossos pais calham de estar fora da cidade?

Ty empurrou o braço de Rose para passar. – Você está imaginando

coisas, Rose. Você só está com inveja porque não tem moto e porque não tem mais de um metro e oitenta nem é maravilhosa.– Rose ainda era muito jovem para ser maravilhosa, mas as palavras a incomodaram de qualquer modo: ela já sabia que não possuía os ingredientes para a beleza futura. E certamente não precisava que Ty a lembrasse disso.

– Vou mudar de roupa e ficar mais apresentável – anunciou Ty enquanto subia a escada.

Rose suspirou. "É bem provável que eu esteja mesmo com inveja", ela pensou – inveja da magnífica risada de tia Lily, e de suas magníficas roupas, e de sua magnífica vida.

Arrastou de novo os pés pelo escuro corredor da câmara refrigerada e puxou a tapeçaria. Girou a maçaneta da biblioteca mais uma vez, só para ter certeza de que estava trancada.

Depois, enquanto fechava a porta do corredor, viu um pequeno ponto tremeluzente no chão. Ela se inclinou para olhar mais de perto.

Era uma lantejoula roxa, do tipo das que estavam nas calças de tia Lily.

Lily tinha estado na câmara refrigerada aquela manhã.

CAPÍTULO 6

Receita primeira: Muffins do amor

Rose abriu em pânico a porta do quarto de Ty e Sage, jogando longe a placa de HORÁRIO DE VISITA. Ty estava puxando o lençol branco que dividia o quarto.

– Você não sabe ler? Parece três da tarde para você? – Ele fuçou numa pilha de meias e camisetas e puxou um par de calças cáqui que estavam bem amarrotadas.

– Não agora, Ty! – gritou Rose. – Olha só o que eu achei na câmara refrigerada! – Ela segurava a lantejoula roxa na ponta do dedo, como se fosse uma joaninha, e a balançava debaixo do nariz de Ty.

– E? – Ele bocejou.

– *E* tia Lily estava bisbilhotando! Enquanto estávamos copiando as receitas! Eu disse a você que havia alguma coisa suspeita nela!

Ty a ridicularizou. – Já ocorreu a você, *mi hermana*, que ela só queria leite junto com seu café e que a gente calha de guardar o leite num

refrigerador, como qualquer família? – Ele esticou as calças em cima da cama e tentou desamarrotá-las com a palma da mão.

– Café? – repetiu Rose, baixinho. – Ela estava tomando café?

– Claro – disse Ty. Ele se levantou. – Olha, ela até deixou a caneca na entrada da garagem.

Rose deu uma espiada no quintal pela janela acima da cabeceira da cama de Ty. Aninhada nos seixos da entrada da garagem, havia uma solitária caneca com líquido escuro.

– Talvez – disse Rose. Ela então colocou a lantejoula de volta no bolso de trás das calças, só para o caso de Lily ser realmente suspeita e ela, Rose, precisar provar alguma coisa à polícia mais tarde.

– Você é confeiteira, Rose – disse Ty –, não detetive.

– Tá bom. – Rose fez bico. – Vamos cozinhar, então. – Ela colocou seu caderno de notas no chão enquanto Ty vestia as calças por cima do calção de basquete. – A receita de *Muffins* do Amor não parece tão ruim. Aqui. – Ela apontou para o título da receita:

Muffins de curgete,
para dissolver vários empecilhos ao amor

– Curgete? – estranhou Ty.

– Outro nome para a abobrinha – disse Rose. Ela leu em voz alta o que tinha copiado:

Foi em 1718, no vilarejo britânico de Gosling's Wake, que sir Jasper Bliss juntou duas das mais desafortunadas almas, o viúvo James Corinthian e a costureira Petra Biddlebumme, que eram respectivamente demasiado triste e demasiado tímida para se atirarem ao glorioso fogo do amor. Jasper fez uma entrega especial desses muffins de curgete na casa de cada um dos dois, e então esperou a uma distância segura da loja da costureira Petra Biddlebumme. Duas horas após a entrega dos muffins, o viúvo James

Corinthian correu para a porta de Petra Biddlebumme, que o convidou para um chá. Eles se casaram um mês depois.

– Uaaau – disse Ty, com sarcasmo. – Parece uma versão antiga do sr. Bastable e da srta. Thistle.

– Você tem razão – disse Rose. – Você sabe o que deveríamos fazer para testar nossa receita? Assar dois desses *muffins*, dá-los ao sr. Bastable e à srta. Thistle quando eles vierem hoje e então ver se os dois se apaixonam!

Ty ficou com cara de quem tinha acabado de chupar um limão. – Não dá para juntar duas pessoas que sejam *atraentes*?

Rose soltou um suspiro. – Típico de você dizer isso. Escuta, o homem veste um agasalho com sapinhos. Desse jeito, magia é a única esperança para ele. Temos tudo para a receita?

Ty leu a receita em voz alta:

Sir Jasper Bliss ralara uma grande curgete enquanto cantava três vezes os nomes dos solitários fregueses. Sir Jasper passara por uma peneira de metal um punhado de farinha de trigo e um punhado de açúcar. Sir Jasper salpicara sobre a farinha duas bolotas da melhor baunilha-do-taiti destilada. Então ele envolvera dentro da massa um ovo de periquito-namorado, variedade Agapornis personata, que sir Jasper adquirira de um místico que os coletara nas florestas primordiais de Madagascar.

Rose olhou para Ty. – Onde é que podemos encontrar ovo de periquito-namorado? Temos de ir a Madagascar?

Ty franziu a testa. – Eu não sei… A mãe e o pai têm todo tipo de coisas estranhas na cozinha. É possível que tenham até ovos de dinossauro.

Desceram à cozinha e entraram na câmara refrigerada para investigar os ovos. Rose abriu uma caixa de papelão marrom com o rótulo *Granja de Calamity: galinhas felizes fazem cozinhas felizes!* Dentro havia uma dúzia de ovos brancos comuns – definitivamente não eram ovos de periquito-

namorado, qualquer que fosse a aparência de tais ovos.

– O que é isso? – perguntou Ty, e Rose ficou na ponta dos pés para ver do que ele estava falando. Atrás das pilhas de caixas de ovos, havia uma maçaneta em forma de rolo de massa. – Legal – ele disse –, eu adoro rolo de massa! – Ty girou a maçaneta com força, e uma rajada de vento soprou para dentro da câmara, que já estava bem fria. Rose sentiu uma quentura repentina nas canelas. Olhou para o chão e viu que parte do piso tinha deslizado, revelando uma escada de madeira que levava a um porão.

Uma passagem secreta! Rose olhou para Ty, que retribuiu o olhar de descrença.

– Já é, sei lá, a segunda sala secreta que achamos nesta câmara esta semana! – ele disse.

Rose pegou uma lanterna numa gaveta na cozinha, e ela e Ty desceram aquela escada, que era feita de tábuas tortas e mal acabadas de uma madeira que parecia a ponto de ceder a qualquer segundo. A luz da lanterna era fraca, e Rose conseguia enxergar só alguns centímetros adiante. Podia sentir o coração pular, mas os passos de Ty atrás de si eram firmes e calmos.

Quando chegou ao fim da escada, Rose arrastou os pés pelo frio chão de concreto, segurando com mãos trêmulas a lanterna à sua frente. Rose gritou diante do que viu.

Olhando para ela, de dentro de um pote de conserva azul, estava um rosto, um rosto humano, só que menor.

– O que foi?! – gritou Ty.

Rose recuou e moveu a luz para mais perto, de modo que o pote inteiro ficou à vista. Dentro, havia o que só poderia ser descrito como um gnomo. Era um homenzinho, de uns quinze centímetros, com volumosa barba branca e chapéu verde. Não estava morto e enrugado, como se espera que esteja um gnomo – ele estava respirando. Roncando, na verdade. Tinha um sorriso onírico, e suas narinas se dilatavam e se contraíam conforme ele inspirava e expirava. Rose estava perplexa. Na parte inferior do pote, um rótulo dizia: O ANÃO DO SONO PERPÉTUO.

Ty ficou sem fala por um minuto. – De jeito *nenhum* – ele disse, espiando a criatura que roncava dentro do pote.

Rose deixou a luz da lanterna deslizar para a direita, onde havia outro pote. Este parecia estar vazio, excetuada uma pequena folha vermelha de árvore que rodopiava dentro dele como se estivesse no parque num dia de outono. Nesse pote, lia-se: O PRIMEIRO VENTO DE OUTONO.

Ty tinha se virado na direção oposta para investigar um pote que estava cheio de uma poeira brilhante. – O que é isso? – perguntou Rose.

– Luz de eclipse lunar – ele sussurrou. A luz lançava um matiz azul no nariz de Ty. Ele espiou um pote na prateleira abaixo e, quase sem fôlego, exclamou: – Olha, Rose!

Rose se virou e posicionou a luz da lanterna sobre um pote menor. Este não era feito com o mesmo vidro azul que os outros – era de um vidro verde que estava reforçado por arame farpado. A tampa era de metal enferrujado e estava travada. Rose mal podia imaginar o que havia dentro – parecia um globo cinza pegajoso, quase do tamanho de uma bola de beisebol. O rótulo dizia: OLHO DE BRUXO.

Rose e Ty se entreolharam, sem acreditar. Já tinham visto o pai perseguir vento, sussuros e pássaros exóticos – será que ele havia também matado um bruxo e lhe roubado o olho? Será que existiam coisas como bruxos? Será que o bruxo um dia voltaria para recuperar seu olho? Rose estremeceu ao pensar nisso. Se havia Anões do Sono Perpétuo morando numa sala secreta sob a cozinha, o que mais haveria?

Ty deu um tapinha no ombro de Rose e disse: – Aqui, olha! Ovos de periquito-namorado!

Lá, num dos potes azuis, estava mais ou menos uma dúzia de minúsculos ovos vermelhos com pintas pretas. Ty pegou o pote da prateleira e disse: – Vamos. Eu não quero saber o que mais tem aqui.

Pela primeira vez, Rose precisou admitir que também não estava muito a fim de saber.

Logo depois de Rose e Ty terem colocado o caderno de notas no balcão da cozinha, Lily, Sage e Chip irromperam pela porta dos fundos, carregando engradados de madeira cheios de mirtilo, morango e framboesa.

– Como vamos cozinhar com eles aqui? – Rose perguntou baixinho a Ty.

Um sorriso diabólico atravessou o rosto do irmão. – Vou falar com Leigh.

Ele subiu a escada, desapareceu e reapareceu, com Leigh seguindo sua trilha de olhos bem abertos. – Tudo pronto – ele balbuciou, baixinho.

– Ei, pessoal! – disse Ty, chamando Chip e Lily. – Vocês dois poderiam olhar Leigh hoje? A *hermana* mais velha e eu precisamos nos concentrar na cozinha.

Chip se aproximou do vidro da porta da frente da confeiraria. Já havia uma fila barulhenta de cidadãos famintos à luz do sol da manhã, esperando impacientemente pelo doce matutino: a mentirosa costureira sra. Havegood, o absurdamente alto xerife Raeburn, a quieta bibliotecária srta. Karnopolis e uma dúzia de outros, todos clamando por confeitos.

Assim que Chip abriu e escorou a porta, Leigh a atravessou correndo, gritando:

– Esconde-esconde! Esconde-esconde! – E saltitou rua abaixo.

– Leigh! – gritou Chip. – Volta aqui!

Lily agarrou Sage pela mão e correu porta afora atrás de Leigh. – Vamos pegá-la! – ela gritou, já na metade do quarteirão.

Chip gritou:

– Eu cuido dos fregueses! – Ele não tinha escolha a não ser deixar Rose e Ty sozinhos por enquanto.

Na cozinha, Rose abriu o caderno de notas sobre o balcão. Ela ia finalmente ter a chance de preparar alguma coisa – não apenas alguma coisa comum, mas algum coisa extraordinária! Do Tomo de Culinária! Então, por que suas mãos estavam tremendo? Sentiu que estava prestes a se apresentar num show para milhões de fãs histéricos – cheia de orgulho e entusiasmo,

mas também petrificada. E se ela cometesse um erro e todos vaiassem? Ou, pior, e se alguém se machucasse?

Sir Jasper Bliss ralara uma grande curgete enquanto cantava três vezes os nomes dos solitários fregueses.

Ty lavou uma abobrinha e a moveu para cima e para baixo ao longo da áspera superfície de um ralador de queijo, e úmidos filetes verdes chuviscavam numa pilha desordenada de polpa.

– Não se esqueça de cantar! – disse Rose.

Ty bufou. – Sr. Bestable e srta. Thistle.

– Mais alto!

– Sr. Bastable e srta. Thistle! Sr. Bastable e srta. Thistle!

Chip enfiou a cabeça pela porta de vaivém. Ele estava arfando, e seu rosto estava vermelho e suado. A fila lá fora tinha dobrado de tamanho. – Vocês estão bem, meninos?

– Claro – balbuciou Ty, ficando com as bochechas vermelhas –, a gente estava só… tentando lembrar a letra de… um *rap*.

Chip franziu a testa. – Exatamente como a mãe de vocês, sempre falando coisas sem sentido enquanto cozinha! – Ele desapareceu atrás da porta de novo; Rose e Ty soltaram um suspiro de alívio.

Sir Jasper passara por uma peneira de metal um punhado de farinha de trigo e um punhado de açúcar.

Rose levantou uma sobrancelha. – Um punhado. Que raios é um punhado? – Ela fechou o punho e o colocou perto dos copos de medida metálicos da mãe, que ficavam organizadamente guardados dentro um do outro como bonecas russas. O punho de Rose era quase do tamanho de um dos copos.

Ty fechou o próprio punho, que era do tamanho de uma manga, e

então segurou o maior dos copos, que ficou minúsculo na comparação. – Bem, *mujer* – ele disse –, as pessoas eram menores antigamente. Vamos usar o copo menor. – Ty mergulhou o copo dentro do saco de juta com farinha de trigo e retirou o excesso da borda com o dedo; depois, peneirou a farinha com uma peneira de metal que parecia uma rede rasa de caçar borboletas.

Então ele envolvera dentro da massa um ovo de periquito-namorado, variedade Agapornis personata, que sir Jasper adquirira de um místico que os coletara nas florestas primordiais de Madagascar.

Rose abriu cuidadosamente o pote de conserva azul, assegurando-se de que Chip não via o que estavam fazendo. Ela quebrou o ovo no centro da massa, e uma gema da cor de uma papoula vermelha se estatelou dentro da massa branca.

A gema começou a tremer e sacudir dentro da tigela; em seguida, desapareceu sob a massa. Reapareceu um segundo depois. E se movia cada vez mais rápido, até que começou a circular em volta da massa, transformando-a numa bola no meio da tigela.

E então a gema explodiu dentro da massa: a mistura estalava e chiava, e fagulhas roxas e azuis saltavam no ar como fogos de artifício em miniatura e depois voltavam para a mistura. Diante dos olhos de Rose e Ty, a massa adquiriu um tom claro e delicado de rosa. Aí os barulhos cessaram, a mistura assentou, e parecia que nada de extraordinário tinha acabado de acontecer.

Rose se arrepiou. Esses não eram *muffins* de abobrinha da Betty Crocker.

Ela estava enfim se tornando uma feiticeira na cozinha. Mesmo Ty fez cara de impressionado.

Rose e Ty distribuíram a massa em forminhas de *muffin* e as colocaram para assar, tentando adivinhar as medidas quando

precisavam. *Asse no calor de seis chamas* se tornou 160 graus, temperatura em que a mãe geralmente deixava o forno, e *pelo tempo de oito canções* se tornou uma bizarra meia hora cantando todas as canções de Natal que os dois conheciam.

Depois de terem cantado oito canções, Rose e Ty removeram do forno uma dúzia de macios *muffins* pintadinhos de marrom e verde e o desligaram.

– O que vamos fazer com o resto? – Rose perguntou.

– Eu me livro deles – disse Ty, carregando o restante dos *muffins* para fora da cozinha.

Rose espiou por cima da porta de vaivém para o salão da frente e viu o sr. Bastable à frente de uma longa e turbulenta fila. Ele arrastou os pés até o balcão, com o cabelo branco inflado como um dente-de-leão. Usava uma camiseta em que se lia EU SOUUM PRÍNCIPE-SAPO – BEIJE-ME.

Rose atravessou a porta correndo, segurando os *muffins* quentes, e praticamente enxotou Chip para o lado. – Sr. Bastable! Bom dia! Em que posso ajudá-lo?

O sr. Bastable a encarou, confuso. – Bom dia – ele balbuciou, fingindo que estava escolhendo um dos doces. – Vou querer… um *muffin* de farelo de cenoura.

O sr. Bastable se virou e notou atrás de si a srta. Thistle, a próxima na fila, trajando um agasalho esportivo colorido e brilhante.

– Srta. Thistle! – gritou Rose. – Dê um passo à frente!

A srta. Thistle olhou em volta e então apontou para si mesma. – Eu?

– Sim, a senhorita! – disse Rose. – Venha até o balcão! Hoje, estamos atendendo duas pessoas ao mesmo tempo! – A srta. Thistle arrastou os pés até o balcão e ficou ao lado do sr. Bastable. Eles se entreolharam por um momento e sorriram; depois ambos se viraram, corados.

Rose tinha visto a mesma coisa nos bailes do sexto ano. Os pares que se gostavam ficavam em lados opostos do salão, sorrindo um para o outro, depois olhando para o chão. Ela ficou surpresa ao descobrir que os adultos

faziam a mesma coisa.

A srta. Thistle tentou falar, mas parecia que sua garganta estava fechada. – Eu gostaria de um *muffin* de farelo de cenoura – ela tentou exprimir.

– Engraçado vocês dois terem pedido o de farelo de cenoura, porque estamos sem! – mentiu Rose. Suas palmas estavam suando, e sua voz saiu fraca e instável. – Mas fizemos uma fornada de *muffins* de abobrinha que são de arrebentar! Acabaram de sair do forno!

Ela ergueu os dois *muffins*, com fumaça ainda saindo do topo deles como de uma chaminé. O sr. Bastable e a srta. Thistle olharam ambos para os *muffins*, com olhos arregalados, e então assentiram ao mesmo tempo.

– Bom – disse Rose, colocando os *muffins* em dois pacotes de papel branco e os entregando ao sr. Bastable e à srta. Thistle. – É por conta da casa!

Ambos saíram da loja mecanicamente e se apressaram calçada abaixo em direções opostas, no mesmo instante em que Leigh correu para dentro. Ela ziguezagueou entre as pernas do resto dos fregueses, que naquela altura já batiam o pezinho impacientemente e estavam ressentidos porque o sr. Bastable e a srta. Thistle haviam ganhado *muffin* de graça.

Tia Lily e Sage entraram correndo atrás de Leigh, que já tinha escapado escada acima. Rose não se importou com o caos na confeitaria. Ela estava se divertindo bastante com o irmão mais velho.

– Rose! Vem cá! – chamou Ty da cozinha.

Quando Rose apareceu pela porta de vaivém, ela viu Ty segurar um cartão rosa cheio de manchas de gordura que tinha a letra floreada da mãe. – Olha isso – ele disse. – É uma tabela de conversão. Eu encontrei no freezer.

Lia-se:

punhado = meia xícara
chama = 12°C

canção = 4 minutos
bolota = colher de chá
noz = colher de sopa

Rose estremeceu. – Isso quer dizer que, quando se pede um punhado de farinha, é metade de uma xícara, não uma xícara inteira?!

– Bem, parecia que estava funcionando. Qualquer coisa, eles vão só se amar mais. – Ty se encolhia e tremia ao pensar nisso. – Nojento.

Rose pestanejou. – Bem, só há um jeito de descobrir.

Três horas depois, Rose e Ty sentaram-se encolhidos atrás de alguns arbustos no gramado da Escola de Ensino Fundamental I de Calamity Falls, espiando a classe onde a srta. Thistle dava sua aula de Magia da Ciência durante as atividades optativas de férias[8].

– Onde raios está o sr. Bastable? – disse Ty, quase cuspindo. – Estamos esperando há uma hora. Eles deveriam estar na casa dele agora, dançando música lenta no meio de um criadouro de sapos.

Na cabeça de Rose, o sr. Bastable chegaria e iria até a janela da sala de aula da srta. Thistle, num belo terno preto listrado e com um corte de cabelo da moda. Ele bateria na janela e diria: "Srta. Felidia Thistle, eu a amo desde a primeira vez que a vi!". O rosto dela se iluminaria, e seus olhos cintilariam com as lágrimas de alegria que não pudera derramar até então. Ela pularia a janela e iria embora com ele, de braços dados, deixando os alunos do primeiro ano sentados e de queixo caído.

A cena toda era muito similar ao que Rose desejava que acontecesse entre ela e Devin Stetson, se ela um dia se visse dando aula de ciências nas férias.

Mas o sr. Bastable não estava por ali.

Rose suspirou. – Eu acho que é porque nós bagunçamos as medidas. – Ela queria arrancar os próprios cabelos. Ou chorar. Ou as duas coisas. –

---

[8] Nota da editora: nos EUA, o ano letivo começa na primeira terça-feira de setembro. Antes, há as férias de verão, que duram de dez a onze semanas e se iniciam em fim de maio ou começo de junho. Nesse período, as escolas oferecem cursos e atividades de recuperação, reforço ou complemento pedagógico.

Mas, agora que sabemos o que as medidas todas significam, podemos acertar da próxima vez – aventou Rose, esperando que houvesse uma próxima vez.

– Xi, não sei – murmurou Ty. – Parece perda de tempo. Eu só queria mesmo mostrar para a tia Lily que eu… *nós*… somos capazes de fazer magia. – Ty ficou em pé de novo. – E, se não somos capazes, então eu tenho coisas mais importantes para fazer. Como jogar videogames. Ou dormir. Peça para Sage ajudar você. – Ele se endireitou, sacudiu a poeira e as folhas da frente da camisa e se mandou.

Rose caminhou para casa atrás dele, lamentando a derrota.

Naquela noite, Rose sentou-se à mesa da cozinha tendo no colo uma Leigh exausta e imunda, mas feliz.

Tia Lily sentou-se ao lado de Rose e afagou a cabeça de Leigh. – Fiquei tão preocupada com você! – ela disse a Rose.

Tia Lily tinha feito pizza para o jantar – uma linda massa fina e saborosa, um molho de tomate maravilhoso, muçarela fresca e azeitonas. Chip preferiu voltar para casa, exausto depois de um dia trabalhando sozinho no salão da frente.

A sra. Carlson balançou o dedo na cara de Leigh. – Eu a teria encontrado – disse com firmeza. – Eu costumava ser espiã.

Lily disse que tinha de ir ao banheiro e desapareceu no quarto de hóspedes no porão, que era equipado com uma minúscula pia, chuveiro e privada.

O telefone tocou, e Rose correu para atender. Era sua mãe.

– Querida! – disse Purdy, em tom carinhoso.

O pulso de Rose acelerou. Ela queria tanto confessar que tinha estado na despensa e no porão, e copiado as receitas, e brincado com magia, e tentado fazer o sr. Bastable e a srta. Thistle ficarem juntos. Mais que tudo, queria contar à mãe sobre a chegada de tia Lily, perguntar se Lily estava

dizendo a verdade sobre ser parente, perguntar se ela era suspeita.

Mas percebeu que não deveria. Poderia colocar todos eles em encrenca – e, sério, Lily seria assim uma encrenca tão grande? Tudo o que ela havia feito foi ajudar e tomar conta da confeitaria enquanto os pais de Rose estavam fora. Isso era tão ruim?

Ainda assim, Rose deveria dizer *alguma coisa* aos pais, certo?

Rose abriu a boca, mas, tão logo o nome de tia Lily lhe veio à cabeça, a língua ficou mole, como se a boca de fato não conseguisse formar a frase. Então, antes que percebesse, o pensamento desapareceu por completo de sua cabeça.

– Docinho? – chamou Purdy pelo telefone. – Rose? Você está bem?

– Eu ia falar alguma coisa, mas esqueci. Só estou cansada, eu acho.

Rose terminou a conversa e desligou o telefone.

Sage roía a borda da pizza como um animal. – Ficou muda, Rose? Isso sim é que é novidade!

Lily reapareceu e sentou-se à mesa. Leigh subiu em seu colo, e Lily riu. Rose observava enquanto tia Lily brincava com Leigh e seus irmãos, viu o jeito como seus olhos brilhavam quando ela jogava a cabeça para trás e lançava um sorriso. Era difícil imaginar uma época em que tia Lily não houvesse estado lá, ajudando na confeitaria, polindo a motocicleta e derretendo Chip como se ele fosse uma barra de manteiga.

Ainda assim, Rose estava com uma sensaçãozinha desagradável no estômago. Essa sensação estava lá desde que Lily tinha chegado.

Sim, realmente havia algo que não estava certo em relação a Lily. Rose sentiu isso em seu âmago tão intensamente que, pela primeira vez, ela se dava conta de que esse lugar existia – e lá estava ele, angustiando-a, soando como um alarme.

Aquela mulher tinha um segredo. Algo sombrio, quando não absolutamente sinistro. E Rose estava determinada a descobrir o que era.

CAPÍTULO 7

Receita segunda: Cookies da verdade

Depois que todas as luzes se apagaram, Rose desceu até o quarto de hóspedes no porão para dizer boa-noite a tia Lily – ou ao menos foi o que Rose disse a si mesma. Na verdade, ia fuçar a bagagem da tia para confirmar suas suspeitas de que… bem, de que havia alguma coisa suspeita.

Rose desceu na ponta dos pés os degraus acarpetados e viu uma faixa nebulosa de luz amarela debaixo da porta do minúsculo banheiro. O porão inteiro estava tomado pelo vapor e pelo cheiro de sabonete líquido de lavanda. Não admirava que tia Lily sempre cheirasse como um jardim.

A mala de Lily estava aberta sobre a pequena cadeira amarela no canto.

Rose foi lá de mansinho e olhou dentro da mala. Havia um macacão de couro vermelho, um vestido azul de renda e uma comprida garrafa preta com o rótulo POÇÃO MÁGICA.

Bingo! O segredo do carisma misterioso de tia Lily: ela era uma bruxa.

Rose odiou pensar no que poderia conter aquela poção mágica – talvez algo ainda pior do que um olho de bruxo. Tirou cuidadosamente a rolha da garrafa e recuou, temendo que alguma coisa horrível escapasse dali – um vociferante espírito de demônio, talvez? Um fantasma? Um morcego falante?

Mas de lá nada saiu a não ser um ligeiro odor de produto químico.

Rose espiou pela boca da garrafa. Dentro, havia uma substância branca viscosa. Rose virou a garrafa para que um pouquinho da substância lhe caísse na palma da mão. Cheirou de novo – Rose certamente já tinha sentido aquele odor antes, toda vez que chegava perto das bochechas de Ty. Não havia dúvida: a poção mágica era, de fato, loção antiespinhas.

Faltava muito para tia Lily ser uma bruxa.

Um baque abafado veio do salão da frente, no térreo da casa.

Rose deu um pulo, jogou a garrafa de loção dentro da mala de tia Lily e subiu a escada na ponta dos pés para ver quem, ou o que, havia causado o baque.

A cozinha estava quieta e fria à luz prateada da lua, e Rose sentiu-se um tanto sozinha em sua camisola azul e suas meias brancas felpudas. Rose congelava de medo toda vez que se via sozinha no escuro; por isso, tentava permanecer à noite no andar de cima, onde havia sempre por perto a irmã, um irmão ou um dos pais. Leigh dormia com uma pequena luminária noturna acesa, uma joaninha sorridente que lançava um brilho laranja na parede, e Rose ficava secretamente grata por compartilhar o quarto com a irmã mais nova – embora nunca admitisse isso aos pais.

Rose tremeu ao se lembrar do anão adormecido no pote em algum lugar sob seus pés e se perguntou se ele já tinha acordado um dia.

Então o barulho aconteceu de novo – três vezes.

Ela espiou sobre a porta de vaivém para ver o salão da frente e enxergou alguém que, lá fora, batia freneticamente na janela da confeitaria.

Ty desceu a escada, arrastando os pés até a escura cozinha. – Quem está lá fora? – ele sussurrou. – E aonde você foi depois que escovamos os dentes?

– Eu… Eu… Eu… – gaguejou Rose – queria um copo de água.

– Tem água na pia do banheiro – ele a lembrou.

– A água da cozinha tem gosto melhor – ela disse, o que era verdade, mas não tinha nada a ver com o motivo de estar sozinha na cozinha naquele momento. Rose não poderia deixar os irmãos saberem de suas suspeitas – eles estavam muito encantados com a maravilhosa tia Lily.

– Que seja – ele disse. – Vou ver quem está batendo.

Rose seguiu Ty até a frente da confeitaria.

– Ah, não – resmungou Ty. Quando Rose acendeu a luz, pôde ver o porquê da reação de Ty: a figura frenética da costureira local, a sra. Havegood, batia à janela, com as sobrancelhas tão levantadas que pareciam querer se juntar aos cabelos. A sra. Havegood estava usando um vestidinho vermelho todo estampado com galinhas e se agarrava à bolsa, que era tão pequena que nada exceto um dedal caberia ali.

– O que ela quer a *esta* hora? – resmungou Ty, abrindo a porta.

A sra. Havegood cambaleou para dentro do salão, ofegante. – Ainda bem que atenderam! Eu estava quase ficando louca! – Falava com sotaque bastante britânico, e tanto Ty quanto Rose sabiam que era falso. A sra. Havegood nascera e fora criada em Calamity Falls, mas seu sotaque mudava de acordo com a cidade em que ela fingia ter morado mais tempo. Durante algumas semanas era Paris, às vezes Berlim, e certa vez Tóquio, o que foi bem estranho. O passado da sra. Havegood era como um caleidoscópio: muito pitoresco, sempre mutante e completamente ilusório.

– Eu sei que estamos no meio da noite, mas estou numa crise! – ela gritou. – Acabei de descobrir que receberei um visitante muito importante para o café da manhã!

– Quem? O *presidente*? – perguntou Ty, transpirando sarcasmo e sabendo que, qualquer que fosse a resposta da sra. Havegood, seria certamente mentira.

– Do Camboja! Sim! Como é que vocês sabem?

Ty a encarou, impassível. – O presidente do Camboja está vindo para sua casa para o café da manhã? Será que o Camboja tem *mesmo* presidente?

– Sim, claro! – ela retrucou. – Ele e vários outros chefes de Estado muito importantes virão logo depois do café da manhã. Tomaremos chá. E biscoitos. Eu preciso de biscoitos de canela! Dúzias de biscoitos de canela! E preciso que estejam prontos pela manhã!

– Por que eles estão vindo para sua casa? – perguntou Ty, desafiando-a.

Rose se virou para ele e sussurrou:

– Pare!

Mas já era tarde demais.

A sra. Havegood ajeitou o cabelo bagunçado. – Que bom que você perguntou – ela começou. – Veja, meu pai era dublê e teve um programa de TV em que viajava o mundo e convivia com animais perigosos. Eu costumava viajar com ele. Certa vez, fomos ao Camboja e tentamos domar um lince-de-barbas-negras, que é um felino raro e letal, muito feroz mesmo. Mas meu pai conseguiu fazer o lince ronronar em seu colo como um bichinho de estimação. O presidente do Camboja ficou tão impressionado que ele e meu pai se tornaram bons amigos e parceiros de caça. Ele nos visitava a cada sete anos. E agora chegou a hora de o presidente do Camboja realizar de novo seu *tour* pelos Estados Unidos, e ele naturalmente me fará uma visita para bater um bom papo e comer alguns docinhos. É isso.

Ty olhou desconfiado e deu um passo em direção à sra. Havegood. Embora ela estivesse mentindo descaradamente, Rose sabia que Ty não tiraria sarro na cara dela. Seus pais sempre deixavam a sra. Havegood divagar e divagar – agora que Purdy e Albert estavam fora da cidade, era

responsabilidade de Rose e Ty assegurar que a sra. Havegood se sentisse à vontade na confeitaria dos Bliss.

– Tudo isso parece sensacional – disse Rose, pondo-se entre Ty e a sra. Havegood. – Mas todos estão dormindo agora. Acho que conseguiremos preparar os biscoitos só para o período da tarde.

– Não! – disse a sra. Havegood, tremendo. – Preciso de dez dúzias de biscoitos de canela pela manhã! E, para seu governo, eu pago em dobro!

Rose sabia que ela e Ty teriam de passar a noite acordados para conseguir produzir dez dúzias de biscoitos de canela. – Você topa? – Rose perguntou.

Ty encolheu os ombros com indiferença. Ele geralmente ficava mesmo acordado até as cinco da manhã jogando videogame.

Rose balançou a cabeça afirmativamente. – Tudo bem, sra. Havegood. Volte bem cedo e pegue seus biscoitos de canela. Será uma honra assar biscoitos para o presidente do Camboja.

– Talvez ele a premie com uma medalha! Ele adora medalhas – disse a sra. Havegood, fazendo uma reverência e saindo pela porta. – Voltarei às nove em ponto!

E então se apressou escuridão adentro.

Rose e Ty tiveram de andar pela cozinha na ponta dos pés, de meias, para evitar acordar tia Lily; e tiveram de cozinhar à luz de velas para evitar acordar a sra. Carlson, que era bastante sensível à luz e notaria que as crianças estavam acordadas bem depois da hora de dormir.

– Isso é ridículo – disse Ty ao sentar sobre o balcão, com os braços bronzeados e esguios cruzados sobre o peito.

Rose virava as páginas do índice do livro de receitas da Betty Crocker, procurando por biscoitos de canela. – Bebidas… biscoitos… de aveia… de baunilha…

– Espere! – ele interrompeu. Rose captou um reflexo de entusiasmo em seus olhos, algo que era mais do que apenas o reflexo das velas bruxuleantes. – Pegue as receitas que copiamos do livro. Tenho quase certeza de que lá havia uma que podemos usar para nos vingar da sra. Havegood por ser uma louca mentirosa. Presidente do Camboja?! Ah, faz favor!

– Ty, não deveríamos usar o livro só para brincar com a sra. Havegood. Não é para isso que ele serve.

– Você está certa – ele disse. Então ele contraiu os lábios num bico de decepção. – É que… como nós falhamos ontem, eu realmente queria tentar de novo. Eu… adoro cozinhar.

Rose o olhou de alto a baixo. Ele estava falando sério? Indo contra o que o bom senso lhe dizia, ela fez que sim com a cabeça. – Tudo bem. Eu vou pegar as receitas.

O coração de Rose pulava enquanto ela subia a escada. Ty provavelmente a estava manipulando – agindo como se estivesse interessado em cozinhar para executar uma vingança contra a sra. Havegood. Mas e daí? As reais motivações dele importavam? Era errado enganar a desesperada e neurótica sra. Havegood, mas também era errado mentir – e a sra. Havegood era a maior mentirosa de toda Calamity Falls. Talvez Ty tivesse razão.

Enquanto Rose revirava sua gaveta de roupas íntimas procurando pelas receitas, Leigh dormia em sua cama como uma pedrinha, e Sage apareceu na porta do quarto das irmãs. Seu cabelo ruivo encaracolado explodia do topo de sua cabeça como fogos de artifício no feriado da Independência. – O que está acontecendo? – ele choramingou. – Cadê o Ty? Por que vocês não estão dormindo?

Rose escondeu atrás das costas as receitas escritas à mão. – Não está acontecendo nada – ela disse. – Eu e o Ty estamos lavando a louça lá embaixo. Vá dormir… a gente volta num minuto.

A boca de Sage explodiu num grito: – Me deixa ajudar!

– Desde quando você quer lavar a louça?! – ela perguntou.

Mas ela já sabia a resposta – desde que Ty tinha começado a querer lavar a louça, que foi quando tia Lily chegou. Lily tinha virado tudo de cabeça para baixo.

– Não precisamos da sua ajuda, Sage – disse Rose, talvez um pouco ríspida demais. – Vá para a cama. – Se Rose deixasse Sage ir lá embaixo ver o que estavam fazendo, ele seria bem capaz de ficar trotando pela cozinha e acordar tia Lily e a sra. Carlson.

Sage franziu as sobrancelhas. – Tá bom – ele disse, e voltou para seu quarto pisando duro. Rose sentiu-se mal por censurar o irmãozinho, mas não podia deixá-lo estragar a noite que ela havia planejado com o irmão maior.

Quando Rose voltou para a cozinha, ela e Ty fuçaram as páginas do caderno e encontraram a receita da qual ele se lembrava:

Koekjes van Waarheid
(Cookies da Verdade)

Foi em 1618, na vila mineradora holandesa de Zandvoort, que a srta. Birgitta Bliss desmascarou o ladrão de joias Gerhard Boots ao dar-lhe um Cookie da Verdade. Ele se declarava inocente durante os depoimentos lacrimosos de suas sete vítimas, todos pobres camponeses para quem as joias eram a fortuna da família. Então, depois de ter comido um dos Koekjes van Waarheid da srta. Birgitta, ele confessou os furtos, mesmo batendo na própria cabeça e ombros para fazer-se parar de falar.

– Essa é a receita perfeita para a sra. Havegood! – exclamou Ty. – Talvez depois de comer dez dúzias deles, ela nunca mais volte à nossa casa tarde da noite com emergências falsas.

A srta. Birgitta Bliss misturou dois punhados de farinha de trigo com dois punhados de açúcar mascavo, três ovos de galinha e a respiração suave produzida durante o sono de uma pessoa que nunca tinha mentido. Isso provou ser um corretivo benigno para os mentirosos mais abomináveis…

Etcétera.

– O que era aquele *etcétera*? – pensou Rose em voz alta. Quanto ela estava copiando a receita, Ty tinha balbuciado "Etcétera", dizendo que o resto das instruções eram coisas totalmente óbvias como "deixe os *cookies* esfriarem depois de comer"; assim, Rose apenas indicou daquele modo. Agora, ela se perguntava se tinha negligenciado alguma coisa importante.

– Quem se importa? – respondeu Ty, ríspido. – Na verdade, a pergunta é: quem a gente conhece que nunca mentiu?

Rose pensou se sua própria respiração bastaria. Bastaria até alguns dias antes – ela sempre havia detestado mentira –, mas os acontecimentos da semana arruinaram isso por completo. Desde que tia Lily havia chegado, Rose tinha mentido mais do que em sua vida toda. Isso a fez sentir-se… suja.

– Eu não sei – disse Rose, finalmente.

Naquele momento, Ty teve um estalo. – Leigh! Ela mal consegue falar, quanto mais mentir!

Rose e Ty levaram escada acima até a cama de Leigh um dos potes de conserva azuis que os pais usavam para guardar ingredientes mágicos.

Leigh estava dormindo, embrulhada nas cobertas como se fosse uma panqueca de queijo. Ultimamente, Leigh tinha estado congestionada por causa das alergias – só naquele dia, Rose havia assoado o nariz dela onze vezes. Sua respiração estava tão pesada que, toda vez que inalava, parecia um motor de cortador de grama tentando pegar. Dificilmente era uma "respiração suave", mas tinha de funcionar.

Ty segurou o pote de conserva e sussurrou: – O que eu faço com isto?

Rose ergueu as mãos para o ar. – Eu não sei; colocar perto do nariz dela?

Ty deu uma olhada nas pequenas porções de ranho nas narinas de Leigh, que tremiam e balançavam a cada respiração. Ele então passou o pote para Rose. – Não consigo.

– Tá bom – disse Rose. – Eu faço. – Ela segurou o pote aberto próximo àquelas narinas exaustas, que roncavam e fungavam, e então esperou.

O ronco era tão poderoso que balançava a trava de metal do pote. Depois de algumas respirações, o pote ficou embaçado, e Rose gentilmente travou a tampa.

– Consegui – sussurrou, e se esgueiraram escada abaixo.

Rose e Ty agora entendiam as medidas do Tomo de Culinária Bliss; assim, multiplicaram a receita por dez para fazer dez dúzias – o que significava dez xícaras de farinha de trigo, dez xícaras de açúcar mascavo e trinta ovos. Colocaram os ingredientes na maior tigela metálica da batedeira que puderam encontrar, enquanto o pote com a respiração de Leigh se agitava sobre o balcão com o som do ronco da menininha.

Exatamente quando Ty despejava a última xícara do arenoso açúcar mascavo, o pote se agitou tanto que tombou e rolou sobre o balcão. Rose se lançou sob o balcão como se estivesse escorregando para a última base num jogo de beisebol, e o pote aterrissou com um baque em seu colo.

Ty olhou para Rose, incrédulo. – Boa pegada, *mi hermana*! – ele exclamou e levantou a mão para um *high-five*. Rose bateu na palma dele e corou de orgulho. Ty não a convidava para um *high-five* desde a época em que ela havia descoberto o que era um*high-five*.

Assim que Ty quebrou o último ovo na tigela, estava na hora da mágica. Nada aconteceu num primeiro momento, enquanto Rose abria o pote sobre a massa; mas, depois de um tempo, as laterais do pote se desembaçaram, e nebulosas gotinhas se condensaram no centro do pote. Então os projéteis de respiração sincera gotejaram para dentro da massa e

afundaram; depois, subiram borbulhando para o topo, como um pântano gorgolejante. A massa efervesceu, sibilou e expeliu gás. De repente, a massa cheirava a mostarda e *pastrami*.

– Nojento – disse Ty. – Isso aí estava na respiração da nossa irmãzinha?!

– Doze voltas no sentido do ponteiro do relógio com uma colher de osso – disse Rose. Sua colher de plástico deveria funcionar. Ela usou os músculos para mexer a gororoba, que não parava de engrossar. Conforme Rose mexia, a massa parecia roncar – ela se expandia e se contraía, como se tivesse pulmões. Primeiro inflava como se estivesse a ponto de transbordar a tigela; em seguida, diminuía calmamente até uma úmida e discreta bolinha. Era quase como se a massa estivesse viva.

– Isso é nojento – disse também Rose a Ty.

– Eu acho que é bem radical – Ty cochichou.

Depois de três voltas, o cheiro ruim desapareceu; e, depois de sete turnos, a massa tinha amaciado até se tornar um espesso caldo marrom. A cada volta subsequente, a cor da massa clareava – chocolate amargo, para chocolate ao leite, depois para uma cor amanteigada, e então ficou quase branca. Após doze voltas, ela estava igualzinha à massa de *cookies*. Cheirava igual também: doce e cheia de açúcar.

Rose e Ty colocaram pequenas colheiradas da massa sobre as rasas fôrmas de *cookies* – dez fôrmas no total – e as puseram no forno grande. Já eram quatro da manhã, e Rose não conseguia se lembrar se alguma vez tinha ficado tão cansada assim. Até Ty bocejava. Quando o temporizador da cozinha apitou, tiraram os *cookies*, colocaram no balcão para esfriar e cambalearam escada acima, exaustos ao extremo.

– Coloque o relógio para despertar às quinze para as oito – disse Rose a Ty.

– Sem dúvida, mana – ele murmurou.

– Temos de entregar pessoalmente esses *cookies* à sra. Havegood!

Mas ele já tinha desaparecido para dentro de seu quarto, e logo Rose

também estava envolvida em seus cobertores e se perdeu no sono.

Quando Rose acordou, ela estava balançando para a frente e para trás como se levada por uma onda gigante. Abriu os olhos, assustada, e viu Sage e Leigh pularem cada um num lado da cama.

– Rose! Rose! – gritava Sage. – Acorda! Chip disse que você tem que brincar com a gente porque não podemos ajudar na cozinha!

Leigh chutou as costelas de Rose por acidente, e Rose soltou um grito. Ela se virou, olhou para o pequeno relógio analógico que mantinha ao lado da cama e levou um susto.

11h14.

– Saiam! – ela gritou para Sage e Leigh, arremessando as cobertas e correndo para o quarto de Ty. Ele ainda estava dormindo.

Rose desceu a escada a galope, com o coração acelerado. Chip andava alvoroçado pela cozinha. – Bem, *aí* está você! – ele disse, ríspido.

Exatamente nesse momento, tia Lily saiu da câmara refrigerada, usando calças de risca de giz e avental e carregando várias cartelas de ovos. Seu cabelo estava preto e reluzente. – Rose, querida!

– Por que ninguém me acordou? – disse Rose.

– Pensamos em deixar você dormir! Você tem trabalhado tanto!

Então Rose notou que as fôrmas de *cookies* tinham sumido, todas as dez. – A sra. Havegood veio buscar os *cookies*? – perguntou Rose, rezando para que tudo tivesse saído de acordo com o plano.

– Pode apostar – respondeu Chip. – Disse alguma coisa sobre precisar dos *cookies* para o primeiro-ministro das ilhas Fiji. – A sra. Havegood às vezes tinha dificuldade para manter as próprias mentiras.

Rose deu um suspiro de alívio.

– Mas – ele recomeçou – ela não os quis. Ela disse: “Eu quero biscoitos de canela, e estes certamente não são biscoitos de canela!” – Chip, a fim de imitar a sra. Havegood, levantou a voz para parecer uma etérea e irritante soprano.

Lily deu uma risada profunda e gutural. – Oh, Chip!

Rose deu um suspiro de decepção. Se ela tivesse acordado quando deveria, teria explicado à sra. Havegood que os *cookies* eram na verdade um tipo especial de biscoito de canela apreciados no Sudeste Asiático. Como isso não aconteceu, entretanto, a sra. Havegood recusou os *cookies*. Todo aquele trabalho duro jogado no lixo. Ty ficaria tão desapontado!

– Então você os jogou fora? – perguntou Rose.

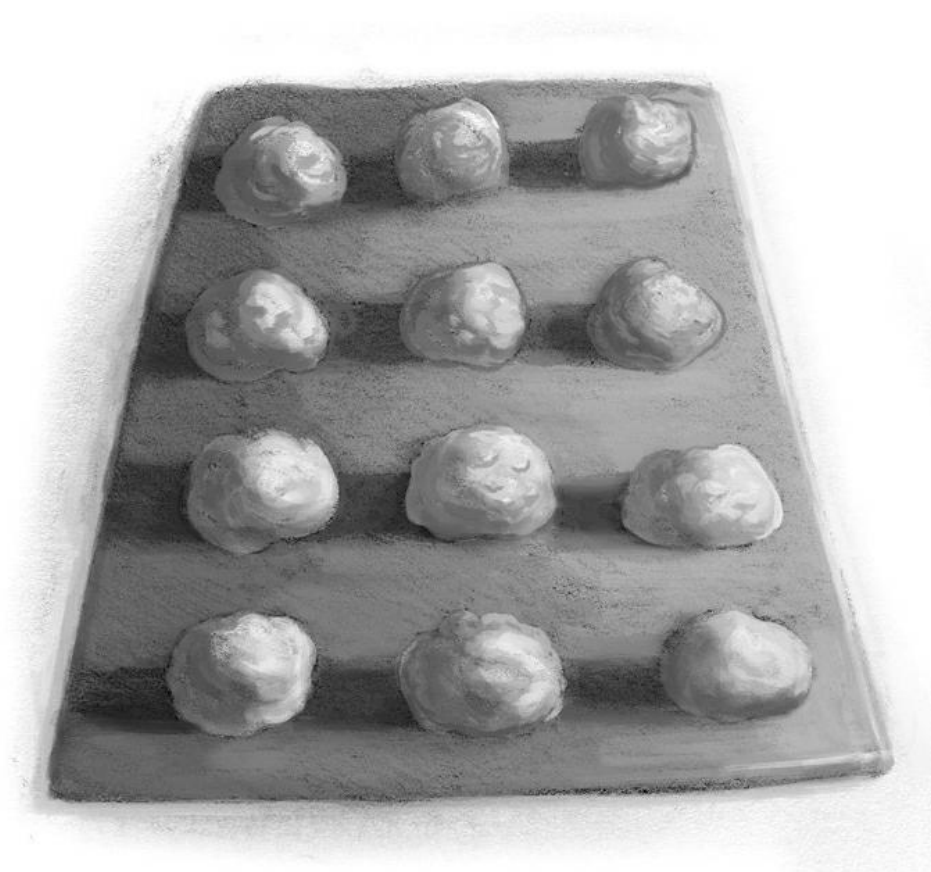
– Ah, não – respondeu Chip com um sorriso. – Eu nunca desperdiçaria comida como aquela! Eu os distribuí.

Rose arregalou os olhos. – Você… *o quê*?

– Claro. Eu dei para cada freguês um *cookie* de graça junto com seu pedido – respondeu Chip.

– As pessoas não conseguiam parar de comer! – disse Lily, entrando na conversa. – *Uuupiiii!*

Rose engoliu em seco. Ah, não! Ela não estava acordada havia mais que dez minutos, mas já tinha ajudado a contaminar a cidade inteira com os *Cookies* da Verdade.

Aquilo não ia ser bonito.

CAPÍTULO 8

A verdade e suas consequências

Rose sentou-se no chão, despencando.

Não teve a intenção, mas seus joelhos fraquejaram; e, quando os joelhos fraquejam, a gente senta onde quer que esteja.

– O que há de errado, querida? – perguntou Lily, agitando-se, com um olhar de preocupação no rosto perfeito. Por um instante, Rose sentiu uma inveja extrema: por que tia Lily sempre parecia tão bela? Rose, por outro lado, nem precisava se olhar no espelho – tinha certeza de que suas bochechas estavam vermelhas e afogueadas, sua testa estava suada e seus olhos ainda estavam inchados de sono.

Às vezes a vida não era mesmo justa.

Chip olhou para ela e perguntou: – Você quer uma cadeira?

Chip tinha distribuído quase duzentos *cookies* mágicos que foram

feitos apenas para a sra. Havegood. Seria isso tão ruim? As instruções diziam que os "*Koekjes van Waarheid* provariam ser um corretivo benigno para os mentirosos mais abomináveis", e a sra. Havegood era a única verdadeira mentirosa abominável que Rose conhecia.

Entretanto… Rose tinha se tornado algo como uma abominável mentirosa naqueles últimos dias: havia mentido para a tia Lily, mentido para Chip, mentido para o sr. Bastable e para a srta. Thistle e, o pior de tudo, mentido para os pais.

Sim, se Rose tivesse comido um dos *Cookies* da Verdade, ela estaria frita. Mas o resto de Calamity Falls deveria estar suficientemente a salvo. Certo?

– Rose! – chamou Sage. – Vem brincar com a gente!

Sage e Leigh estavam pulando na cama elástica do quintal enquanto a sra. Carlson ficava sentada por perto, numa cadeira de praia, sorvendo um chá gelado e assistindo à novela em sua TV portátil, um triste cubinho com antena que ela parecia carregar por aí desde a metade da década de 1980.

– As crianças têm perguntado por você a manhã inteira! – disse tia Lily. Normalmente isso teria feito Rose sentir certo orgulho; mas, no momento, parecia um estorvo.

– Agora não! – gritou Rose pela porta. Então se virou educadamente para Chip. – Para quem exatamente você distribuiu os *cookies*?

Chip cruzou os maciços braços sobre o peito e olhou para Rose, desconfiado. – O que é isso, o jogo das vinte perguntas? Os *cookies* estavam envenenados? Qual é o problema?

Tia Lily tocou gentilmente no ombro também maciço de Chip e disse, carinhosa. – Calma, Chipper… – E ele relaxou.

Rose improvisou. – Bem, eles tinham um pouco de… noz-pecã em pó, e eu quero ter certeza de que você não os deu a ninguém com alergia a nozes.

Chip sorriu e recomeçou: – Entendo. Eu dei alguns para o sr. Bastable, o cara do moletom de sapos, e para a srta. Thistle, a professora… para todos os professores, na verdade… e para os homens da associação de golfe, e para

os bancários, e para o médico, e para a cabeleireira. As pessoas gostaram mesmo deles. Mas não se preocupe: eu guardei alguns para a família – ele disse, apontando para um prato de pequenas pepitas amarronzadas disposto no balcão.

Não parecia tanta gente. A situação era certamente controlável. – Você tem certeza de que isso é todo mundo?

Chip respirou fundo e coçou a careca. – Deixe-me pensar. Quem mais? – Uma grossa veia azul pulsou como um rio na testa de Chip. – *Aha!* – ele gritou. – Um bando de bibliotecárias passou por aqui. Estavam todas num ônibus escolar amarelo.

– Ah – disse Rose. – A LSB.

Chip e Lily olharam para Rose, intrigados.

– A Liga das Senhoras Bibliotecárias – ela explicou. – Fazem excursões pela cidade uma vez por semana. Às vezes vão ao museu, em outras vistam o parque; às vezes vão andar a cavalo, em outras vêm aqui. Mamãe as adora.

– Elas foram legais – disse Chip. – Bastante educadas.

Rose estava a ponto de perguntar a Chip novamente se aquilo era *todo mundo* a quem ele distribuíra os *cookies* quando veio um barulho penetrante lá fora. Rose virou a cabeça e olhou para uma das grandes janelas: um ônibus escolar amarelo com as letras LSB pintadas em azul-elétrico na lateral cantou pneu ao parar exatamente em frente à confeitaria, quase batendo numa fileira de carros estacionados.

A bibliotecária do ensino médio, a sra. Canterbury, emergiu do ônibus, com a franja molhada de suor e as bochecas ruborizadas. Ela irrompeu pela porta e parou no balcão.

Rose atravessou a porta de vaivém, entrando no salão da frente para cumprimentá-la.

– Olá, jovem Rose – começou a sra. Canterbury, com um sussurro preocupado. – As Senhoras gostariam de obter mais dos pequenos *cookies* marrons que foram distribuídos aqui mais cedo. Eu particularmente não posso comer doces, então eu não tomei parte

dos *cookies*… sem ofensa… mas elas os apreciaram muito, muitíssimo, e me disseram que, se eu não voltasse com mais três dúzias imediatamente, elas "me socariam até que eu apagasse".

– Isso não parece coisa muito típica das LSB – arriscou Rose.

– Hoje elas estão um pouco… impacientes – disse a sra. Canterbury, olhando de relance para o ônibus. Bibliotecárias em seus casacos e suéteres de gola em *V* tinham os rostos colados às janelas do ônibus, encarando a confeitaria como maníacas.

Rose nunca tinha visto nada igual. Talvez os *Koekjes van Waarheid* fossem os culpados, mas como poderiam ser? Eles deveriam afetar apenas "os mais odiosos mentirosos", o que as senhoras da LSB quase certamente não eram.

Ou eram?

– Apresse-se, por favor! – disse a sra. Canterbury. – Estou preocupada. As Senhoras não estão em si hoje.

Outra bibliotecária irrompeu do ônibus. Rose a reconheceu: era a srta. Karnopolis, que costumava ler histórias em voz alta durante a hora da biblioteca no ensino fundamental. Ela havia soltado seu costumeiro coque francês, e agora os cabelos lhe voavam em torno da cabeça, formando uma juba encrespada.

– Bom dia! – berrou a srta. Karnopolis. – Mas será *mesmo*? Meu rosto coça, e faz três dias que não tenho tido um encontro bem-sucedido com o banheiro! Então eu acho que é, na verdade, uma manhã mais ou menos. Uma manhã medíocre na melhor das hipóteses! E a bizarra decoração daqui não está ajudando nem um pouco! Quero dizer, *listras*?! Isso é uma confeitaria ou uma barraca de circo?

– Augustine, por favor! – disse a sra. Canterbury, tentando silenciá-la.

– *Por favor* você, Pat! – rebateu a srta. Karnopolis, repreendendo-a. – Já é hora de alguém falar a verdade sobre este lugar. Quem quer que tenha escolhido o papel de parede deste salão deveria levar umas palmadas!

Chip entrou no salão da frente, com a veia em sua testa pulsando como

a garganta de um sapo ao coachar. – *Eu* escolhi o papel de parede! – ele disse, ríspido.

Lily irrompeu à frente dele. – É um ótimo papel de parede, Chippy – ela disse. – Ao menos, tanto quanto pode ser um papel de parede. – Ela se voltou para a srta. Karnopolis. – Já eu sempre preferi uma bela mão de tinta.

Mas a srta. Karnopolis não estava prestando nenhuma atenção – em vez disso, seu queixo caiu à visão de Chip e seu peito musculoso. – Ah, minha nossa! – balbuciou a srta. Karnopolis. – Ah, *minha nossa*, minha nossa, minha nossa! Ah, minha nossa!

Chip engoliu em seco e foi voltando para a porta dupla de vaivém. – Esquece – ele disse, já com as folhas da porta balançando atrás de si.

Tia Lily abafou uma risadinha e, aí, voltou sua atenção novamente para o drama que se desdobrava, conseguindo de algum modo ficar calma.

– Augustine! O que raios deu em você? – apelou a sra. Canterbury.

A srta. Karnopolis se inclinou sobre o balcão e puxou Rose para perto. – Rose, seu cabelo é bom. Você deveria ficar satisfeita com ele… e esperar que ele não caia quando ficar velha. Seu rosto, em si, não é tão bonito quanto o belo rosto do seu irmão Thyme. O que quero dizer é que, se o seu irmão fosse uma garota, seria mais bonita que você; e se você fosse um garoto, seria menos bonito que Thyme.

Rose ficou horrorizada. Isso era uma coisa com a qual ela se preocupava às vezes, na privacidade de sua própria cabeça, quando ia dormir – nunca tinha ocorrido a ela que outras pessoas pudessem estar pensando na mesma coisa, muito menos sua adorada bibliotecária do ensino fundamental.

Rose tossiu e disse: – Ahn, obrigada.

Tia Lily colocou uma mão reconfortante no ombro de Rose. – Não se preocupe, minha gatinha – disse Lily. – Você tem algo que Ty não tem.

Antes que Rose pudesse perguntar sobre o que tia Lily estava falando, dez bibliotecárias furiosas entraram na confeitaria, pisando duro e desencadeando uma cacofonia de tinidos dos sinos que ficavam pendurados na maçaneta da porta.

As bibliotecárias estavam em grupos de duas ou três e discutiam e rediscutiam sobre qualquer coisa e sobre tudo, sem chegarem a consenso nenhum. A sra. Hackett, a especialista em ficção adulta de Calamity Falls, e a sra. Crisp, especialista em obras de consulta para adultos, começaram uma competição aos berros perto do balcão.

– Você não conseguiria arquivar artigos acadêmicos nem se tentasse! – berrava a sra. Crisp.

– Ah, seu cocô de pavão! – retaliou a sra. Hackett.

A coisa continuou assim, e a zoeira no salão da frente se tornava insuportável. Chip espiou preocupadamente por cima da porta de vaivém.

– Tenho certeza de que elas só estão tendo um dia ruim – disse Rose a ele, mesmo sabendo que era muito mais do que isso.

A sra. Hackett e a sra. Crisp mudaram para o balcão da extrema direita, onde a família Bliss exibia todos os bolos de sete camadas que faziam, uma especialidade Bliss: creme de coco, abacaxi, chocolate, banana, cenoura, morango e uma cremosa torre crivada de nozes-pecãs que Purdy tinha intitulado, simplesmente, de Paraíso. Os bolos ficavam sobre suportes de porcelana, cobertos por domos de vidro com pequenos puxadores redondos e vermelhos no topo.

– Admita, sra. Crisp – disse a sra. Hackett, – você não me leva a sério! E só porque não sou uma *nerd* em enciclopédias e dicionários como você!

A sra. Crisp empinou o nariz. – Eu prefiro ser *nerd* em enciclopédia e dicionário a ser especialista em *romance água com açúcar*!

Cada um dos membros da Liga das Senhoras Bibliotecárias bufou e parou sua briga. Elas se viraram para a sra. Hackett e para a sra. Crisp e ficaram olhando, aterrorizadas.

– O que você disse? – perguntou a sra. Hackett com um rugido sufocado.

– Você me ouviu – disse a sra. Crisp, seu lábio inferior tremendo.

A sra. Hackett esticou o braço, alcançou o domo de vidro do bolo de sete camadas no sabor de coco, o levantou e atirou o bolo no rosto da sra.

Crisp – todas as sete camadas.

A sra. Crisp ficou muda, seus olhos, cabelo e todo o rosto coberto com uma camada de espessa cobertura branca, salpicada com fibras de coco branco. Ela lambeu uma porção de seus lábios e disse: – Eu não gosto de coco.

Então um vulcão de barulho entrou em erupção conforme todas as bibliotecárias guinchavam e gritavam e arranhavam umas às outras. A sra.Canterbury se escondeu atrás da mesa de café de ferro forjado para proteger seus olhos, enquanto a srta. Karnopolis se precipitou para trás do balcão e a bombardeava com *muffins* de mirtilo. A sra. Hackett e a sra. Crisp estavam lutando no chão sobre os restos espalhados do bolo de creme de coco, enquanto as outras formaram um círculo em volta delas e torciam.

Sage e Leigh vieram correndo do quintal para assistir, e a sra. Carlson corria atrás deles. – Animais! – ela disse. A briga acordou Ty também, e ele cambaleou até o salão da frente, esfregando os olhos de sono.

– Chip distribuiu nossos *cookies* para a LSB – silvou Rose. – Eu acho que eles funcionaram.

Os cantos dos lábios de Ty levantaram só um pouquinho. – Legal – ele disse.

Mas não era legal, Rose pensou. Era perigoso.

– Vou salvar os pequeninos! – gritou a sra. Carlson ao arrebanhar Sage e Leigh para fora da cozinha e escada acima.

Um momento depois, Chip veio para ajudar. Ele irrompeu as portas manejando um batedor elétrico sem fio e um maçarico para *crème brûlée* como se fossem armas de combate. – Chega! – ele gritou, fazendo o batedor zunir e ligando o maçarico. Um jato de chama azul se lançou para o ar.

As bibliotecárias pararam de brigar e se viraram para a saída, murmurando uma para a outra sobre como Chip era bonito feito o diabo, mas não chegava a ser a graça da festa. Quando a última tinha entrado no ônibus, Chip trancou nervosamente a porta da frente da confeitaria.

– Acho melhor fechar a loja por hoje – ele disse, soando profundamente abalado. Quaisquer horrores que já tivesse visto como combatente nos Fuzileiros Navais, nunca tinha segurado um maçarico para *crème brûlée* diante de uma guerra de bolos como a que tinha acabado de acontecer na loja.

– Vamos limpar esta bagunça, Chip – disse Lily.

– É uma boa ideia – disse Rose. – Eu ajudo em um minuto. Só preciso pegar uma coisa da câmara refrigerada. – E ela arrastou Ty para as profundezas da câmara.

Rose e Ty viravam freneticamente as páginas do Tomo de Culinária Bliss e encontraram a receita dos *Cookies* da Verdade. Nas margens estava uma água-forte de uma cena muito parecida com a que eles tinham acabado de testemunhar: homens e mulheres em tamancos de madeira e chapéus holandeses de duas pontas jogando fatias de pão no rosto uns dos outros e gritando.

Rose encontrou a passagem que estava procurando:

*A srta. Birgitta Bliss misturou dois punhados de farinha de trigo com dois punhados de açúcar mascavo, três ovos de galinha, e a respiração suave produzida durante o sono de uma pessoa que nunca tinha mentido. Isso provou ser um benigno corretivo para os mentirosos mais abomináveis.**

Mas não havia *etcétera* – havia um asterisco.

No pé da página, ela encontrou uma nota escondida na filigrana da ilustração. Era bastante difícil de decifrar a escrita, particularmente com a luz de uma lanterna em miniatura que Rose tinha escondido em seu bolso, mas ela compreendeu a essência do que estava escrito.

** Quando administrado com um copo de leite. Sem o revestimento de leite de vaca, ovelha, cabra ou gato, não apenas as línguas dos mentirosos*

serão corrigidas, mas todo o veneno sabiamente refreado pelas línguas dos meramente educados será expelido. O caos reinará.

– Ty! Você me disse que o resto não era importante! É *muito* importante!

– Cruel, Rosita. *Mucho* cruel – ele disse. – Vou voltar para a cama. Ele deu uma olhadela para ela antes de fechar a porta e disse: – Parece que eu não consigo fazer nada direito. Você fala exatamente como a mamãe.

Com isso, Rose estremeceu. Ela sabia exatamente como ele se sentia.

Rose fechou o livro e se apressou para fora da biblioteca, mal se lembrando de trancar a porta, então correu para fora da câmara refrigerada, trombando com uma mulher bem alta que estava de calças de risca de giz e avental.

Rose permaneceu em pé e não reagiu, mas ofegava.

Tia Lily.

Tia Lily tinha ficado encostada à câmara, esperando. Seu rosto era uma mistura de maquiagem e mistério. – Poderia me dizer o que você tem feito aí dentro? – ela perguntou.

CAPÍTULO 9

Amor das alturas

Lily repetiu a pergunta: – O que você estava fazendo aí dentro, Rose? Você ficou branca.

Rose se virou e examinou seu reflexo no aço cinza da porta da câmara refrigerada e viu que sua pele estava, de fato, da cor de fio dental.

– Eu estava só… pegando um copo de suco de laranja – mentiu Rose.

Lily se abaixou e tocou a bochecha de Rose e disse: – Rose, você ficou lá dentro por dez minutos e não trouxe nenhum suco de laranja. E você está congelando! – Ela colocou seus braços em volta de Rose. – Senta aqui no meu joelho.

Rose se abaixou sobre a coxa em risca de giz cinza de sua falsa tia e sentou-se lá desajeitadamente, como uma criança no colo de um Papai Noel de shopping.

– Agora, me conte a verdade – disse gentilmente Lily. – O que você está escondendo lá no fundo, atrás daquela tapeçaria?

Rose tentou esconder sua surpresa. Como Lily sabia que havia algo atrás da tapeçaria? Ela *deve* ter ouvido Rose, Ty e Sage conversando para lá e para cá enquanto copiavam as receitas na manhã anterior, quando Rose encontrou a lantejoula roxa das calças de Lily no chão da câmara refrigerada.

Rose queria contar à sua tia sobre o livro e os *Muffins* do Amor que deram errado e os *Cookies* da Verdade que, infelizmente, deram *certo* – mas os pais tinham dito a ela para proteger o segredo do Tomo de Culinária Bliss, e ela precisava obedecer aos pais.

Então, em vez de pôr tudo para fora, Rose contra-atacou com uma pergunta igualmente importante: – Por que você estava nos espiando ontem de manhã?

Tia Lily olhou para ela diretamente nos olhos, e Rose também a encarou, admirando o brilho escuro dos olhos castanhos de Lily e a curva benfeita de seus cílios, que eram tão longos que pareciam o tipo de cílio que uma mulher de desenho animado pisca para conseguir atenção. – Eu espiei porque estava preocupada, Rose. Vocês três acordam tão cedo para ficar dentro da câmara e depois ficam acordados a noite toda para fazer *cookies*...

Rose mal conseguia produzir um sussurro: – Mas nós fomos tão silenciosos!

Lily riu. – Ora, Rose! Eu sou uma criatura da noite. – Ela afagou a cabeça de Rose como se ela tivesse cinco anos e não doze. Rose odiou aquilo. – Agora, eu aprecio o entusiasmo por cozinhar, aprecio mesmo. Você tem um talento natural. Mas, se você estiver fazendo todo esse mistério porque está com algum tipo de problema, ou porque está escondendo algum segredo...

O pulso de Rose acelerou e ela sentiu um movimento em sua garganta, o tipo que se sente quando se está prestes a vomitar a verdade ou o jantar. Tia Lily era esperta demais. Não havia como esconder nada dela.

– Talvez um segredo que alguma outra pessoa pediu para você manter.

Um amigo, talvez, ou… um dos pais.

Rose se contorceu.

– Um adulto nunca deveria pedir para uma criança manter um de seus segredos – disse gravemente Lily. – Não é justo. – Ela deu um apertão no ombro de Rose.

Rose estava prestes a botar para fora a coisa toda. Lily estava certa: não era justo que os pais pedissem a ela que mantivesse esse tremendo segredo – não apenas o segredo do Tomo de Culinária que estava trancado, mas também o segredo da magia de família. Rose tinha escondido isso sua vida inteira. As únicas pessoas para quem ela poderia contar sobre o relâmpago na garrafa ou as nuvens ou o rouxinol ou o olho de bruxo eram seus irmãos, e eles não se importavam. Os pais fizeram com que ela nunca pudesse ser realmente sincera com *ninguém*.

– Eu… Eu… Eu… – começou Rose.

Um olhar de impaciência reluziu no rosto de Lily – foi um sutil estreitamento de seus olhos e uma ondulação em suas sobrancelhas. Isso passou como a sombra de uma nuvem se movendo rapidamente, mas durou apenas o suficiente para fazer Rose segurar sua língua.

O que havia em tia Lily que fazia Rose suspeitar tanto? Até que ela soubesse o que era, não poderia expor seu segredo de família.

– Por trás da tapeçaria, há outra câmara refrigerada, onde meus pais guardam o chocolate bom de verdade – disse Rose. – Nós entramos escondido lá ontem de manhã e comemos um pouco. Foi errado de nossa parte. Então eu tranquei e estou guardando a chave comigo para que Ty e Sage não consigam entrar lá de novo. – Rose expirou tão forte que tossiu, então se levantou do colo de sua falsa tia.

Lily se levantou também. – Obrigada por ser sincera – ela disse, um pouco rispidamente.

Um momento de silêncio desconfortável foi quebrado quando Leigh e Sage correram para dentro da cozinha e começaram a saltitar, balançando todos os potes e panelas.

– A sra. Carlson dormiu na frente da sua televisãozinha – disse Sage, as palavras se perdendo no meio dos pulos.

– Parem de pular, crianças – disse Rose.

– Não consigo! – gritou Sage. – Estou pulando faz tanto tempo que não consigo parar! Tenho que comer alguma coisa para pesar mais!

– O que você quer comer? – perguntou Lily.

Sage estava prestes a responder quando Leigh cortou. – Caracóis! – ela gritou.

– Ugh! – Sage se largou no chão e se contorceu, engasgando. Rose sabia que seu medo e pavor de caracóis e lesmas não era um exagero e que a menor menção a eles realmente o fazia engasgar.

A própria Lily pareceu um pouco enojada. – Ela quer caracóis de jardim? – ela se arriscou.

– Não – respondeu Rose. – Ela quer *escargots*. Temos que ir ao bistrô francês do Pierre Guillaume. – Rose estava acostumada a esse ritual semanal. Era estranho que uma criança de três anos adorasse tanto comer *escargots*, mas desde a primeira vez que Leigh colocou um desses caracóis borrachudos, cheios de alho e manteiga, dentro de sua boca, nada conseguia pará-la. – Leigh tem que comer *escargots* uma vez por semana, senão ela fica mal-humorada.

O rosto de Lily se iluminou. – Um bistrô francês? – ela gritou, pronunciando o *r* em *bistrô* como um francês o faria – ou seja, quase tossindo. – Não precisa pedir de novo!

Então tia Lily notou Sage, que ainda estava se contorcendo de nojo no chão. – E quanto a Sage?

– Sage – respondeu Rose, acariciando sua encaracolada juba ruiva – vai sentar do outro lado da mesa e desviar seus olhos.

Em seu quarto, Rose colocou seu vestido preferido, um azul simples com saia que começava praticamente na gola. Ela não tinha certeza de sentir-se bonita – suas sobrancelhas eram muito escuras, seu nariz era muito achatado – mas, quando usava o vestido, ao menos se sentia *um*

pouco mais bonita. *Bonitinha.*

Então ela ajudou Leigh a tirar a imunda camiseta com listras vermelhas e brancas que ela usava todos os dias e a colocar a camiseta com listras vermelhas e brancas de reserva, recém-lavada, que Albert e Purdy mantinham à mão para quando Leigh tinha que parecer apresentável. Ela insistia em trazer sua Polaroid.

Enquanto isso, tia Lily desceu as escadas para consultar seu guarda-roupa naquela mala aparentemente sem fundo e emergiu parecendo superparisiense, numa camiseta listrada de azul e branco e numa boina preta que pendia para um dos lados da cabeça. Chip ficou com a camiseta com que já estava, e Sage achou apropriado usar a larga camiseta azul em que tinha transpirado a manhã inteira. No final, eles pareciam otimistas, senão fabulosos.

Exceto por tia Lily, que pareceria fabulosa mesmo vestida num saco de batatas.

Tia Lily colocou um par chique de óculos de sol e levantou os braços bem abertos para o ar. – Lá vamos nós! A confeitaria ficará fechada hoje, e vamos tirar uma folga! – Parecia que ela conseguia transformar qualquer coisa em festa.

Rose e Lily seguraram as mãos de Leigh e a balançavam para a frente e para trás como um orangotango, em direção à praça da cidade, enquanto Chip e Sage seguiam atrás.

Rose deu uma olhada em sua tia, que tinha seu rosto voltado para o sol e parecia estar saboreando cada segundo da luz do dia como se fosse um pudim de baunilha.

– Sabe como me sinto agora, Rose? – disse Lily, sorrindo.

Rose fez que não com a cabeça.

– Me sinto *insouciant*. – Lily esticou a palavra estrangeira como se fosse uma bala *toffee*: *innnnn … soooooo … seeeeee … annnnnntttt.* – Percebe, em francês, *souci* significa inquietação. Então, in*souciant* significa *sem inquietação*, sem preocupação. Eu estou

absolutamente despreocupada! Não é uma delícia?

Chip entrou na conversa, caminhando a um metro e meio atrás delas. – Nesse caso, eu também estou *insouciant*.

Rose relaxou seus ombros, que tinha mantido contraídos próximo às suas orelhas pelas últimas horas. O algodão macio de seu fluido vestido roçava em suas pernas com a brisa como um gato pedindo comida, e ela sentiu, por um momento, que tudo poderia ficar bem. Umas poucas bibliotecárias sinceras não eram a pior coisa do mundo. Os *cookies* perderiam o efeito mais cedo ou mais tarde, e tudo voltaria ao normal, incluindo Rose, que mais uma vez voltaria à sua posição de garota que silenciosamente fazia tudo certo.

No momento seguinte, eles passeavam pela praça da cidade, uma praça a céu aberto com chão de tijolos de terracota que praticamente brilhava ao sol. No centro da praça havia uma estátua de mármore do fundador da cidade, Reginald Calamity, ordenhando uma vaca. No verão, a estátua funcionava como uma fonte, e a água saía das tetas da vaca. Rose a achava de mau gosto e que a Associação Cívica de Calamity Falls deveria fazer uma nova estátua, uma com menos… ordenha.

Lily ficou perto da estátua por um minuto e olhou para ela. – Interessante.

Conforme eles passavam pela estátua indo em direção às mesas de café do Pierre Guillaume, Rose viu uma fila de quase cinquenta pessoas esperando do lado de fora do restaurante.

– Que raio? – disse Rose. – Desde quando a gente precisa fazer reserva no Pierre Guillaume?

Então Rose notou que as pessoas não formavam bem uma fila, mas estavam agrupadas numa multidão barulhenta, e que todo mundo na multidão estava olhando para cima, para o telhado do restaurante, onde

Pierre Guillaume tinha, alguns meses antes, instalado uma réplica de aço da Torre Eiffel que tinha uma altura de quatro andares.

Então Rose viu o que todo mundo estava olhando.

O sr. Bastable estava escalando a falsa Torre Eiffel de Pierre Guillaume.

Ele tinha dado um jeito de subir no telhado do restaurante – provavelmente usando uma escada que estava inclinada contra a parede – e estava agora escalando, degrau a degrau, torre acima. Em volta deles, as pessoas estavam gritando "Sr. Bastable, não faça isso!" e "Volte para baixo!", mas ele as ignorava.

Pierre Guillaume saiu de dentro do restaurante em seu traje e chapéu brancos de *chef* para cumprimentar a multidão. – *U-lá-lá!* – ele guinchou. – Eu nunca tive tantos fregueses! Alguns de vocês terão de esperar, mas não se preocupem! Eu servirei um por um… – Ele foi parando quando percebeu que a multidão reunida do lado de fora de seu restaurante não tinha nada a ver com sua comida. Ele se virou e olhou para cima e repetiu baixinho para si mesmo: – *U-lá-lá*.

O coração de Rose acelerou. Será que essa ousada façanha tinha alguma coisa a ver com o *cookie* que Chip tinha dado ao sr. Bastable? Era por causa do *muffin* de ontem? Seria isso o resultado natural de duas receitas mágicas se agitando no estômago de um tímido entusiasta de sapos?

Pierre Guillaume estava à beira das lágrimas. – *Monsieur! Monsieur! Excusez-moi!* Você não pode subir aí! Minha Torre Eiffel falsa não vai aguentar seu peso! *Monsieur!* Você está escalando em direção à morte!

Mas o sr. Bastable continuava, destemido.

Pierre Guillaume, em pânico, correu para o corpo de bombeiros dois quarteirões para baixo. – Socorro! Socorro! O homem dos sapos está em minha torre!

O sr. Bastable finalmente alcançou o topo. Ele envolveu seus braços e pernas franzinos em volta dos trilhos falsos de aço e se agarrou com toda força quando uma rajada de vento passou por ele, fazendo seu cabelo branco inflado ricochetear em suas bochechas.

Ele encarou a multidão lá embaixo, claramente apavorado, e então olhou para o céu. Rose esperava que ele tivesse ficado louco por si só, e que isso não tivesse nada a ver com os *cookies* ou com os *muffins* ou com a srta. Thistle.

Mas então ele começou a gritar.

– Eu, Bernard Bastable, sou apaixonado pela srta. Felidia Thistle!

Rose se encolheu. Era pior do que ela temia. Os *Muffins* do Amor e os *Cookies* da Verdade se combinaram num poderoso feitiço.

– Eu quero mordiscar seus dedos delicados! – ele gritou, com um largo sorriso em seu rosto. – Ah, eu quero beijar seu nariz e lhe assar um bolo! Eu quero colocar um pouco de torta em seu nariz e lambê-la!

Todo mundo na multidão grunhiu e desviou os olhos, constrangidos.

– Felidia Thistle é a criatura mais sensacional nesta cidade… ou em qualquer cidade, além de tudo! Eu quero vê-la pisotear uvas! Ela vai ser minha rainha! – Ao dizer isso, o sr. Bastable abriu ambos os braços e a torre rangeu e se inclinou um pouco para a direita. Ele estremeceu e agarrou a torre de novo.

Mas ninguém mais o assistia. Todos tinham voltado sua atenção para a estátua de Reginald Calamity, de onde a srta. Thistle estava olhando para o telhado do bistrô de Pierre Guillaume como alguém que acabou de ser atropelada por um ônibus.

O sr. Bastable viu a srta. Thistle em pé em frente à fonte. – Felidia! – ele gritou. – Você é minha querida, minha torta de pêssego, minha docepanquequinha! Minha única, minha verdadeira única! Diga que me ama também!

Parecia que a srta. Thistle estava prestes a dizer alguma coisa, mas ela colocou suas mãos sobre sua boca para que o que quer que ela gritasse ficasse preso entre os dentes.

Pendurado à torre com apenas suas pernas, o sr. Bastable tirou seu moletom de sapos e revelou uma minúscula camiseta branca. As palavras "*Case Comigo!*" estavam impressas na frente com tinta vermelha.

– Felidia! Deixe-me ser seu príncipe-sapo! – ele gritou de novo.

A sra. Thistle começou a gritar – Eu… –, mas novamente se segurou, dessa vez puxando a gola de sua cacharrel cinza para cima da cabeça.

Então o sr. Bastable fez algo realmente embaraçoso: enquanto se segurava firme na torre com uma mão, ele desabotoou as calças com a outra, depois as soltou e elas caíram formando uma pilha amarrotada no telhado do Pierre Guillaume.

Em sua cueca boxer com bolinhas vermelhas, o sr. Bastable se virou para que seu traseiro ficasse de frente para a multidão. Havia uma frase pintada no traseiro da cueca: NÃO RECUSE!

– Isso é nojento – resmungou Chip.

Leigh estava tagarelando como nunca tinha tagarelado antes.

Sage parecia que ia vomitar.

Tia Lily se virou para Rose. – O entusiasmo dele é digno de aplausos – ela disse.

Mas Rose estava olhando para o outro lado, para a srta. Thistle, que estava balançando a cabeça tão violentamente que seus óculos caíram dentro da fonte.

– Bernard Bastable! – gritou finalmente a srta. Thistle. – Eu te amo também! Eu quero torná-lo meu príncipe-sapo! Nunca em toda a minha vida eu vi um homem tão magnífico, um carisma anfíbio! Você é um tesouro! Beije-me agora!

Ao terminar, a srta. Thistle fechou os olhos e cobriu sua boca novamente, horrorizada, como se sua boca a tivesse traído. Ela se virou e correu em direção ao prédio da escola, seu rosto roxo de vergonha.

– Volte, doce Felidia! – o sr. Bastable gritava.

Uma sirene ressoava enquanto o carro do Corpo de Bombeiros de Calamity Falls virava na praça da cidade. – Lá! – gritou Pierre Guillaume, apontando. – O homem vai quebrar a minha Torre Eiffel!

A multidão deu lugar para o caminhão assim que parou em frente ao restaurante.

Conklin, o chefe dos bombeiros, espremeu os olhos para enxergar o sr. Bastable e levantou o megafone. – Bernard Bastable, se você não descer imediatamente, teremos de subir aí e removê-lo!

O sr. Bastable chacoalhou a cabeça. – Não até que minha amada concorde em ser minha esposa!

Os dois bombeiros desdobraram uma escada de metal com treze metros e a colocaram em direção ao topo da torre. – O que esse cara *tomou*? – perguntou um dos bombeiros ao outro.

Rose engoliu em seco. Ela sabia exatamente o que ele tinha tomado. E era culpa dela. O que os pais fariam se estivessem ali? Certamente saberiam um modo de consertar isso. No entanto, eles nunca teriam, de fato, se metido numa confusão dessas, para começar.

Foi só depois que o sr. Bastable foi trazido em segurança escada abaixo que a torre rangeu e balançou ao vento.

– Ah, não – disse Rose.

– Ah, sim – disse Sage, com os olhos arregalados de empolgação. – Aquela torre está vindo a baixo! Ma*-deeeiiiraaa!*

Leigh apontou sua câmera para o telhado e clicou.

Outro vento rajou forte, e, com um *creque* possante, a torre oscilou e caiu em câmera lenta, descendo exatamente sobre a multidão.

– Todo mundo, *corra*! – Chip gritou, pegando Leigh com um braço e Sage com outro e correndo para a direita. As pessoas da cidade dispersaram para todos os lados, enquanto a torre caía em cima da praça, desdobrando-se com um estrondo bem na frente do restaurante.

– Nãããooo! – gritou Pierre Guillaume, enterrando a cabeça nas mãos e começando a soluçar.

Rose sentiu alguém cutucando seu ombro, ela se virou e viu Ty, que estava passando a mão pelo cabelo para se certificar de que parecia bagunçado do jeito certo.

– O que está acontecendo? – ele murmurou, indiferente a todo o escarcéu. – Eu desci a escada depois do meu cochilo, e todo mundo tinha

sumido. – Ty estava usando jeans um pouquinho amassados e camisa azul-marinho de manga comprida.

– Preciso falar com você – cochichou Rose, puxando Ty para o lado em direção à fonte. – O sr. Bastable e a srta. Thistle ficaram abilolados. O sr. Bastable escalou a Torre Eiffel falsa e declarou seu amor pela srta. Thistle, e a srta. Thistle não conseguiu se segurar e gritou de volta. A combinação dos *Muffins* do Amor com os *Cookies* da Verdade é letal! Precisamos dar um jeito de consertar isso, imediatamente, antes que a tia Lily descubra, e antes que chegue aos ouvidos do papai e da mamãe que a cidade está enlouquecendo!

Ty engoliu em seco. – Ah.

– O que fazer agora? – perguntou Rose, revirando os olhos.

– Pode ser até pior do que isso – começou Ty, devagar, parecendo um pouco acanhado. – Eu *talvez* tenha pegado aqueles *Muffins* do Amor que sobraram e os tenha distribuído, junto com alguns… talvez uma dúzia… dos *Cookies* da Verdade… – Ele pausou para engolir em seco outra vez. – …para umas duas garotas da minha sala.

CAPÍTULO 10

Você grita, eu corneto

Para todas as outras pessoas, a agitação tinha acabado.

A multidão que tinha se reunido para assistir ao sr. Bastable tinha se dispersado. Algumas senhoras sentaram-se na beirada da fonte Reginald Calamity e conversavam sobre como seria bom se algum homem tivesse escalado uma torre para declarar seu amor por *elas*. Alguns homens bebericavam café e reclamavam que nos velhos dias as torres não tinham uma construção tão frágil. Lily e Chip estavam ao lado do pedestal com o menu do lado de fora do Pierre Guillaume papeando sobre as coisas que queriam comer. E Pierre Guillaume estava chorando, enquanto um barulhento guindaste amarelo levantava no ar os restos quebrados da torre e os jogava para dentro de uma enferrujada caçamba vermelha.

Rose e Ty ficaram sob a sombra do toldo dos escritórios de advocacia de “Karen Publickson, Ilma.”, tentando imaginar o que fazer.

Através da janela, Rose podia ver a sra. Publickson sentada calmamente à sua escrivaninha, com aparência garbosa num terninho azul-marinho, com seu cabelo preto perfeitamente arrumado num coque. "Talvez eu devesse ser advogada em vez de confeiteira mágica", Rose pensou. "Os erros dos advogados raramente resultam em idosos escalando o topo de torres e tirando as calças."

Os lábios de Rose estavam tão franzidos de raiva que ela mal conseguia falar. – Ty – ela conseguiu espremer –, *por que* você deu às meninas da sua sala *Muffins* do Amor e *Cookies* da Verdade?

Ty apenas encolheu os ombros. Ele estava parecendo irritantemente satisfeito consigo mesmo.

Rose queria estapeá-lo na cabeça – apesar de que, se ela tivesse sido presenteada com a oportunidade de dar a Devin Stetson também um *Muffin* do Amor e um *Cookie* da Verdade, provavelmente os teria empurrado pela garganta dele mais rápido do que ele poderia dizer obrigado.

Antes de Ty conseguir responder, o calmo burburinho vindo da praça de chão de tijolos foi quebrado por um horrível grito agudo. Parecia que uma garota estava sendo assaltada, mas ninguém nunca tinha sido assaltado na história de Calamity Falls, muito menos à ofuscante luz do dia na praça da cidade.

Era Lindsey Borzini. Ela estava correndo em direção ao prédio de advocacia de Karen Publickson – ou melhor, em direção a Ty. – Lá está ele! – ela uivou. – É… É… TY!

Lindsey, a filha mais velha do sr. Borzini, o proprietário em forma de amendoim do Armazém de Castanhas Borzini, era conhecida por ter o pior bronzeado de Calamity Falls. Conforme guinchava e atravessava a praça de tijolos em direção a Ty, parecia uma cenoura tostada provida de braços.

Ela estava agitando no ar uma revista fina e brilhante com uma das mãos e uma caneta hidrográfica com a outra. Seria um exemplar de revista de celebridades e fofocas para meninas adolescentes*?* Será que Ty teria lançado um álbum pop e Rose não sabia?

Conforme ela se aproximava, Rose viu que era o livro anual da Escola de Ensino Fundamental II de Calamity Falls. Ty tinha se formado em junho e, amontoada com a de outros formandos, estava uma foto dele com seu cabelo castanho-avermelhado parecendo especialmente espetado e cheio de gel.

Duas coisas ficaram claras para Rose:

1. Lindsey Borzini queria um autógrafo de seu irmão; e

2. Lindsey Borzini estava sob o efeito de confeitos mágicos.

Um pouco antes de Lindsey alcançar Ty, a silhueta pesada do sr. Borzini apareceu do nada, lançando-se sobre a filha e a derrubando no chão como um jogador de futebol americano. Os dois amontoados lá, lutando no chão de tijolos da praça: Lindsey gritando e se jogando desesperadamente na direção de Ty, e o sr. Borzini a imobilizando pelos ombros e tentando se esquivar do movimento de seus pulsos.

– O que deu em você, minha tortinha de morango? – ele gritava.

Tudo o que Lindsey conseguia dizer em resposta era:

– TY! Tyyyyyyyyy!

O sr. Borzini olhou para Ty, enquanto Lindsey o golpeava num dos lados da cabeça.

– Ela tem estado assim a manhã inteira. Eu não sei o que há de errado com ela. Talvez se você dissesse um oi?

Ty foi até lá e abaixou sobre um joelho. Lindsey se agarrou à sua perna coberta com o jeans. – Hmm… oi – sussurrou Ty.

Os olhos de Lindsey se arregalaram, um olhar de calma banhou seu rosto, depois seus olhos se fecharam e sua cabeça amoleceu nos braços do pai.

– Desmaiou de novo – disse o sr. Borzini. – É a quinta vez que ela desmaia hoje… tudo porque ouvia seu nome ou via sua foto.

Rose captou um sorriso afetado em Ty, e ela deu um tapa de leve na nuca dele.

– Eu não entendo. Quero dizer, você é um menino bonito e tudo o mais

– disse o sr. Borzini – mas não é *tão* bonito. – O sr. Borzini pegou Lindsey em seus braços e arrastou para longe.

Rose e Ty tinham ambos ouvido a confusão aterrorizada na voz do sr. Borzini. Rose não precisava repreender ainda mais seu irmão.

Ty se voltou para ela e suspirou. – Eu *sei*, eu *sei*. Vamos achar uma receita para consertar isso.

Lily e Chip foram até eles com Sage e Leigh. – O que foi *aquilo*? – perguntou Sage.

– Parece que Ty tem uma admiradora ardente! – Tia Lily deu tapinhas nas costas de Ty e sorriu. – Não é surpresa, querido. Você parece um modelo, só um pouco baixo e novinho. Um modelo em miniatura!

As bochechas de Ty coraram de um vermelho intenso.

– Hei! – exclamou Sage. – Isso tem alguma coisa a ver com o que vocês dois estavam fazendo ontem quando enganaram a tia Lily e eu fazendo a gente correr atrás da Leigh o dia inteiro, e com os *cookies* que fizeram ontem à noite depois que me mandaram ir pra cama? – Ele colocou ambas as mãos nos quadris como uma mãe severa.

Rose olhou para as sardas no nariz de Sage e pensou que talvez fosse a hora de parar de mentir para o irmão mais novo, que era claramente mais perspicaz do que ela imaginava.

– Você me enganou me fazendo correr atrás da Leigh ontem? – perguntou tia Lily, sua boca num grande *O*.

Ty arfou com indignação. – Claro que não! Por que faríamos isso com nossa tia preferida?

Rose então percebeu um jeito de manter Chip e Lily fora de casa para que pudesse consertar a bagunça. – Eu tenho uma ideia! A confeitaria está uma bagunça, como todos sabemos, e tem um monte de bolo e sujeira no chão, e não achamos certo deixá-la assim.

– Parece que uma bomba doce explodiu lá – disse Ty.

– Então por que vocês dois não aproveitam um relaxante almoço francês, com muitos pratos, *múltiplos* pratos, enquanto limpamos a

confeitaria? – Rose terminou, tentando não parecer o gato que pegou o canário.

– Sim! Ty e Rose vão limpar a confeitaria! – disse Sage.

– Você também, Sage! – disse Rose, certificando-se de incluir Sage dessa vez. – Os não adultos vão limpar a confeitaria, para variar.

Lily e Chip olharam um para o outro com cara de interrogação, então, depois de um momento, tia Lily ergueu os ombros e disse: – Tudo bem! Que gentileza! Então vamos lá para os *escargots* da Leigh!

Leigh balançou a cabeça. – Ãh-ãh. Não quero.

Lily franziu os lábios e disse – OK, mas a gente *ainda* tem que almoçar. Além disso, estou esperando uma oportunidade de falar com Chip sozinha. – Ela deu um sorriso diabólico.

Chip engoliu em seco enquanto Lily passou o braço por dentro do braço dele, e juntos entraram no restaurante.

Sage estava fazendo bico. – Por que eu tenho de limpar a confeitaria também? – ele reclamou.

Rose puxou Sage e Ty para formar uma roda. Leigh se acotovelou entre Rose e Sage, sentou no chão, no meio da roda, e tirou os sapatos.

– Isso é informação confidencial, Sage – disse Rose. – Você consegue guardar segredo?

Sage parou de fazer bico e assentiu com fervor. – Eu vou guardar bem escondido.

Isso não era reconfortante, mas Rose continuou. – Estamos tendo alguns problemas com *vocês sabem o quê* – ela disse. – Fizemos uma receita, e ela deu errado…

Ty interrompeu. – Na verdade, ela deu *certo*. Mas agora temos que voltar para casa e encontrar um jeito de reverter a situação.

– Exatamente – disse Rose. – Portanto, sua missão, se você aceitá-la…

– Pode contar comigo! – Sage disse.

– … é tomar conta de Leigh enquanto Ty e eu procuramos a receita para consertar a situação!

Rose sorriu, grata por ter encontrado uma maneira de fazer Sage sentir-se incluído.

Sage recusou com raiva. – Não mesmo! Tomar conta de criança não é trabalho de espião. Eu quero estar na linha de frente. Eu quero ação.

Leigh saltou. – Eu também! – ela gritou. – Ação!

Ty resmungou: – Ahhh, tá bom.

– Não temos todo o tempo do mundo, então vamos logo – disse Rose. – E vamos tentar não cometer nenhum erro desta vez.

Enquanto Rose e seus irmãos passavam pelo gramado verde e vasto da Escola de Ensino Fundamental I de Calamity Falls, ela ouviu crianças gritando como se estivessem andando na montanha-russa. Espalhadas pela ampla extensão do gramado, aproximadamente duzentas crianças estavam participando do que parecia muito ser uma guerra.

Metade delas tinha seus rostos pintados de amarelo e patrulhavam a extremidade norte do gramado, enquanto as crianças na metade sul tinham seus rostos pintados de azul. As crianças de rosto azul estavam se escondendo atrás de uma meia dúzia de mesas de professor, que elas tinham de algum modo trazido do prédio da escola e alinhado numa barricada. Empilhadas atrás das mesas estavam centenas de bexigas azuis cheias de água.

– É quarta-feira – cochichou Rose. – Por que não estão todos nas atividades de férias?

Sage engoliu em seco. – O sr. Fanner não vai ficar feliz com isso – ele disse de forma solene. Rose e Ty tinham ambos estudado na Escola de Ensino Fundamental I de Calamity Falls aterrorizados pelo sr. Fanner, que esbravejava pelos corredores toda manhã e entregava uma notificação de detenção em papel rosa se ele visse um cadarço desamarrado.

Mas então a coisa mais estranha aconteceu: todos os professores das atividades de férias (exceto a srta. Thistle) se encaminharam para o centro do gramado, entraram no meio da guerra de bexiga, e ninguém tentou impedi-los. Todos eles passeavam atrás do diretor Fanner, que usava um

casaco de *tweed* e óculos e parecia um professor de faculdade antiquado.

Ele estava sorrindo, o que era uma coisa que Rose nunca tinha visto o sr. Fanner fazer. Até aquele momento, ela duvidava até mesmo que ele tivesse dentes.

Os professores alcançaram a calçada sem serem atingidos por um único balão, então se voltaram na direção das crianças Bliss.

Quando sr. Fanner avistou Rose e seus irmãos, seu sorriso desapareceu. Ele levantou um dedo e começou a sacudi-lo. – Por que não estão na confeitaria? – ele perguntou, irritado.

Rose respirou fundo. – Ah, tivemos algumas dificuldades técnicas hoje de manhã – ela respondeu. – A confeitaria está fechada até amanhã.

O grupo de professores atrás do sr. Fanner soltou um resmungo desapontado.

– E agora, o que vão fazer? – gritou a sra. Spatz, a professora de Rose no terceiro ano, uma mulher cujos dentes da frente eram encavalados.

O sr. Fanner apontou seu dedo bem entre os olhos de Rose. – Hoje encerrei mais cedo as atividades de férias porque não estava a fim de dar aula. Eu queria bolo. Muito. Meus amigos querem bolo também. E você está nos dizendo que não vamos ter nenhum?

Rose de repente se lembrou da lista de pessoas a quem Chip tinha dado os *Cookies* da Verdade: – A srta. Thistle, a professora – todos os professores, na verdade.

Então essa era a verdade sobre os professores: tanto quanto Rose às vezes queria sair da escola e comer um pedaço de bolo, seus professores provavelmente queriam fazer a mesma coisa, dez vezes mais.

– Está bem – o sr. Fanner lançou. – Iremos a outro lugar. Vamos dirigir até o Starbucks em Humbleton. – O sr. Fanner empinou o nariz para Rose e seus irmãos e marchou; os outros professores seguiram o exemplo.

Sage se virou para Rose e Ty, com uma mistura de espanto e horror em seu rosto. – O que vocês *fizeram*?

Quando Rose e seus irmãos entraram na cozinha, encontraram a sra.

Carlson esperando por eles, balançando seu punho no ar. – Onde é que vocês estavam?

– A senhora caiu no sono, então fomos almoçar – disse Sage.

A sra. Carlson lançou um olhar malvado para Sage. – Muito justo – ela resmungou. – Mas não vou perder vocês de vista de novo. Seus pais ligaram, e eu tive de inventar uma mentira e dizer que vocês estavam todos tomando banho!

– Ao mesmo tempo? – perguntou Ty.

– Bem, essa é a parte em que a mentira desmoronou, percebe? O ponto é: eu não vou perder nenhum de vocês de vista. – Ela estava chacoalhando seus punhos tão ferozmente que os bobes estavam caindo de seu cabelo loiro.

Rose disse: – Certo, bem, por que a senhora não toma conta de Leigh lá fora enquanto limpamos aqui?

A sra. Carlson concordou e conduziu Leigh para o quintal, onde ela começou a empurrar Leigh no balanço. – Não ouse me fotografar, criança! – Rose a ouviu gritar.

Rose soltou um pequeno suspiro de alívio. Quando ficaram a salvo da vista da sra. Carlson, eles se enfileiraram um por um para entrar na câmara refrigerada, com Ty levando a lanterna à frente.

– Ufa – Rose murmurou para si mesma, fechando a porta da câmara atrás de si.

Sage estava esquadrinhando a parede perto dos ovos. Ele puxou duas caixas, a apenas centímetros da maçaneta em forma de rolo de massa que abria o porão secreto.

– Coloque isso de volta! – Rose vociferou, avançando sobre ele e recolocando ela mesma as caixas de ovos.

– O que foi? – ele gritou. – São só ovos!

Ty interferiu. – Faça o que a Rose mandou – ele ordenou.

Sage sorriu para Rose. – Desculpe – ele disse. Sage faria qualquer coisa que Ty dissesse a ele… mesmo se isso significasse respeitar a irmã mais

velha.

Rose piscou para Ty e abriu a porta da biblioteca, onde os três se debruçaram sobre o livro em seu pedestal de madeira. Sage virava as páginas, enquanto Rose e Ty procuravam por algo que poderia funcionar como um antídoto à loucura, ou um apagador mágico.

– Aqui – disse Ty. – Esta aqui.

Rose leu a receita em voz alta:

Bolinho Senta e Fica Quieto

Madame Hannah Bliss preparou esses bolinhos em 1895 no Lower East Side de Manhattan, onde era professora primária. Certo ano, seus alunos estavam particularmente incontroláveis, então ela lhes deu esses bolinhos e eles ficaram incapazes de proferir um som sequer pelo resto do ano. Era como se seus lábios estivessem fundidos.

Mas atenção: madame Hannah Bliss depois se arrependeu de ter feito esses bolinhos, pois no final foi processada por causar mudismo numa comunidade inteira de crianças.

Ty assentiu com alegria. – Isso vai fazer todo mundo calar a boca, certo?

Rose balançou a cabeça. – Não, Ty – ela disse. – Não queremos emudecer as pessoas, só queremos reverter o que fizemos. Desvirar o que está de cabeça para baixo…

Ao dizer essas palavras, Rose foi para o final do livro e encontrou uma série de páginas menores que ficavam abrigadas na parte interna da capa do livro. A primeira página dessa seção era intitulada APÓCRIFO ALBATROZ, e o papel era diferente do resto do livro, que era de um branco amarelado. Nenhuma das receitas tinha data ou histórias descrevendo suas origens. Rose achou estranho que essa seção tivesse sido intitulada Albatroz, quando Lily tinha dito que esse era o nome

de seu tata-tata-tataravô. Seria o mesmo Albatroz?

Ela puxou o pequeno livreto cinza de seu lugar na capa e virou as páginas rapidamente. Uma receita chamou sua atenção.

Bolo Virar Revirar do Avesso de Cabeça Para Baixo

– É disso que a gente precisa – disse Rose com firmeza. – Alguma coisa que só vai reverter tudo.

Sage chacoalhou a cabeça. – Eu não sei… Esta parece sombria.

– Bem, prefiro alguma coisa que foi adicionada mais tarde ao livro e é correta a algo que vai costurar os lábios das pessoas – disse Rose.

Ty e Sage finalmente balançaram a cabeça concordando, e Rose sacou seu caderno de notas para copiar.

Quando eles emergiram da cozinha com a receita do bolo, a sra. Carlson estava em pé no meio da cozinha com Leigh.

– Tem algo de errado com essa criança – disse a sra. Carlson, seu rosto ainda mais contorcido e confuso do que de costume.

Então Rose percebeu do que ela estava falando.

– Minha família tem um livro de receitas mágicas! – Leigh gritou de onde ela estava sentada no chão. – Eles guardam na câmara refrigerada! Rose tem a chave! Minha família tem um livro de receitas mágicas! Eles guardam na câmara! Rose tem a chave!

Os olhos de Rose miraram o prato de *Cookies* da Verdade que tinha restado e que agora estava vazio, exceto por algumas tristes migalhas.

– A Leigh comeu aqueles *cookies*? – Rose perguntou.

– Suponho que sim! – disse a sra. Carlson. – Eu a trouxe aqui para que pudesse usar o lavabo, e ela enfiou um prato inteiro de *cookies* goela abaixo! Você deixa uma criança sozinha por cinco minutos e ela se mete em confusão!

– Minha família tem um livro de receitas mágicas! – gritava Leigh.

– Leigh, pare! Fique de boca fechada! – gritou Ty. Mas Leigh não conseguia se controlar. Ela ficou gritando a mesma coisa repetidamente.

– Por que ela fica dizendo coisas sem sentido sobre um livro de receitas mágicas? – perguntou a sra. Carlson.

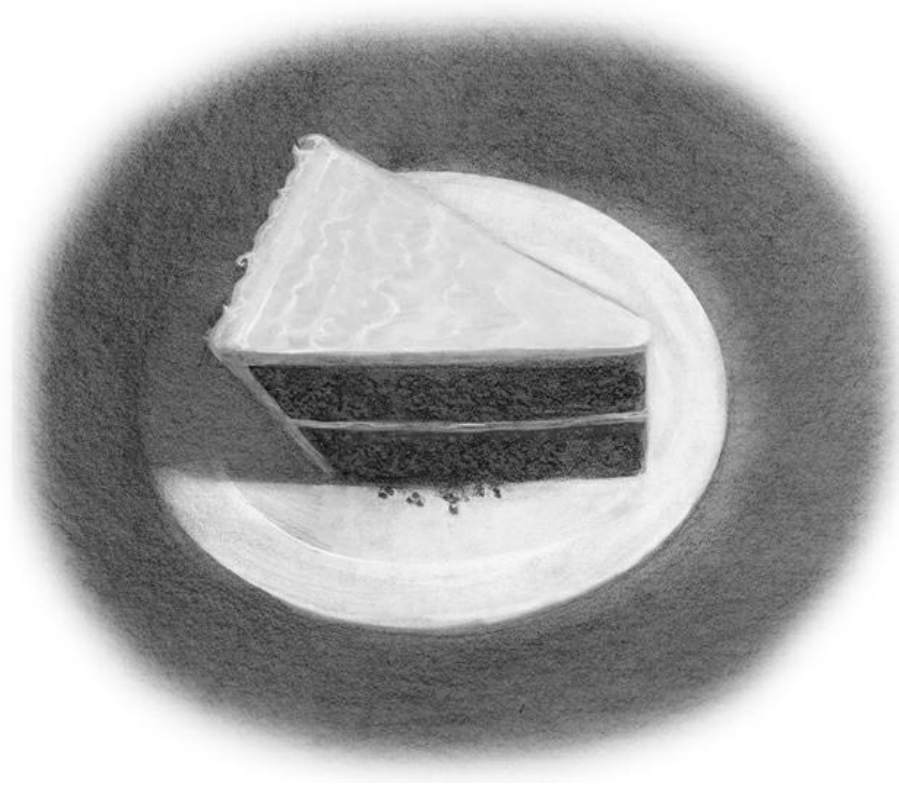
– Eu não tenho ideia. Ela sempre teve imaginação fértil – disse Rose, entrando em pânico por causa da irmãzinha. Se tia Lily estivesse chegando em casa, ouviria tudo.

Exatamente enquanto Rose estava pensando numa possível solução, uma onda de gritos emergiu como um *tsunami* fora da confeitaria.

– O que é essa gritaria miserável? – perguntou a sra. Carlson.

Rose olhou para cima e viu vinte ou mais garotas arranhando a porta, batendo nas janelas, pressionando os lábios contra o vidro e acenando para Rose e seus irmãos. E havia mais atrás delas. Quase todas elas estavam segurando uma cópia do livro anual da Escola de Ensino Fundamental II de Calamity Falls numa das mãos e uma caneta na outra.

– Ty – disse Rose – você disse que eram só algumas garotas.

Ty lançou a Rose um olhar todo tímido. – Algumas… dúzias?

CAPÍTULO 11

Receita terceira: Bolo Virar Revirar do Avesso de Cabeça Para Baixo

O som estrondoso fez Rose olhar para trás aterrorizada.

Do lado de fora da porta dos fundos, seis garotas frenéticas tinham pressionado seus rostos vermelhos contra o vidro. Mais garotas pulavam na cama elástica, tentando olhar para dentro da cozinha por cima da cabeça das outras. Havia uma garota em cada um dos balanços – até mesmo no balanço menorzinho – e uma garota corajosa escalou o topo da churrasqueira enferrujada, ignorando os pedacinhos de hambúrguer queimado presos na grelha. Os olhos estavam saltando de seus rostos, do tamanho de bolas de pingue-pongue.

Isso era assustador.

Ty removeu uma mecha cheia de gel de seu rosto, e as garotas soltaram um gemido coletivo.

– Por que essas garotas ridículas estão gritando? – perguntou a sra. Carlson.

Rose já sabia a resposta conforme atravessava a porta de vaivém de carvalho marrom-escuro adentrando o salão da frente.

Ao vê-la, as dúzias de garotas que se reuniam do lado de fora da loja deixaram escapar um rugido ensurdecedor de decepção que vibrou o vidro da vitrine. – *Ahhhhhhhhhh!*

– Vão embora! – gritou Rose. – Ty não gosta de vocês! – Mas ela mal podia ouvir a si própria com toda aquela balbúrdia.

Então uma voz singular emergiu do fundo da multidão. – Se ele não sair agora, vou arrebentar a cara de alguém! – Uma garota, mais alta e mais forte do que as outras, estava se acotovelando para chegar à frente da multidão, jogando as garotas menores no chão conforme passava. Essa garota era Ashley Knob.

Seu longo cabelo tinha sido cacheado em extravagentes caracóis tão brilhantes e tão loiros que era necessário espremer os olhos ao olhar diretamente para eles. O brilho em seus lábios tremeluzia como um relógio caro. Pendurada num dos ombros, estava uma bolsa da qual um Chihuahua assustado espiava, claramente desejando estar em qualquer outro lugar. Uma roda se abriu em torno dela. Mesmo tomadas do mais profundo feitiço, as garotas de Calamity Falls sempre sabiam dar espaço para Ashley Knob.

Ashley gritava, batendo na janela com seus punhos. – Eu vou botar fogo em toda a mobília da loja do meu pai e jogar por esta janela!

As outras garotas seguiram o exemplo e socaram o vidro com seus punhos. Temendo que a janela fosse ceder, Rose achou melhor dar às garotas o que elas queriam. – OK, OK! Eu vou entregá-lo! Parem com isso!

Ashley Knob levantou seu braço bem para o alto, e instantaneamente a bateção e o coro pararam.

Rose achou Ty na cozinha, encolhido atrás do cepo de corte, com a gola de sua camisa de botões puxada acima de seus olhos.

– Elas querem vê-lo – disse Rose.

– Isso é ridículo! – disse a sra. Carlson. – Essas garotas deveriam estar envergonhadas de si mesmas!

Rose assistiu à sra. Carlson investir contra a porta de vaivém, então atravessou devagar a porta da frente da confeitaria, tomando cuidado para não deixar entrar nenhuma das frenéticas adolescentes.

– Vocês estão agindo como um bando de bobas! Vocês precisam ir para a casa já!

Ashley Knob agarrou a sra. Carlson pelos bobes em seu cabelo, enquanto a multidão a levantava acima de suas cabeças e a empurrava para o fundo. Ela tentava desesperadamente se arrastar de volta para a porta da frente, mas as garotas eram muito fortes. A sra. Carlson desapareceu.

Rose ergueu Ty pelo cabelo espetado. – Você precisa ir lá para a frente, agora! Elas pegaram a sra. Carlson! Quem sabe o que vão fazer com ela?!

Ty se escondeu da vista da janela. – De jeito nenhum. Eu nem gosto dela.

Rose o empurrou. – Você tem que ir lá fora e acalmá-las!

– Como é que eu vou fazer isso?

Era uma boa pergunta. Mas Rose pensou em Devin e imediatamente soube a resposta: – Você tem de beijar a líder. Ashley Knob.

– Aquela mimada afetada e convencida? Prefiro beijar a sra. Carlson!

– Posso arranjar isso para você – disse Rose.

Ty caiu de joelhos. – Por favor, Rose! Se eu colocar minha boca em qualquer lugar perto daquela boca de peixe coberta de *glitter* sabor chiclete, minha vida na escola será destruída. Ela vai me manter preso em suas garras como mantém aquele pobre cachorro preso em sua bolsa. Você quer que eu seja um cachorro numa bolsa, Rose? É mesmo o que você quer?

Rose revirou os olhos. – Você não precisa beijá-la *de verdade*. Só precisa fazer com que ela desmaie, assim ela não quebra a janela. Vai ser fácil.

Rose levou Sage e Leigh para o salão da frente, e os três ficaram atrás do balcão e assistiram enquanto Ty empurrava a porta de vaivém. As garotas gritaram como se tivessem visto Elvis. Ou Justin Bieber.

– Isso é melhor do que quando meu pai me comprou um helicóptero de aniversário quando completei dezesseis anos! – gritou Ashley Knob. – E eu *aaaaaaamo* helicópteros!

– Que inútil – Ty murmurou por sobre os ombros. Ele pegou um megafone de brinquedo que Albert guardava no armário da pia da cozinha e pressionou seu alto-falante contra a pequena fenda para correspondências no vidro ao lado da porta da frente.

– Ashley Knob. – Ty estava de joelhos, falando timidamente pelo megafone.

– Fala, meu deliciosíssimo!

– Hmm, me beije. Tipo, através do vidro – ele gaguejou.

– Eu morro! – gritou Ashley, e então pressionou os tremeluzentes lábios cor-de-rosa sobre o vidro num beijo polpudo. Ty nervosamente pressionou seus lábios contra o vidro onde a boca esperançosa de Ashley estremecia do outro lado.

Sage fez um som como se fosse vomitar, e Leigh deu uma risadinha. – Minha família tem um livro de receitas mágicas! – ela disse, batendo uma foto da multidão aos berros.

– Está funcionando! – gritou Rose para o irmão. – Olha! – Assim que Ty colocou seus lábios no vidro, Ashley entrou num transe profundo e despencou no chão. – Agora faça isso com as outras!

– Vou ter de dar beijo falso em todas elas? – perguntou Ty, obviamente contrariado com a perspectiva.

– Não. Só, tipo, diga coisas legais para elas. Elas vão ficar tão impressionadas que vão desmaiar. – Rose tentou muito esconder o fato de que estava gostando disso um pouquinho. Ela nunca tinha visto antes seu irmão mais velho tão aterrorizado. Ele geralmente estava no controle das

situações, tão ocupado para se incomodar com qualquer coisa que tivesse a ver com a confeitaria. Ou com Rose. Agora ele estava se dirigindo a *ela* para pedir conselho.

– Coisas legais? – reclamou Ty. – Olhe só para elas. Você acha mesmo que essas garotas merecem elogios?

– Não temos tempo para pensar, Ty! – gritou Rose. – Só para *fazer*! Vá em frente e elogie!

– Callie – chamou Ty. Uma garota de trança castanha se aproximou da janela. – Seu cabelo é exuberante. – Os olhos de Callie viraram e ela desmaiou em êxtase.

– Jenna – ele chamou enquanto outra garota com aparelho nos dentes e óculos redondos se aproximava. – Você usa óculos e aparelho. – Jenna enrijeceu como uma árvore e caiu no chão.

– Lisa. – Uma garota vestindo o que pareceu a Rose um saco de batatas se aproximou. – Lisa. Você está… viva. – Lisa deu um giro rejubilante antes de cair de joelhos e desfalecer.

Rose assistia ao que estava acontecendo como se estivesse vendo a um filme de terror: com seus dedos sobre o rosto. – Prometa que você nunca agirá assim por causa de *ninguém*, Leigh – disse Rose, apertando as bochechas fofas da irmãzinha.

Ty chamou as garotas uma por uma, distribuindo os mais baços elogios que Rose já tinha ouvido – mas eles funcionaram todas as vezes. Quando ele terminou, só havia umas dez garotas que restaram em pé. – Não pare agora!

– Eu nem sei o nome delas! – queixou-se Ty.

– Bem, então tente cantar alguma coisa – ela disse, compartilhando um sorriso em particular com Sage.

– Eu *não* vou cantar.

– Ty, estamos na reta final. Não podemos ficar com essas garotas nos interrompendo enquanto tentamos cozinhar.

– Mas eu não sei nenhuma música.

– Cante qualquer coisa.

Ty resmungou e encostou o megafone na fenda para correspondência.

– Jingle bell, jingle bell, acabou o papel…

Ty começou timidamente. As dez garotas restantes surtaram do outro lado do vidro e despencaram uma por uma no chão.

– Não faz mal, não faz mal…

Ty abandonou o megafone e fez uma dança *freestyle* pela confeitaria, cantando com os lábios fechados e pulando até muito depois que a última garota tinha caído.

Quando Ty finalmente percebeu que não precisava mais cantar e dançar, ele se endireitou, limpou a garganta e arrumou sua camisa. O meio-fio do lado de fora da confeitaria estava polvilhado de garotas inconscientes.

– Você foi ótimo, Ty. Isso vai segurá-las por um tempo – disse Rose, abafando uma risadinha.

– Dar um duro o dia inteiro – disse Ty, dando uma olhadela para Sage, que estava copiando os movimentos da dança de Ty sozinho no canto.

A sra. Carlson atravessou aos tropeços as pilhas de jovens garotas e irrompeu pela porta da frente. – Bem, eu nunca! – foi tudo o que conseguiu dizer. Ela envolveu os braços em torno de si mesma e se sacudiu do trauma.

– Sra. Carlson, por que não fica aqui e monta guarda com Leigh? Ty, Sage e eu vamos fazer uns bolos para essas garotas, para elas irem embora – sugeriu Rose.

– Você acha mesmo que essas criaturas ensandecidas com seus ensandecidos hormônios adolescentes vão ser dominadas por um pouco de um simples e velho bolo?! – ela gritou.

– Esse bolo é especial – disse Rose.

Leigh se pavoneou. – Minha família tem um livro de receitas mágicas!

A sra. Carlson franziu a testa e pegou Leigh no colo. – Apresse-se

então.

Rose, Ty e Sage se juntaram em torno do cepo de madeira e consultaram sua cópia da receita para o Bolo Virar Revirar do Avesso de Cabeça para Baixo. Rose olhou o relógio. – Lily e Chip devem ficar umas duas horas almoçando.

Ty arregaçou as mangas e deu um sorriso desdenhoso. – No Pierre Guillaume? Umas duas horas se comerem *rápido*. Aquele lugar tem o pior serviço comparado a qualquer restaurante na história.

A lista de ingredientes era bem comum – leite, farinha de trigo, ovos, açúcar, manteiga, fermento, sal, morangos – exceto pelo último ingrediente, que era:

as Lágrimas de um Bruxo.*†

Rose se certificou de copiar a nota sobre as lágrimas, tendo aprendido a lição sobre a importância dos asteriscos.

** Olho de bruxo não produz lágrimas de tristeza, porque bruxo não tem sentimentos profundos. Quando um bruxo chora, é uma inversão caprichosa, um evento catastrófico. Isso fornece a inversão necessária para a receita.*

† Esta receita começará a funcionar imediatamente, mas atingirá seu potencial máximo depois de doze horas.

Rose olhou para Ty. – Por que você não pega o olho de bruxo?

Ty balançou a cabeça violentamente. – Pegue você. Eu já tive lágrimas o suficiente hoje… você viu o jeito que Ashley Knob lambeu a janela? Isso vai me assombrar pelo resto da minha vida.

– Tá bom. Eu vou. Enquanto isso, é melhor você e Sage fecharem as persianas. Não queremos que ninguém veja o que estamos fazendo aqui.

Rose ficou aliviada ao descobrir que todos os potes estavam exatamente

como os haviam deixado: o primeiro vento de outono ainda rodopiava dentro do vidro azul, o Anão do Sono Perpétuo ainda estava dormindo, e o olho de bruxo ainda estava… flutuando no líquido amarelado. Ela estendeu o braço para pegá-lo e estava para fechar suas mãos em torno do pote quando notou uma coisa: havia uma brisa no porão.

O ar parecia inspirar e expirar, e primeiro ela pensou que estava apenas imaginando coisas, mas então notou que a fresca névoa cinzenta que havia no chão estava se movendo: ela flutuava suavemente para a frente e para trás, e de novo e de novo. Será que havia um respiradouro na despensa que ela não tinha notado antes?

Rose caminhou na ponta dos pés em torno da prateleira, a luz azulada dos potes fazendo tudo parecer submerso em água, e procurou pela fonte da névoa. Não havia respiradouros nas paredes – só prateleira e mais prateleiras com potes. O que quer que fosse, tinha de estar no chão.

Finalmente, ela se ajoelhou devagar e engatinhou.

No chão, no canto do porão, havia uma grade de metal enferrujado como aqueles de onde vinha o aquecimento na casa. Só que este não era quente; era frio ao toque, e a névoa estava subindo borbulhante de debaixo dela.

Rose se inclinou para a frente e pressionou seu ouvido contra ela. Um som de ar sendo conduzido para algo úmido e grande então estourava: respirando. Tinha alguma coisa sob a casa.

Um arrepio encrespou seus braços e pescoço, e Rose lentamente começou a recuar para longe da grade. Enquanto fazia isso, a chave na forma de batedor de claras em sua corrente deslizou para a frente, para fora de sua camiseta e tiniu contra o metal.

A respiração parou. E então uma voz que ela mal conseguia ouvir, mas conseguia sentir como uma vibração em seus ossos, disse:

– Quem está AÍ?

Rose prendeu a respiração.

– Eu OUÇO você – a voz disse. – Eu FAREJO você.

Rose fechou os olhos e tentou respirar baixinho pela boca aberta.

Uma garota mais bonita – ou uma mais poderosa e importante – não ficaria presa nesse tipo de situação, ajoelhada num porão mágico com alguma *coisa* aterrorizadora que havia despertado e que estava pronta para fazer sabe lá deus o quê.

– E eu CONHEÇO você – disse a voz. – Ajude-me, e eu a ajudo a realizar o que seu coração deseja. É fortuna e fama que você procura? É beleza que almeja? Então encontre o ingrediente rotulado Extrato de Vênus. Misture-o com a receita certa e você vai exceder Helena de Troia em beleza. Mesmo sua tia Lily! Apenas experimente uma pitada em seu chá.

Agora, Rose já tinha recuado até o pé da escada e não conseguia mais alcançar as barras de ferro da grade. O que quer que estivesse sob o porão, de algum modo sabia sobre tia Lily e sobre os mais profundos desejos de Rose.

Ela ficou em pé silenciosamente e agarrou o olho de bruxo.

Ao pegar o pote, atrás dele captou de relance um outro pote, vazio exceto por um estojo de *blush* em forma de concha que brilhava em torno das extremidades. As palavras EXTRATO DE VÊNUS estavam impressas num rótulo com letrinhas douradas.

O que ela não daria para ser linda como tia Lily – ter o poder na palma de sua mão, ser importante, ser capaz de fazer qualquer um fazer qualquer coisa que ela quisesse. As garotas enlouqueciam por Ty porque ele era bonito. E se Rose fosse maravilhosa? Será que os meninos da escola babariam por ela? Provavelmente.

Rose se perdeu por um momento, imaginando como seria caminhar pelos corredores da escola, fazendo as cabeças girarem. Os meninos iriam clamar por ela, querendo ser seus amigos em vez de chamá-la de coisas como frango empanado.

Os outros meninos da escola – e os professores também! – prestariam atenção a qualquer palavra sua, levariam mais a sério tudo o que dissesse. E talvez seus irmãos começassem a ser mais legais com ela. E talvez os pais

confiassem mais nela, também, e a deixassem preparar coisas do Tomo de Culinária e lhe ensinassem o jeito certo de fazer as coisas. Ou talvez, já que ela seria bonita, nem precisasse da confeitaria. Ela deixaria Calamity Falls, sairia e conquistaria o mundo…

– Rose! Vamos *logo*! – ela ouviu Ty gritar da cozinha.

Seus irmãos. Eles precisavam dela...

Rose olhou para trás, onde via o o Extrato de Vênus, olhou para a névoa que tinha falado com ela... – Não, obrigada – ela sussurrou e subiu a escada para sair do porão, com o olho de bruxo nas mãos. – Não agora.

Rose emergiu da câmara na hora em que Ty e Sage terminaram de despejar sacos de farinha de trigo e várias colheres de chá de fermento em pó dentro da enorme tigela metálica da batedeira.

– Aqui tem o suficiente para quarenta e quatro bolos – anunciou Sage. – Imaginamos que temos de fazer fatias suficientes para todo mundo na cidade, que é mais ou menos duas mil e duzentas pessoas. Se tiver cinquenta fatias bem finas por bolo, então quarenta e quatro deve dar… – Ele levantou um diagrama que tinha feito para o corte do bolo.

Rose colocou o pote de conserva envolvido em barbante sobre o balcão, e o olho bamboleava para cima e para baixo em seu conservante líquido amarelado. Ele tinha uma íris cor de lavanda e uma cauda azul nodosa – Rose sabia que era o nervo óptico, o feixe de fibras que o conectava ao cérebro. Era bonito e medonho aos mesmo tempo.

Sage recuou ao ver o olho em conserva. – Eca! O que é isso?! – Ele estremeceu ao pegar o pote. O olho foi para um lado e para o outro e parou, encarando Sage diretamente na luz turva das janelas fechadas da cozinha. – Onde você achou essa coisa?

Rose pegou o pote antes que ele o derrubasse. Ela queria contar a Ty sobre a voz, mas não na frente de Sage. – Me dá isso.

– Mamãe e papai têm mais algumas… coisas exóticas – disse Ty. – Numa despensa secreta. Eu mostro a você mais tarde.

– Agora – disse Rose – a verdadeira pergunta é: como é que fazemos

essa coisa feia chorar?

Ty cruzou um braço sobre o peito e esfregou seu queixo com a outra mão. – Hmm – ele disse. – Bem, acho que devemos começar tirando-o do pote e segurando sobre a batedeira, assim ficamos prontos para coletar as lágrimas.

– Boa ideia – disse Rose, e passou o pote para Ty.

– Ah, não… Eu não vou tocar nisso – disse Ty, visivelmente enojado.

– Você sempre diz que quer ser mais incluído, Sage – disse Rose, empurrando o pote na direção do irmãozinho. – Aqui está sua chance.

Sage soltou um som agudo e lançou os braços sobre suas bochechas sardentas e carnudas.

– Tá bom! – Rose franziu a testa, desenrolou o barbante e, então, abriu a trava de metal do pote de conserva.

Quando ela abriu a tampa, o cheiro era indescritível. Era como água num vaso de margaridas podres. Era como vinagre que tinha sido usado para dar banho em sapo doente. Era como iogurte da Idade Média. Era como o suor de cadáveres, se cadáveres pudessem suar.

– Quem peidou?! – gritou Sage.

Rose tapou seu nariz com uma mão e agarrou a cauda de nervo óptico com a outra. A cauda se debateu como um peixe que não quer ser pego num aquário, mas depois de algumas tentativas, ela havia prendido o feixe de nervos em volta de seu dedo e puxado do jarro o olho dependurado.

Ty e Sage estavam ambos tapando o nariz e fazendo um som como se fossem vomitar.

– Como você vai fazer isso chorar? – disse Ty, gemendo.

– Sei lá – perguntou-se Rose em voz alta. – O que você diria para fazer alguém chorar?

Sage se aproximou do olho pendurado. – Seu cachorro acabou de morrer! – ele gritou.

O olho se virou e encarou Sage, como se dissesse “Boa tentativa”.

Ty disse, muito ríspido: – Você é a coisa mais feia que eu já vi!

A pálpebra se fechou bem apertado de um jeito que quase parecia estar sorrindo.

– Cara, você acabou de elogiá-lo! – disse Sage.

Rose queimava a pestana. Como você faria alguém – ou uma parte de alguém com nenhum sentimento – chorar? Rose olhou através das janelas fechadas, onde o bando barulhento de garotas estava começando a se mexer.

Então soube o que fazer.

– Ty, segure isto! – ela gritou, empurrando o olho para a mão desprevenida de Ty. Ao envolver seus dedos nos nervos fibrosos e viscosos ele soltou um som agudo como de um bebê.

Rose correu para a despensa e pegou um cutelo e uma cebola, a maior cebola amarela que ela conseguiu encontrar. Ela os trouxe para onde Ty estava segurando o olho sobre a tigela da batedeira. Cortou a cebola bem no meio, em duas partes iguais. Então cortou as metades em metades e continuou cortando até que a tábua ficou cheia de pequenos cubos brancos.

E, enquanto ela fatiava a cebola, o cheiro ácido e forte subiu até o nariz de Rose e fez seu olhos arderem tanto que mal podia respirar. Então ela fez o que seria natural: chorou. Ela chorou por causa da coisa no porão, porque fosse quem fosse estava falando a verdade – ela queria mais do que tudo ser importante, ser famosa, significar algo. Ser bonita.

Ela fungou e pôs a tábua de cortar cheia de cebolas sob o olho do bruxo.

Ty e Sage tinham ambos enterrado seus olhos em seus cotovelos, assim só Rose viu quando o olho piscou raivosamente e deixou cair uma lágrima negra viscosa e oleosa, que estatelou dentro da tigela, e então outra, e mais outra, até que pelotas negras escorressem dos cantos do olho sem corpo.

– Vocês dois – sussurrou Rose. – Olhem!

O próprio olho começou a reluzir numa fria luz roxa, e as lágrimas negras que tinham gotejado para dentro da massa chiaram e estalaram. De repente, a enorme tigela começou a girar em seu eixo, com um lento tinido

de metal no começo, depois cada vez mais rápido, como um tipo de chapéu-mexicano que sempre fazia Rose vomitar.

Os três deram um passo para trás. – Estou com mau pressentimento – disse Sage.

– Shhh – Ty disse.

A massa foi lançada para as paredes da tigela, então escalou as laterais e borbulhou. Mas não espirrou no chão. Em vez disso, enquanto a tigela ficava girando, massa continuava a subir, até que ficou flutuando perto do teto numa gorda bola pegajosa. A massa disforme se rearranjou num rosto humano com gigantes sobrancelhas franzidas e olhos profundos e vazios que olharam para Rose. Uma boca se formou sob eles e gritou para ela sem palavras.

– Me deixe em paz! – ela gritou.

Então o olho parou de brilhar, suas pálpebras fecharam quase que com um estalo audível. O rosto se dissolveu na massa, e a coisa toda despencou com um *splat* dentro da tigela.

Tinha acabado.

Ty despejou o olho para dentro do pote. Rose apertou bem a tampa e o levou de volta para a despensa secreta. Enquanto ela o colocava no lugar na prateleira, podia jurar que ouviu o olho – ou alguma outra coisa – rosnar.

Sage, Rose e Ty encheram cada fôrma de bolo disponível com a massa, que tinha uma cor rosa acinzentada, de aspecto doentio, e enfiaram cada uma delas em todos os fornos, que eles tinham ligado na temperatura máxima – os quatro fornos industriais e o do fogão de ferro fundido em forma de colmeia no canto. Estava quente como o porão de um barco a vapor.

Depois de quarenta minutos, o pequeno temporizador vermelho que Purdy usava para seus bolos soou com um otimista *Ping!*,e as três crianças Bliss entraram em ação. Ty e Sage tiraram todos os bolos para esfriar,

enquanto Rose começou a fatiá-los e colocá-los em porções individuais sobre pratos de papel com um garfo de plástico em cada um.

Os três trabalharam num silêncio febril. Ninguém disse palavra alguma até que todos os bolos estavam fatiados e servidos nos pratos. Cada superfície da cozinha estava coberta de fatias de sobremesa mágica.

A essa hora, a maioria das garotas tinha acordado, e Rose podia ouvi-las com indiferença batendo na janela da frente de novo.

Rose dispôs duas dúzias de pratos numa fôrma enorme do tamanho de uma mesa pequena, e ela e Sage a transportaram para o salão da frente. Eles colocaram a fôrma perto da porta e deram batidinhas na janela.

– Rápido! – disse a sra. Carlson, que tinha ficado vigiando Leigh o tempo todo em que os meninos estavam preparando sua massa mágica. – As feras acordaram!

– Silêncio! – gritou Rose. Tia Lily e Chip podiam voltar a qualquer momento – ela precisava trabalhar rápido.

As garotas não paravam de gritar e bater na janela. Elas simplesmente começaram a bater mais forte. Rose sentiu-se completamente invisível.

Então Ty correu e gritou pelo megafone novamente: – *Fiquem quietas!*

Ao som de sua voz, as garotas ficaram completamente silenciosas e em estado de atenção.

– Porque eu amo tanto todas vocês, preparei um bolo! – ele berrou, levantando um pedaço. Isso foi respondido com um suspiro coletivo. – Se vocês querem um pouco, têm de fazer fila na porta! Fila única!

– É como se a libertação feminina fosse nada além de um sonho! – murmurou a sra. Carlson.

As garotas disputavam entre si para formar a fila, arranhando-se umas às outras para ficar mais perto da porta. Com as mãos tremendo, Rose destrancou a porta, ainda com visões que dançavam em sua cabeça e mostravam que ela era pisoteada por uma multidão desdenhosa de garotas más.

– Se vocês comerem seu pedaço de bolo *inteiro* – explicou Ty,

enfatizando como se estivesse falando para uma sala do jardim de infância –, então eu vou pessoalmente… dar um abraço em vocês e assinar seu livro do ano com meu nome.

– Só com seu nome? – gritou alto uma das garotas, com voz aguda e perfurante.

Ty encolheu os ombros. – Hmm, e um *smiley*.

– Ai, meu Deus! Ai, meus Deus! Ai, meu Deus! – gritou a garota, e outras começaram a se juntar também.

Rose abriu a porta uns quinze centímetros – só o suficiente para passar os pratos de papel. Enquanto ela entregava fatia por fatia às garotas, elas olhavam direto através dela para Ty.

Ashley Knob foi a última a pegar a fatia de bolo. Seus cachos loiros estavam numa bagunça rebelde e suja. Rose entregou um garfo a ela, mas ela enfiou sua mão manicurada na fatia de bolo e depois enfiou a fatia inteira goela abaixo.

Os olhos de Ashley estalaram. Ela virou sem dizer nada, então se distanciou, lenta e deliberadamente. Em seu despertar, todas as garotas jogaram seus pratos no chão e foram embora.

– Que tipo de bolo é esse? – quis saber a sra. Carlson. – Não parece que elas tenham gostado muito. Eu não colocaria essa coisa cinza na boca.

Rose deu um suspiro. A sra. Carlson estava certa. Mesmo que elas o tenham devorado, não parecia que tinham gostado.

– Isso pareceu dar certo para você? – cochichou Ty, com seus braços esguios e bronzeados cruzados sobre a camisa social.

Rose não tinha certeza. Era estranho o jeito que elas largaram os braços, viraram e foram embora como robôs. Mas não era isso que eles queriam que elas fizessem? Que fossem embora? Além disso, a receita só atingiria seu potencial máximo daqui a doze horas, o que significava na manhã do dia seguinte.

Leigh estava sentada no meio do chão sujo da confeitaria esperando com seus braços levantados, como se estivesse pedindo um abraço. Ou bolo.

– Minha família tem um livro de receitas mágicas! – ela gritou. – Eles guardam no fundo da câmara refrigerada! Rose tem a chave!

Rose deu à irmã um pedaço da coisa macia e rosa-acinzentada, e Leigh a devorou em duas mordidas grandes e desajeitadas.

Ela parou de falar imediatamente. Também parou imediatamente de olhar Rose nos olhos. Ela olhava através de Rose.

– Leigh? Você tá bem? – perguntou Rose.

Leigh afirmou com a cabeça, ainda olhando longe, então engatinhou lentamente para dentro da cozinha e subiu a escada para seu quarto.

– Onde ela está indo? – perguntou Sage.

Rose a seguiu escada acima e viu Leigh subir em sua cama, ligou sua luz noturna na forma de joaninha e puxou as cobertas até o queixo. Ela ficou deitada lá, quieta, e fechou os olhos.

– Você está bem? – perguntou novamente Rose. – Leigh?

Mas Leigh já estava roncando. Era muito estranho Leigh ir para a cama no meio do dia, sem ter comido muito. Mas, de fato, ela havia comido uma fatia inteira do bolo.

No corredor, Rose passou pela sra. Carlson, que anunciou:

– Já que a caçula está tirando um cochilo, eu também vou tirar um. Hoje o dia está muito agitado, e minha pressão não aguenta. O homem-músculos e a supermodelo devem voltar logo, de qualquer maneira. Eles conseguem tomar conta daquela bagunça lá embaixo. Vocês são uma família estranha. Você sabe disso, não sabe?

Rose assentiu com a cabeça, e a sra. Carlson não disse mais nada, só saiu se arrastando lentamente.

No quintal lá fora, Ty e Sage estavam colocando os pratos de bolo no pequeno carrinho vermelho que Albert guardava na garagem. Rose se lembrava de quando o pai costumava levar a Ty e a ela em passeios na cidade. Agora Ty o estava usando para carregar bolo mágico, o que os pais certamente desaprovariam.

– Eu não sei – disse Rose. – Leigh está estranha. Ela foi dormir.

– Bom – disse Ty. – Isso vai mantê-la longe do nosso pé.

– Mas não é estranho? – Uma dor melancólica se estabeleceu no estômago de Rose, e isso geralmente significava que ela precisava parar e reavaliar a situação. O bolo tinha feito as garotas irem embora como robôs, e Leigh logo caiu no sono. Isso seria saudável? Não se parecia com outras receitas do livro, e ela continha lágrimas negras e oleosas de um bruxo. Seria mesmo a solução certa? Ela desejou poder ligar para os pais e perguntar. Mas, claro, ela não deveria.

– Não preparamos tudo isso por nada – ralhou Ty. – Estou me certificando pessoalmente de que todos na cidade comam um pedaço desse bolo estúpido. – Ty cruzou os braços sobre o peito. – Rose, temos de consertar a cidade antes que a mamãe e o papai voltem.

– Ah… você está certo – disse Rose, otimista. Ela não queria fazer Ty pensar que ela fosse fraca. – Vai funcionar com certeza.

Ty puxou um mapa de Calamity Falls do bolso e foi embora, puxando o carrinho com uma mão. – Isso vai levar, ãh… dezessete horas – ele disse com mau humor e puxou o carrinho para fora da entrada da garagem e desceu a rua, deixando Rose e Sage em pé, sozinhos no quintal. Voltaram para a cozinha e arfaram.

Agora só havia o problema da bagunça.

Não só tinham falhado em limpar o salão da frente da confeitaria depois da briga das bibliotecárias, mas também tinham sujado a cozinha para além do conserto. Quarenta e quatro fôrmas de bolo sujas estavam empilhadas em montes que oscilavam sobre a pia da cozinha; pedaços secos de massa rosa acinzentada grudados nas paredes da tigela da batedeira e também nas paredes e nas portas dos armários; e Rose não tinha ideia do que aquelas poças claras no chão eram – água, clara de ovo, suor, ou o líquido conservante do olho de bruxo.

Sem falar da bagunça que Rose e Sage encontraram quando foram para fora de casa: dúzias de pequenos pratos de papel e garfos de plástico sujos jogados na calçada. A agitada horda de garotas tinha pisoteado todas as

flores e arbustos do lado de fora da casa, e havia um buraco no meio da adorada cama elástica, ali onde uma garota tinha pulado alto demais e atravessado a lona ao cair.

Quando abriram a porta para voltar à cozinha, Chip e tia Lily estavam de volta de seu almoço no Pierre Guillaume, parecendo, de fato, uma supermodelo e um homem-músculos.

– Achei que você tinha dito que ia *limpar*! – gritou Chip. Ele subiu furioso escada acima para buscar produtos de limpeza. – Sinceramente, Rose! O que você estava pensando?

Lily encurralou Rose e Sage perto da câmara refrigerada. Ela piscava os cílios de um jeito que era tão atraente quanto aterrorizador. – Será que algum de vocês se importaria de me contar exatamente o que está acontecendo?

Antes que Rose pudesse pensar numa mentira apropriada, Sage falou sem pensar:

– É tudo por causa do livro de receitas!

CAPÍTULO 12

Mentindo para Tia Lily

Liiiiiivro de receeeeeitas? – perguntou Lily, esticando as palavras três vezes mais que a sua duração normal.

– Sim, hmm, o livro de receitas da Betty Crocker! – Rose mal conseguia respirar. – Ela sentiu como se o ar fosse um xarope viscoso entrando por suas narinas e enchendo seus pulmões. – Olha, nós fizemos esse bolo todo maravilhoso, e todo mundo apareceu para comer uma fatia, e é por isso que o quintal está todo pisoteado e tem todos aqueles pratos na grama.

Lily se ajoelhou, tirou sua boina e chacoalhou os cabelos – não que houvesse muito cabelo para ser chacoalhado. Rose notou que Lily tinha um jeito de se ajoelhar quando ela queria dizer algo importante, para que seus

olhos ficassem na direção exata dos de Rose em vez de um metro mais altos.

– Que *tipo* de bolo vocês fizeram?! – perguntou Lily, espremendo os olhos de um jeito que permitiu Rose perceber que a tia sabia que ela estava mentindo.

– Morango – disse Rose sem hesitar.

– Conte para ela o que nós fizemos de verdade! – gritou Sage.

Então Rose fez algo do qual não se orgulhou: ela abriu a câmara e empurrou Sage lá para dentro.

Ela se inclinou contra a porta fechada para evitar que ele escapasse, mesmo enquanto gritava por misericórdia. Foi mesmo uma boa ideia ela ter calçado tênis com solas de borracha aquela manhã, porque ela conseguia manter a porta fechada flexionando os joelhos e pressionando seus tênis contra o chão.

Agora seus gritos ficaram abafados. Rose sabia que ele estava gritando sobre o livro de receitas, mas ele poderia estar gritando da mesma maneira por querer um Nintendo Wii.

– O velho e comum bolo de morangos, é? – disse Lily, curvando as sobrancelhas perfeitas. – Sage ajudou?

– Ahn-ahn – disse Rose, assentindo com a cabeça. A porta sacudia às suas costas; Sage tinha começado a jogar seu corpo inteiro contra a porta.

– Rose – disse Lily –, é óbvio que você está escondendo alguma coisa. Você literalmente acabou de trancar seu irmão na câmara. Por que você não me conta o que realmente está acontecendo? Não pode ser *tão* ruim. Além disso, eu fiz toneladas de coisas ruins quando era mais jovem. Uma vez, eu colei os sapatos do meu pai no chão! – Lily soltou uma risadinha. – Dá para acreditar? Sapatos! Cola! No que eu poderia estar pensando?

Naquela hora, Rose caiu de joelhos enquanto Sage irrompeu triunfantemente da câmara. – Eu tenho uma vantagem inicial! – ele exultou. – Eu sou forte!

– Isso não há como negar! – disse tia Lily.

Então Sage se lembrou por que tinha sido empurrado para dentro da

câmara. – Rose está mentindo! – ele gritou, jogando os braços em torno do longo pescoço de tia Lily. – Nós fizemos um bolo do livro de receitas *de verdade*!

– Que livro de receitas? – perguntou Lily.

– Nossa família tem um livro de receitas mágicas – disse Sage. – Nossos pais disseram pra gente não tocar nele, mas convencemos Rose a nos deixar fazer isso.

Rose limpou os joelhos e ficou em pé. Ela queria muito correr até o telefone e discar para a mãe e dizer "Mãe, nós mexemos no livro de receitas e quase destruímos a cidade, e agora Sage está contando à nossa linda e falsa tia sobre ele" –, mas sua língua tinha ficado toda pesada e mole, como uma meia molhada, e ela não conseguia nem fazê-la se mexer, quanto mais formar palavras.

Rose achou isso um pouco estranho e então fez um pequeno experimento. Ela se esqueceu de tia Lily enquanto tentava lembrar como contar até dez em latim. – *Unus. Duo. Tres* – ela murmurava. – *Quattuor. Cinque. Quinque?* – Era com *C* ou com *Q*? Era *C* na versão italiana? Então, a língua de Rose começou a readquirir pleno funcionamento.

"Eu quero contar para mamãe sobre tia Lily", Rose pensou e tentou dizer algo em voz alta.

Sua língua ficou mole de novo.

Rose não estava imaginando, era real: sua língua não conseguia funcionar toda vez que ela pensava em contar à mãe sobre tia Lily. Certamente não era um acidente, mas não havia tempo para pensar sobre aquilo, porque Sage ainda estava grudado nos longos braços de tia Lily, pondo para fora segredo após segredo, como um saco de lentilhas furado que ia sendo arrastado pela calçada.

– Entendo – disse Lily. – E onde está o livro de receitas mágicas?

– Atrás da *tapeçaria* no final da *câmara* – Sage disse, dando orgulhosamente tapinhas na própria barriga.

– Innnteresssaaaante! – disse Lily, toda dengosa, esticando a palavra

até o comprimento de uma frase inteira. Lily se virou para Rose e fez um sinal. Seu rosto estava tão cheio de amor, de tanta compaixão, que Rose se viu dando passos sem nem mesmo pensar. Lily esticou suas mãos luxuriosas e macias, com seus longos e lustrosos dedos, e Rose pousou sua própria mão imunda nas dela.

– Rose – disse Lily. – Eu sei que você está mentindo para proteger seus pais. Mas, se esse livro colocou você em algum problema, é importante que você conte a um adulto. Um adulto de sua família, com a concha nas costas.

Rose se fortaleceu. Ela havia lidado com uma horda de garotas histéricas e poderia lidar com tia Lily. – Nós demos um jeito nisso.

– Como?

– Com bolo. – E foi isso. Rose não precisava da ajuda dessa estranha misteriosa.

Lily sorriu largamente. – Justo, querida. – Então o sorriso desapareceu. – Mas eu acho que você deveria me dar a chave da despensa – só para o caso de outros "não adultos" sentirem-se tentados a mexer no livro e se enfiar ainda *mais* em encrenca.

A desconfortável dor no estômago de Rose se transformou em espamos completos diante da ideia de dar a chave à tia Lily. – Não posso dar a chave a você – disse Rose. – Mamãe e papai a deixaram comigo. Mas prometo que ninguém tocará no livro de novo durante esta semana.

– Agora, Rose – disse Lily, mostrando todos os dentes de novo de um jeito que deveria ser reconfortante, mas não era. – Isso não é o que você prometeu aos seus pais originalmente? E você não mexeu no livro mesmo assim?

As palavras ferroaram. Era verdade. Talvez Rose não fosse adequada para ser uma confeiteira mágica. Ou mesmo uma boa filha. Ou até mesmo uma garota. Rose sentiu o gosto salgado de uma única lágrima que correu para o canto de sua boca.

Sage levantou um dedo bem alto para o ar e exclamou: – *Eu* vou guardar a chave!

– O quê? – respondeu Rose, ríspida, torcendo o vestido azul com os dedos. – De jeito nenhum, Sage. Você é de longe a pessoa menos responsável da família.

Agora era a vez de Sage chorar. – Ninguém *nunca* me deixa fazer *nada*! – ele gritava.

Lily tirou as franjas de Rose de cima de seus olhos e cochichou: – Rose. Eu acho que você deveria deixá-lo guardar a chave. Ele quer ser levado a sério. Se você não começar a confiar nele agora, ele vai entender a mensagem como se você o tivesse tratando como uma piada. E então ele nunca vai se responsabilizar por nada.

Rose olhou para Sage, que poderia improvisar um monólogo shakespeareano melhor do que qualquer um que ela conhecia; que conseguia fazer qualquer um rir, só de olhar para eles; e que era obcecado por Ty, se não pela própria Rose. Então ela se lembrou de quão frustrada, quão insignificante, ela se sentia quando os pais não lhe davam nenhuma responsabilidade na confeitaria. Não queria ser aquela que faria Sage sentir-se da mesma maneira. Ele era seu irmão e merecia uma chance.

Rose foi até Sage, que começou a pular feito louco e a gritar. Ela tentou tocar seu ombro para acalmá-lo, mas ele apenas pulou para longe.

– OK, OK! – gritou Rose. – Você pode guardar a chave!

Sage parou de pular imediatamente e virou para ela, ofegante, sua língua levemente para fora da boca. Ele lançou um olhar com suspeitas. – *Por quê?* – ele disse, testando-a.

– Porque... eu quero que você seja ator algum dia – ela disse.

Sage enrugou o nariz como se tivesse cheirado um rato morto. – Você quer que eu seja *ator*?

– Sim. Ou político. Ou alguma coisa em que você possa falar bastante. Então estou deixando você se responsabilizar guardando a chave por alguns dias. Mas não pode deixar ninguém mais *tocá-la*. E eu quero dizer *NINGUÉM* – disse Rose, mexendo discretamente a cabeça para indicar tia Lily, que estava em pé perto da porta de vaivém com suas mãos

delicadamente apoiando as bochechas, parecendo bastante satisfeita.

Rose gentilmente tirou o cordão de seu pescoço, passando-o pelo cabelo, e o colocou na cabeça ruiva e inflada de Sage, como se ela o estivesse condecorando.

Pela primeira vez em eras, Sage envolveu seus braços ao redor de Rose e a abraçou. Ele a abraçou tão apertado que ela teve de empurrá-lo para que pudesse respirar, mas ainda assim… isso a fez sorrir.

Rose passou o resto da tarde lavando fôrmas de bolo na cozinha enquanto Lily e Chip limpavam o salão da frente, e Sage e a sra. Carlson – semiacordada – pegavam os pratos de papel e garfos de plástico que pontilhavam cada centímetro do chão dentro de um raio de cem metros.

Ty voltou para casa perto das dez horas da noite. A camisa estava encharcada, o rosto estava manchado de sujeira e pó, e as mãos estavam cobertas de bolhas de tanto puxar o carrinho.

Rose serviu a ele um copo de água. – Conseguiu? – ela perguntou.

Os olhos de Ty já estavam fechados, e ele bebeu o copo inteiro. Só conseguia acenar com a cabeça.

– *Todos* na cidade comeram uma fatia do bolo? – ela perguntou.

Ty assentiu com a cabeça de novo. – Tanta gente… – ele resmungou.

– Escuta – disse Rose –, tenho que contar a você o que aconteceu. Sage contou tudo para tia Lily sobre o livro de receitas, e ela queria a chave da porta, mas eu a dei para Sage porque não parecia certo dar a chave a ela.

Ty foi aos tropeços em direção à escada, Rose o seguindo. – Você está ouvindo, Ty? – ela perguntou. Mas ele só se arrastou pela escada para a escuridão do andar de cima.

Quando chegaram ao quarto de Sage e Ty e abriram devagar a porta, eles viram uma figura alta e sombria sentada na cama de Sage.

Era tia Lily. Sage estava dormindo e Lily estava sentada perto de seus

ombros, afagando o cabelo de Sage.

– O que você está fazendo aqui em cima? – sussurrou Rose.

Lily deu um pulo e se virou. Ela respirou alto. – Vocês me assustaram! – ela disse baixinho, segurando a respiração. – Eu só estava… dizendo boa-noite a Sage. – Então ela deslizou entre Rose e Ty e saracoteou escada abaixo.

Rose soltou um suspiro de alívio quando viu seu pequeno batedor de prata no peito de Sage, reluzindo ao luar, exatamente onde devia estar.

Ty despencou na cama. Rose se voltou para sair, mas aí ele alcançou sua mão e a agarrou. – Ei, Rosita – ele disse. – Foi bem divertido hoje.

Rose abriu um sorriso largo.

– Menos pela cantoria e pelas horas que passei distribuindo bolo num carrinho vermelho bem no meio do verão – continou ele e bocejou. – Ainda assim, foi muito bom.

Rose queria dizer tanto para ele, e se Ty não tivesse caído no sono, ela talvez tivesse dito algo do tipo “Muito obrigada por dizer isso porque significa tanto para mim saber que hoje nós conseguimos trabalhar tão bem juntos, porque às vezes pode parecer que você não liga para mim porque é muito ocupado sendo lindo e popular e eu sou só sua irmãzinha coberta de farinha de trigo que enche você o tempo todo, mas eu amo você mais do que eu consigo expressar... Então eu estou muito feliz em saber que você acha que eu sou boa em alguma coisa”.

Mas tudo o que ela disse foi: – Boa noite, Ty.

E então ela fechou a porta do quarto de seus irmãos e foi para o banheiro para lavar o encardimento considerável de seu rosto.

Foi quando o telefone portátil tocou e Rose atendeu, fechando a porta do banheiro atrás de si. Era sua mãe.

– Espero que não seja muito tarde, querida, mas acabamos de voltar para nosso hotel – disse Purdy. – Eu tinha que dar uma checada nas minhas crianças! Foi tudo tranquilo hoje?

Rose respondeu com um ressoante *Sim!* porque *tinha* sido tranquilo,

de certo modo. Claro, a cidade tinha sido lançada ao caos, mas ela havia arrumado tudo, com a ajuda dos irmãos. Rose sentiu-se culpada por não contar toda a verdade à mãe, mas sabia que algum dia levaria Purdy para tomar um chá e contaria cada detalhe e Purdy apertaria Rose contra seu peito e diria: "Essa é minha pequena confeiteira!"

– Também – disse Rose – pode ser muito cedo para dizer isto, mas acho que eu, Ty e Sage podemos ser amigos agora.

Purdy riu. – Que maravilha, doçura. O que aconteceu?

Rose ficou confusa por um instante. Será que Ty e Sage só queriam aprender mágica para se aproximar de tia Lily? Ou será que estavam começando a gostar de sua irmã? Ela concluiu que isso na verdade não importava.

– Acho que cozinhar junto está realmente nos aproximando.

– Bem, é isso o que torna cozinhar tão mágico, Rose.

Rose sorriu para si mesma. "Isso e todas aquelas coisas que vocês guardam na despensa secreta."

– Boa noite, doçura.

– Boa noite, mãe.

Lá fora, o céu tinha ficado mais escuro e a primeira estrela tinha aparecido. Ela brilhava cada vez mais e mais forte e um pouco mais cor-de-rosa do que uma estrela normal. "Talvez seja um planeta", Rose pensou. "Talvez seja Marte." Marte era o planeta favorito de Rose. Tinha o nome do deus romano da guerra, e Rose sentia-se uma guerreira naquele dia. Rose colocou a mão sobre seu ombro, deu um tapinha em suas próprias costas e caiu no sono.

CAPÍTULO 13

Oiràrtnoc Oa

Rose acordou na manhã seguinte sentindo-se quente, com coceira e confusa.

No dia anterior, tinham-lhe acontecido mais coisas bizarras e assustadoras do que acontecem a uma pessoa comum durante a vida toda.

Suas únicas tarefas até que os pais voltassem eram fazer com que a confeitaria funcionasse sem problemas e certificar-se de que ninguém xeretasse no livro. Assim, quando voltassem, veriam que a cozinha estava limpa, o cabelo de Leigh estava lavado, que Ty e Sage mantinham todos os seus membros intactos e que Rose era digna de que lhe confiassem os segredos de família.

Rose colocou sua camiseta preferida, uma com listras cor-de-rosa e laranja, e jogou uma água no rosto. Sua pele estava salpicada de espinhas vermelhas inflamadas. Isso acontecia muito no verão, quando Rose ficava cheia de trabalho na confeitaria e suava constantemente no processo.

Houve uma batida na porta do banheiro. – Só um minuto! – gritou Rose. Ela se inclinou para o espelho, estudando suas espinhas. Precisava de um pouco da poção mágica de Lily.

Como se tivesse sido evocada, a voz gritou: – É sua tia Lily! Posso

entrar?

Antes que Rose conseguisse dizer não e que ela estava bem sozinha, tia Lily abriu a porta e saracoteou para dentro.

– Bom dia – disse tia Lily. Ela pôs uma *nécessaire* preta sobre o balcão. – Hora de começar a trabalhar!

– Eu sei – disse Rose, estudando o visual da tia: jeans justos e top roxo de manga curta. Tia Lily parecia informal, mas elegante. Rose baixou os olhos para sua própria camiseta e não tinha certeza se as listras eram uma boa escolha, afinal. – Hora de começar a cozinhar.

– Não é esse o tipo de trabalho a que me referi. – Tia Lily abriu o zíper de sua *nécessaire*, e Rose podia ver que estava cheia de maquiagem. Purdy nunca deixou Rose usar qualquer tipo de maquiagem, dizendo que isso fazia as garotas parecerem *tão insossas quanto um dos* donuts *dos Stetson*. Mas Rose tinha sempre se perguntado secretamente se talvez um pouquinho de maquiagem – um pouquinho de *glamour* – não era exatamente o que ela precisava.

– Ficar bonita não é fácil, claro – disse tia Lily. – Eu nunca gostei de usar nenhum tipo de maquiagem. Eu gostava do visual *au naturel*. Mas então alguém me disse que meus lábios pareciam um papo de peru e daquele dia em diante nunca mais fiquei sem batom. – Rose assistiu, paralisada, enquanto tia Lily contornava seus lábios com um lápis vermelho. – Até brilho labial funciona em caso de emergência. Qualquer coisa brilhante dá conta.

Conforme tia Lily aplicava o resto da maquiagem, seu rosto que já era bonito começou a parecer ainda mais bonito. E Rose não conseguiu evitar o pensamento naquela voz na despensa, a voz que lhe disse que ela nunca seria bonita ou poderosa ou importante – a voz que de algum modo conhecia seu medo mais profundo, o de que ela nunca seria satisfatória.

Tia Lily ainda era uma personagem suspeita, mas era também a primeira pessoa na vida de Rose que sabia o que era ser uma mulher vibrante, esperta e bonita. Talvez tia Lily pudesse ensiná-la o que ela

precisava saber para que pudesse crescer e ser uma mulher vibrante, esperta e também bonita.

– Tia Lily? – Rose se viu dizendo.

– Sim, querida?

– Você acha, talvez… que poderia fazer minha… Quero dizer, me ajudar… hmm?

Tia Lily parou de aplicar o rímel no meio do processo e disse: – Você gostaria que eu a ajudasse a parecer bonita?

Rose concordou com a cabeça.

– Querida – disse tia Lily, sua voz ronronando gentilmente –, achei que nunca pediria.

Rose valsou pela cozinha se sentindo como um milhão de dólares. Bem, ela na verdade não tinha ideia de como um milhão de dólares se sentia, mas se sentia muito bem.

Bonita.

Chip já estava lá, polvilhando um bolo de sete camadas com as mãos cheias de macio coco ralado.

– Bom dia! – disse Rose.

– Você sabe, Rose… eu faxinei por cinco horas ontem – respondeu Chip, ríspido. – Eu tive que pegar a dentadura de uma bibliotecária do chão. Isso não faz parte das minhas obrigações nesse trabalho.

– Sinto muito por isso, Chip. Não sei o que deu naquelas senhoras. Nas mais velhas *ou* nas mais novas.

Só então Chip tirou os olhos do bolo. – Você parece… diferente, Rosie.

Rose olhou para tia Lily, que estava sorrindo de orelha a orelha. – Acho que ela parece exatamente como ela mesma – disse tia Lily. – Só um pouquinho mais… radiante.

Rose gostou de como isso soou. Um pouquinho mais radiante. – Vou

abrir a confeitaria. Já devem estar fazendo fila lá fora. – Rose deslizou pela porta de vaivém, com um sorriso amigável em antecipação à multidão de fregueses amigáveis que estaria esperando para cumprimentá-la.

Não havia multidão.

Não havia nem mesmo uma modesta multidão.

Não havia um único freguês. Nem o sr. Bastable, nem a srta. Thistle, nem a sra. Havegood; nem os professores, nem as bibliotecárias, nem os alunos das atividades escolares de férias.

Ninguém.

– Do que precisamos, Rose? De mais *muffins*? – disse tia Lily, deslizando para o salão da frente. – Oh, querida. Parece que não há ninguém ainda.

Chip lançou seu torso bronzeado e musculoso para o salão da frente para ver por si mesmo, com uma porção de coco ralado em cada mão. – Ahn? – ele disse. – Que esquisito. Quinta-feira costuma ser a nossa manhã mais agitada.

– É, esquisito mesmo – disse tia Lily. – Quase como se algo estivesse errado.

Rose encolheu os ombros nervosamente. – É só esperar – ela disse. – Eles virão. Ah, eles com certeza virão. – Rose juntou umas poucas fôrmas quase vazias de *muffins*, arrumou os bolos de sete camadas em seus belos suportes de vidro e então varreu o chão de piso branco e preto sob as cadeiras de ferro forjado cheias de voltinhas, ainda que Chip já tivesse varrido cuidadosamente no dia anterior. Ela até sacudiu o velho tapete marrom que dava boas-vindas.

E então Rose se plantou atrás do balcão e esperou.

Três horas se passaram, e ninguém ainda tinha entrado na confeitaria, exceto a sra. Carlson, que tinha descido a escada para anunciar que Leigh

era “um molusco preguiçoso” que se recusava a acordar e que a própria sra. Carlson teria de perder um dia de bronzeado porque tinha de ficar lá dentro e vigiar a criança até que ela tivesse a decência de se levantar da cama. Então ela deu uma olhada em Rose e seu novo visual, limpou a garganta com um *hum-hum* e subiu de volta as escadas.

Ninguém passou em frente à confeitaria, nem mesmo um carro. Rose tinha ligado para sua amiga Alexandra para convidá-la a sair, como tinha se prometido fazer, mas ninguém atendeu. Era como se o mundo tivesse parado de se mover e a casa dos Bliss não tivesse recebido a notificação.

Chip parou de cozinhar para aquele dia e se sentou na cozinha resolvendo Sudoku. Tia Lily esfregou o vidro da frente do balcão pela terceira vez aquela manhã, enquanto Rose fazia um cálculo mental.

Ty tinha voltado da entrega dos bolos por volta das dez. Já era meio-dia. A receita dizia que o bolo levava doze horas para atingir o seu potencial máximo. Então por que ninguém tinha vindo até a confeitaria? Será que eles estavam tão saciados por terem comido bolo na noite passada que nem pensavam em comprar *muffins*? Quem conseguiria ficar tão cheio a ponto de não querer um *muffin*?

Naquele momento, Ty e Sage desceram a escada, ambos em camisas sociais azuis que combinavam e ambos com gel no cabelo para formar um moicano espetado e ruivo. Sage parecia uma versão encolhida de Ty, com bochechas mais redondas.

– Os dois não estão lindos?! – disse tia Lily.

Na hora em que viram Rose, eles falaram ao mesmo tempo. – O que tem de errado com você?

– Você parece diferente. – Ty andou em volta de Rose, cruzando os braços sobre o peito. – O que é?

Rose não conseguiu evitar um sorriso. – Por que você não adivinha?

– Eu sei! – disse Sage. – Você não está usando roupa de baixo!

Rose balançou a cabeça. – Errado. Tente de novo.

– Camiseta nova? – Ty fez uma careta. – Não, você tem essa coisa

listrada feia faz tempo.

– *Não!* – Será que seus irmãos não conseguiam mesmo notar o que estava diferente? – Estou usando maquiagem!

– Ah, é só isso? – disse Ty, instantaneamente decepcionado. – É por isso que a confeitaria não está aberta… porque você está usando maquiagem?

– Não. O que maquiagem tem a ver com a confeitaria?

– Não sei – ele respondeu, pegando um *muffin* e dando uma cheirada. – Só é estranho que não haja ninguém aqui.

– Exatamente! *Ninguém* veio à confeitaria esta manhã – começou Rose, tentando não ficar muito chateada diante de tia Lily. – Nem uma única pessoa. O que é estranho. Acho que alguma coisa está, sabe?… – Ela piscou – …*errada.* – Seu lábio tremeu um pouco. Era assustador admitir que algo pudesse estar errado depois de ter se convencido tão completa e reconfortantemente de que tudo estava, finalmente, certo.

– Talvez tenham bloqueado a rua porque estivessem filmando um episódio do seriado *Law & Order* ou coisa do tipo! – sugeriu Sage, lançando um punho no ar.

Ty foi até a janela e espiou a esquina, onde o único movimento veio de uma preguiçosa brisa de julho farfalhando as sebes dos vizinhos. Ele virou para Rose e coçou a nuca, que era uma coisa que Ty fazia só quando estava genuinamente preocupado. – Você está certa: é estranho. Vamos dar uma olhada na praça da cidade para ter certeza de que tudo está ótimo, certo? Só para aliviar nosso pensamento?

– Tia Lily – pediu Rose, no tipo de voz calma e profissional que sua conselheira escolar costumava usar para ajudá-la a planejar sua agenda de estudos –, se importaria de cuidar do balcão enquanto damos um pulo na praça por um minuto?

Tia Lily usou a mesma voz. – Não me importo nem um pouco! Vão em frente e boa sorte!

Em pé no meio da praça da cidade, a mente de Rose estava qualquer

coisa menos tranquila.

No caminho, eles passaram por uma escola silenciosa, um estacionamento de igreja vazio, um corpo de bombeiros deserto e um fórum popular sem povo. Carros estavam abandonados em entradas de garagens. Filas de fachadas de lojas eram um borrão de placas vermelhas e brancas com as mesmas sete letras feias: FECHADO.

O chão de tijolos da praça da cidade estava quente e vazio como um deserto. Rose conseguia ver o calor emergindo da estátua de Reginald Calamity, do telhado do Pierre Guillaume e do toldo prateado da Sorveteria Calamity, mas ninguém estava jogando moedas na fonte, ou esperando um *coq au vin*, ou vendendo casquinhas de sorvete de café.

Rose se virou quando ouviu um barulho do outro lado da praça, esperando que fosse uma pessoa.

Mas não. Era só uma pomba, uma pomba cinza e gorda bamboleando pelo chão de tijolos, procurando desesperadamente por migalhas de sanduíches e batatinhas que não estavam sendo comidas nesse dia quente, parado, alienado.

– Não entendo – disse Sage. – As pessoas não deveriam ter voltado ao normal?

Ty coçou nervosamente sua nuca com uma mão e seu queixo macio com a outra. – Talvez todos estejam dormindo além da conta! Eu e Sage sempre dormimos! Talvez eles ainda acordem até a hora do jantar.

Mas por volta das sete horas ninguém tinha acordado – nem mesmo Leigh, que esteve roncando satisfeita por mais de vinte e quatro horas. A sra. Carlson tinha ligado para um médico às quatro para perguntar qual podia ser o problema, mas ninguém atendeu. Por volta das cinco da tarde, Chip foi para casa encerrando o dia, declarando: – Bem, *isso* foi perda de tempo! Eu bem que podia ter lavado roupa hoje.

Conforme o céu começou a escurecer, tia Lily encurralou Rose na cozinha.

– Algo está errado. Parece que todos na cidade ou tomaram pílulas para

dormir ou caíram sob o feitiço de uma bruxa malvada.

Rose ficou animada ao pensar que talvez *houvesse* uma bruxa malvada em Calamity Falls que tivesse causado algum feitiço do sono, mas seu coração desanimou quando percebeu que a bruxa malvada era, na verdade, ela mesma: Rose Bliss.

– Isso não teria nada a ver com o bolo que vocês distribuíram pela cidade inteira ontem, teria? Aquele que "consertaria as coisas"? – A voz de tia Lily era um misto indefinido de preocupação e raiva.

Rose desmoronou ao pensar em como tinha quebrado totalmente as regras dos pais. Seu único objetivo a semana toda tinha sido provar a eles que ela era digna de confiança e respeito, de usar o livro de receitas da família, de ser uma confeiteira de verdade.

Em vez disso, ela havia "cozinhado" uma verdadeira bagunça, uma bagunça tão sombria e profunda que estar no centro dela se parecia muito com estar no fundo de um pântano.

Como se Lily pudesse ler sua mente, disse:

– Rose, eu sei como é sentir que todo mundo excede você, como você precisa gritar pela atenção deles. Eu costumava ser uma pessoa totalmente sem graça. Mas, então, descobri a cozinha. Você e eu cozinhamos porque gostamos disso, mas também cozinhamos porque queremos ser extraordinárias. E às vezes quando se está tentando ser extraordinária, pode-se ir longe demais. Você entende o que quero dizer?

Rose concordou. Ninguém nunca tinha colocado isso de forma tão sucinta.

E ao colocar de forma sucinta, Rose sentiu que talvez Lily não a julgaria se ela se curvasse e contasse a verdade. Ela começou com um longo suspiro.

– Bem, começou quando fizemos alguns *Muffins* do Amor e os demos para o sr. Bastable e para a srta. Thistle e depois fizemos *Cookies* da Verdade e tentamos dá-los à sra. Havegood, mas Chip acidentalmente os distribuiu para todo mundo na cidade, inclusive para as bibliotecárias, que tiveram uma briga de gato no salão da confeitaria, e então Ty deu

os *Muffins* do Amor e os *Cookies* da Verdade para todas as garotas de sua sala porque eu acho que, apesar de tudo, ele é meio inseguro e quer atenção como todo mundo, e as garotas enlouqueceram como se estivessem num *show* do Justin Bieber e todas desmaiaram. Aí demos a elas um Bolo Virar Revirar do Avesso de Cabeça para Baixo, que reverteria tudo o que tínhamos feito antes, e então Ty distribuiu o bolo para cada pessoa da cidade para que elas voltassem ao normal e basicamente teríamos resolvido tudo, mas agora eu acho que alguma coisa deu um pouco errado porque a cidade parece, sabe, congelada… – Rose fechou os olhos ao inspirar. Ela esperava sentir uma leveza maravilhosa depois de compartilhar a verdade, mas em vez disso ela sentiu agudas dores estomacais.

Lily segurou as bochechas de Rose em suas mãos macias. – Rose, você é incrível. Você é simplesmente a mais esperta, mais talentosa jovem que eu já vi. Há verdadeira grandeza em você.

Rose queria congelar aquele momento e viver dentro dele, como numa casa de bonecas. Ela não conseguia se lembrar se já tinha se sentido tão cheia de potencial. Ela se sentiu como se o próprio ouro estivesse correndo por suas veias. Não perguntou por que Lily estava sendo tão encorajadora, tão elogiosa. Ela só queria engarrafar o sentimento e tomar um gole dele toda manhã antes de flutuar para fora da cama e atravessar graciosamente o dia.

– Mas – continuou tia Lily, tirando Rose de sua euforia – parte da grandeza é admitir quando você precisa de ajuda. E se alguma coisa deu errado, há uma possibilidade de eu ajudar. Eu tenho alguma *experiência* com esse tipo de coisa. – Os olhos de Lily se alargaram, e Rose não conseguia evitar se perguntar se Lily queria dizer que tinha experiência na cozinha ou em lidar com desastres mágicos.

Não havia tempo para ficar questionando, porque naquele momento elas ouviram a sra. Carlson gritando do andar de cima.

– Socorro! É a Leigh!

Rose e Lily subiram correndo a escada e encontraram a sra. Carlson

curvada sobre o carpete do corredor, segurando Leigh no chão. Leigh não parecia se incomodar – ela simplesmente deu uma risadinha alegre e abanou os braços. Sage chegou no corredor um momento depois, ofegante.

– Cadê o Ty? – perguntou Rose.

– Colocando o lixo pra fora – respondeu Sage. – Xii, piuí! O que tem de errado com Leigh?

– A criança está possuída! Chamem um padre! – gritou a sra. Carlson, com seu sotaque escocês.

– Ela parece bem! – gritou Rose.

– Estou dizendo: Satanás invadiu a alma dela!

– Ah, besteira – disse Lily, gentilmente colocando a sra. Carlson para o lado.

– Me solta, meretriz! A criança deve ser contida!

E então Rose entendeu por que a sra. Carlson estava histérica: uma vez livre, Leigh ficou de quatro e começou a ir para trás sobre o carpete do corredor, como um cordeiro sendo conduzido de volta para dentro de um cercado.

Então Leigh abriu a boca, e o estranho ficou ainda mais estranho. – Uem emon è Yelsrap! – ela gorgolejou. – Uem emon è Yelsrap!

Sage apontou para Leigh e disse: – Uau. Eu acho que ela *está* mesmo possuída!

De repente, do lado de fora veio o som de alguém gritando. Rose, Sage e Lily correram para a janela do banheiro, que dava para a lateral da casa.

O grito veio de Ty, que estava em pé perto dos latões de lixo, paralisado de medo.

Ele estava cercado por um círculo de oito homens em uniformes cinza, cada um segurando um grande saco de plástico preto em seus braços. Rose primeiro achou que os homens estavam saindo de perto de Ty, mas logo ficou claro que eles estavam se movendo em direção a Ty – de ré. Esses homens adultos estavam andando de ré. Todos os oito.

Eles plantaram seus dedos do pé no chão atrás de si e então viraram

para trás sobre seus calcanhares. Suas cabeças viraram para a frente. Conforme o círculo de homens fechava o cerco em torno de Ty, ele se amontoou atrás dos latões de lixo e gritou por ajuda.

Mas os homens o ignoraram.

Eles simplesmente soltaram seus sacos no chão, então se viraram e andaram de ré para a rua, um ou outro tropeçando no chão ou trombando num arbusto a cada poucos passos. Pela janela, Rose finalmente conseguiu ver a identificação nos bolsos sobre o peito de seus uniformes: COLETA DE LIXO DE CALAMITY FALLS.

Quando eles finalmente trombaram com a lateral de seu caminhão, todos os oito estranhamente foram de ré para a cabine, então dirigiram – de ré – para a próxima casa, o caminhão descendo a rua com o alarme da marcha a ré tocando.

– *Isso* não está certo – disse tia Lily. – Vamos lá.

No térreo, eles voaram pela porta dos fundos e ficaram em volta de Ty.

– O que foi aquilo? – perguntou Rose, tirando um pedaço de lixo que tinha caído na manga de Ty durante o cerco.

– Aqueles lixeiros acabaram de entregar mais lixo – disse Ty, chutando um dos sacos. – Eles entregaram em vez de fazer o que deveriam: levá-lo embora.

– Esse pelo menos é o nosso lixo? – perguntou Sage. – Tem um cheiro meio ruim.

– Por que eles estavam andando para trás? – perguntou Rose.

Ty ofegou, seus lábios formando um O. – Eu não acho que acabou. Olhem!

Rose olhou para a entrada da garagem na rua que, no escuro, tinha finalmente voltado à vida. Luzes tremeluziram em todas as casas, e algumas pessoas em roupões de banho estavam saindo de ré para a frente de suas casas, colocando seus jornais dobrados na grama, e então voltando de ré para dentro de suas casas. Algumas portas de garagem estavam levantadas e carros saíam para a rua, então davam uma guinada em marcha a ré até o

final do quarteirão e viravam a esquina. O sr. Roller estava esfregando sujeira em seu Corvette com uma esponja cheia de lama, enquanto Peter Strickland, o entregador de jornal, lentamente guiava sua bicicleta para trás descendo a calçada, parando a todo momento para roubar um jornal que estava na grama. A sra. Burns arrastava seu cão da raça *sheltie* para o outro lado da rua, com um saco plástico azul na mão.

– Eu nem quero saber o que ela vai fazer com aquele cachorro – disse Ty.

Do outro lado da rua, Rose viu a sra. Calhoun beijar o pequeno Kenny na cabeça e entregar a ele sua lancheira. Kenny correu de ré com sua mochila na direção da escola fundamental.

– O que todo mundo está fazendo? – ela perguntou. – Já é noite! Eles deveriam estar se aprontando para ir para a cama.

Lily afastou as franjas de Rose de sua testa. – Parece que o Bolo Virar Revirar do Avesso de Cabeça para Baixo está fazendo exatamente o que diz fazer.

– É, estou começando a pensar que esse bolo talvez não fosse a melhor ideia – Ty disse, carrancudo. – Olhando agora.

– Então é culpa do bolo? – perguntou Sage.

– É nossa culpa – disse Rose, sentindo como se estivesse prestes a vomitar. Ela e Ty não tinham consertado tudo – tinham era tornado tudo ainda pior.

A vizinha da casa ao lado, a sra. Daublin, andou de costas em frente à sua casa usando seu vestido havaiano e um turbante. Ela olhou para Rose com uma expressão amigável – uma inversão completa de sua vizinha muito rabugenta. – Io, Esor! – ela gritou, levantando um pé para o ar e chacoalhando-o para a frente e para trás como se estivesse acenando. Ela perdeu o equilíbrio e caiu na calçada, rindo histericamente.

Rose foi devagar até a entrada da garagem e viu a sra. Havegood acelerando o seu Cadillac prata em marcha a ré rua abaixo, então freou cantando os pneus para o sinal verde no final do quarteirão. Ela viu Rose

pela janela e bizarramente conseguiu levantar um pé para fora da janela e o agitou, como a sra. Daublin. – ESOR! – ela gritou. – UE UOS AMU ASORITNEM ACIGÓLOTAP! – Então o semáforo ficou vermelho, e ela enfiou o pé no acelerador e fez o carro cantar pneu rua abaixo até que saiu de vista.

– *Esor*? – disse Rose. – O que ela quer dizer com isso?

Sage puxou um pedaço de giz de seu bolso e escreveu ESOR no chão da entrada da garagem. – Esor. Esor. – Então ele levantou um dedo para o ar e arfou. – ESOR É ROSE ao contrário! Todo mundo está falando ao contrário!

– Então todo mundo está dirigindo em marcha a ré, falando ao contrário, acenando com os pés e fazendo o oposto do que costumam fazer – disse Rose, puxando os cabelos.

Os olhos de tia Lily dardejaram todos eles nervosamente. – Minha nossa. Vocês com certeza têm um problema nas mãos.

– Devíamos ter feito a receita que costurava a boca das pessoas em vez dessa – disse Ty.

Rose assistiu aterrorizada a seus vizinhos tropeçarem cegamente através de suas rotinas matinais, e ela estremecia ao ver cada um dar um passo para trás, titubear e cair.

Os quatro ficaram cada vez mais quietos durante sua caminhada pela cidade. No pátio da escola, alunas das atividades de férias com cabelos presos em rabos e alunos com cabelo lambido levantavam dedos firmes para seus professores, que estavam brincando de pega-pega e construindo castelos de areia, com seus paletós e gravatas ao luar. No corpo de bombeiros, o Capitão Conklin e seu time estavam tentando escalar o mastro de emergência, sem muito sucesso. Trabalhadores de construção destruíam partes das paredes de uma casa, um jardineiro cobria gramas muito bem-cuidadas com montes de grama solta, um menininho puxava a mãe num carrinho. Os aposentados praticando *tai chi* no parque pareciam os mesmos de sempre, até que eles tentaram meditar de ponta-cabeça.

Na praça da cidade, Rose caminhou com a tia e os irmãos e passou pela fonte Reginald Calamity, onde os passantes entravam na água e atiravam as moedas para *fora* dela. As bibliotecárias sra. Hackett e sra. Crisp estavam correndo pela praça, roubando os livros das mãos dos leitores nos bancos e os levando de volta para a biblioteca. No Pierre Guillaume, o próprio Monsieur Guillaume esperava faminto, garfo e faca nas mãos, enquanto fregueses carregavam pratos de comida da cozinha para sua mesa, andando de costas, a maioria deles tropeçando uns nos outros e arremessando gratinados, filés de linguado e *crèmes brûlées* que reviravam no ar.

– Estou errada – disse tia Lily –, ou aquela mulher acabou de entregar um prato de filé mignon *para* Monsieur Guillaume?

Rose afirmou com a cabeça lentamente. – Ela fez isso, sim.

– Não consigo mais olhar para isso – disse tia Lily. – Alguma coisa precisa ser feita. Eu tenho uma ideia. Se dermos a eles um pouco de leite morno, isso talvez vá encorajá-los a dormir. Sage, vem comigo por um momento e me diga onde eu posso conseguir bastante leite.

Enquanto Sage ia para o lado de tia Lily, Rose foi para o lado de Ty. – Temos de ligar para mamãe e papai. Eles são os únicos que saberão o que fazer.

– De jeito nenhum – Ty disse. – Vamos entrar numa confusão maior ainda.

– Eu acho que entraremos em mais confusão se não dissermos nada e mamãe e papai chegarem em casa e receberem multa por dirigir *para a frente* – disse Rose.

– Não podemos pedir a ajuda da tia Lily? – disse Ty. – Ela é uma de nós. Ela até tem a concha no ombro…

Rose assistiu à tia Lily marchar em direção à sua casa, alta e orgulhosa como um cisne, a marca da família Bliss pulsando conforme ela movia seus ombros para a frente e para trás. De todas as pessoas atualmente andando em marcha a ré por Calamity Falls, tia Lily certamente era a que tinha mais chances de salvar o dia. E Lily *era* um deles. Melhor ainda, ela acreditava

em Rose e tinha se interessado por seus talentos e potencial como ninguém nunca tinha feito, nem mesmo sua mãe. Ainda assim, havia um medo pequenino que não deixava Rose querer que o Tomo de Culinária caísse nas mãos de tia Lily. – Eu só…

Foi então que Sage se juntou a eles, e Rose notou que não havia mais uma chave reluzindo ao luar em torno de seu pescoço.

– Sage! – sibilou Rose, cuspindo o nome do irmão como se fosse alguma coisa que ela não poderia dizer na TV. – Onde está a chave?

Sage escondeu e protegeu o rosto com as fofinhas mãos cor-de-rosa. – Não me bate! – ele gritou, embora nunca tivesse levado uma pancada na vida, exceção feita à borda da cama elástica num pulo que deu errado. – Eu dei pra tia Lily!

– Por quê? – gritou Rose.

– Porque ela pediu! Porque precisamos de ajuda! Porque ela sabe o que está fazendo! Ela disse que queria encontrar um jeito de resolver o problema usando mágica – disse Sage, parecendo assustado. – Aposto que ela já está consultando o livro agora mesmo enquanto a gente conversa.

Rose olhou em volta e percebeu que era verdade: tia Lily não estava mais à vista.

CAPÍTULO 14

Uma nova chefe na cozinha

Rose, Ty e Sage explodiram cozinha adentro para encontrar Lily inclinada sobre o Tomo de Culinária Bliss, que estava aberto sobre o balcão. Ela usava um vestido branco com mangas curtas e botões e um colarinho que a fazia parecer uma técnica de laboratório, uma enfermeira da Segunda Guerra Mundial ou ambas as coisas.

O primeiro instinto de Rose foi agarrar o livro, mas Lily estava inclinada sobre ele com seus cotovelos de modo que não havia como arrancá-lo dali. Além disso, Rose viu outra coisa que tirou o impulso dela: tia Lily tinha a chave em forma de batedor pendurada em seu pescoço.

Então ela viu a luzinha vermelha da secretária eletrônica, que estava piscando. – Alguém ligou?

– Sim – respondeu tia Lily, sem levantar os olhos do livro. – Seu pai. Eu disse à sra. Carlson para deixar a secretária eletrônica pegar o recado. Eu

não queria ter de contar a ele o que está acontecendo. Ele disse que estão voltando depois de amanhã, assim, se vocês botarem fogo na casa, vão ter de consertar antes de chegarem. Palavras dele, não minhas.

Rose esfregou sua testa vigorosamente com as mãos do jeito que a mãe fazia quando estava muito chateada. – Estou morta. É isso. Eu fiz tudo errado e agora estou mortinha da silva.

– Roooooose – tia Lily disse, lentamente envolvendo sua boca em torno da palavra, como se estivesse dizendo isso para alguém que só soubesse ler lábios. – Somos uma família. E vamos consertar isso como uma família. Lembre-se de que parte da grandeza é admitir que se precisa de ajuda.

Rose foi arrebatada como uma velha boneca de pano, completamente derrotada. Ela havia falhado: em ajudar a cidade, em manter sua irmãzinha a salvo, e principalmente em proteger a posse mais importante de sua família. O Tomo de Culinária Bliss era ainda mais importante que sua casa. Era como um quinto filho. E lá estava ele, totalmente exposto, sendo espremido por alguém em quem Rose não confiava inteiramente.

Ainda assim, ela precisava reconhecer que ver Lily ali, forte e capaz, inclinada sobre o livro, veio como uma espécie de alívio. Ao menos agora Rose não era a única com a responsabilidade de cuidar dele.

– Agora, mostre-me a receita que deixou todo mundo louco – disse Lily. Ty e Sage esfregaram as mãos como um golpista determinado e se colocaram ao redor do cepo. Ty foi para a contracapa, onde a seção intitulada APÓCRIFO ALBATROZ jazia aninhado em seu compartimento.

Enquanto Lily colocava o livreto sobre a mesa, Rose notou que as páginas estavam bagunçadas. Tia Lily correu os dedos sobre as páginas e descobriu que elas estavam cobertas por uma poeira acinzentada que não era cinza nem bolor, mas alguma outra coisa, alguma coisa podre. Lily parecia genuinamente abalada conforme limpava discretamente os dedos na lateral de seu vestido branco de enfermeira.

– Eu já tinha ouvido falar dessa parte do livro – murmurou Lily para si

mesma –, mas achava que era só lenda.

Rose se empertigou e olhou para Lily com suspeitas. – Pensei que tinha dito que nunca tinha ouvido falar do livro.

Lily congelou e se retraiu. – Eu… ouvi que meu tata-tata-tataravô Albatroz tinha ele mesmo escrito algumas receitas. E devem ser estas.

– As receitas do Albatroz são de mau gosto – disse Sage, agitando a mão em frente ao nariz.

Lily riu. – Seu tata-tata-tataratio tinha propensão à obscuridade e à confusão – ela disse. – Aposto que suas receitas são todas assim. Se queremos consertar a cidade, deveríamos procurar em outro lugar do livro.

Lily fechou o livreto cinza embolorado e o encaixou de volta em seu lugar oculto, então respirou fundo e voltou para o começo do livro, virando as páginas espessas de um branco leitoso uma por uma e estudando as gravuras nas margens. *Cookies* do Calor do Inverno. Musse das Crianças Obedientes. Bolo de Cenoura Abra um Pequeno Negócio. Quanto mais ela lia, mais as linhas de seu rosto se enchiam de entusiasmo. Rose podia perceber que tia Lily parecia ficar mais jovem a cada página virada. Sua pele branca parecia ficar cada vez mais rosada e seus olhos parciam tremeluzir como ondulações sobre um lago ao pôr do sol. Os cantos de sua boca estavam travados num sorriso plástico que, na visão de Rose, parecia expressar mais ganância do que alegria.

– Sabe, é maravilhoso o que esse livro pode fazer – murmurou tia Lily. – Seus pais já pensaram em compartilhar essas receitas com o mundo? É meio injusto mantê-las confinadas a uma pequena sala onde apenas a confeitaria da família Bliss pode lucrar com elas, vocês não acham?

– Na verdade, eles mantêm o livro trancado lá para protegê-lo das pessoas que querem abusar de seus poderes – disse Rose, sabendo que a mente de Lily estava muito perdida num oceano de possibilidades para realmente ouvi-la.

Lily chegou a uma página onde havia duas gravuras na margem, uma de uma cidade tomada por uma calamidade – como Calamity Falls em seu

presente estado – e outra de uma cidade onde tudo parecia feliz e pacífico.

Bolo de Amora De Volta Para o Que Era Antes: para a restituição das condições iniciais

Foi em 1717, na Escócia, que sir Albatroz Bliss ditribuiu à cidade inteira de Tyree uma fatia de Bolo Cabeça Para Baixo, e todos andaram e falaram de um modo muito inconveniente. Isso teve a finalidade de arruinar a cerimônia de casamento de seu irmão Filbert. Filber Bliss deixou a igreja e correu para a sua cozinha, onde inventou esse Bolo de Amora, que desfez o caos que Albatroz provocou, e todos compareceram ao abençoado casamento sem lembrar de sua própria loucura.

Tia Lily olhou para baixo, embarassada pelo mau comportamento de seu tata-tata-tataravô. – Parece que essa deve funcionar, hmm? – Ela leu a lista de ingredientes em voz alta:

Filbert misturou quatro punhados de ***chocolate*** *com um punhado de* ***manteiga****, com um punhado de* ***açúcar*** *e quatro* ***ovos de galinha*** *sobre uma caldeira da encrenca. Então ele tirou o Anão do Sono Perpétuo de seu sono perpétuo e ordenou que ele sussurrasse o* ***segredo do tempo*** *para dentro da caldeira. Ele assou pelo TEMPO de* ***onze canções*** *no CALOR de* ***cinco chamas****. Então cobriu o bolo com um creme feito de* ***amoras*** *e* ***açúcar****.*

Ty deu um tapinha no ombro de Lily. – Não se preocupe, *tia* Lily. – Ele riu. – Estamos a par do jargão no que se refere a punhados, chamas, canções e coisas assim.

– O que na doce terra de deus é uma *caldeira da encrenca*? – interrompeu Sage, esticando a cabeça para o lado e os braços esticados para o ar.

Tia Lily se endireitou, apontando os dedos do pé para fora, como se fosse uma bailarina. – Isto – ela declarou – é quando ter uma confeiteira mágica como tia vem bem a calhar! Sei exatamente o que é uma caldeira da encrenca e sei como usá-la. Não temam, pequenos: serviremos num piscar de olhos esse Bolo de Amora de Volta Para o Que Era Antes!

Lily estendeu uma de suas mãos para o ar e então a baixou. Rapidamente, Ty e Sage se juntaram e colocaram suas mãos sobre as de tia Lily como se fossem jogadores de um time prontos para entrar em campo.

– Rose? – disse tia Lily, levantando uma sobrancelha e indicando suas mãos no círculo.

Mas alguma coisa em Rose ainda não estava certa de que ela queria colocar sua mão em cima da de tia Lily. Ela sabia que precisava de ajuda, e tia Lily certamente parecia capaz. Mas tinha visto o brilho no rosto de tia Lily quando ela olhou para o Tomo de Culinária – era o tipo de brilho que significava que tia Lily faria qualquer coisa para pegar as receitas para si. E Rose sabia disso porque tinha sentido o mesmo desejo antes.

Ty e Sage, entretanto, estavam cegos.

– Vamos lá, Rose – disse Ty, colocando seu braço livre em volta de seus ombros e a puxando mais para perto. – Precisamos de você.

Rose olhou para Sage, que também estava esperando que ela colocasse a mão sobre a sua. Ela não queria desapontá-los – não agora, quando eles mais precisavam. Ela já tinha falhado com os pais. De jeito nenhum falharia com a família inteira.

– Não podemos fazer isso sem você, Rose. Precisamos de seus talentos – disse tia Lily.

Esse foi o último apelo. Pela primeira vez em sua vida, Rose se sentia bonita. E importante. E poderosa. Ela não queria que essas sensações acabassem – não ainda.

E assim, apesar de suas hesitações, Rose colocou seus dedos curtos e grossos sobre os dedos longos e elegantes de tia Lily.

Assim que ela fez isso, eles todos balançaram as mãos para baixo e para

cima. E tia Lily disse: – Todos por um! Vamos fazer acontecer! E eles partiram para a ação.

Lily mandou Sage e Ty buscarem na Feira Livre Álamo cem dúzias de ovos, vinte e dois quilos de chocolate e cada amora da cidade. – Precisamos do suficiente para todo mundo!

– Como vamos pagar por isso? – perguntou Ty.

Tia Lily ponderou por um minuto. – Diga que vocês trabalham em mercados rivais. Eles vão fazer exatamente o oposto do que fariam, que é dar a comida de graça! Vocês têm qualquer coisa que pareça o que um funcionário de mercado vestiria?

Antes que Lily pudesse terminar, Ty estava gritando: – Uma vez, eu trabalhei três dias num mercado; e ainda tenho o uniforme! – E subiu correndo para seu quarto e desceu usando um avental verde com o logotipo da rede de supermercados "Porquinho de peruca".

Lily deu uma risadinha e disse: – Vão em frente e vençam, meninos!

Ty olhou para o carrinho vermelho. – Vai levar muitas viagens – ele balbuciou. Então ele e Sage desceram pela entrada da garagem até a rua, deixando Rose e Lily sozinhas na cozinha.

Rose tinha de admitir: havia algo docemente ultrajante sobre tia Lily, quão bela e controlada ela era, com apenas um pequeno sinal de perigo. Hoje Rose se sentia mais próxima de sua tia do que já tinha se sentido antes. Talvez ela precisasse de um exemplo como tia Lily por perto o tempo todo, alguém para ajudá-la a se tornar fabulosa e respeitada.

Elas conseguiam ouvir a sra. Carlson desesperadamente tentando acalmar Leigh em seu quarto. – Espírito maligno! Pare de tagarelar! Por que você não dorme?!

Rose e tia Lily olharam uma para outra, nervosas:

– Não temos muito tempo – disse Lily. – Precisamos fazer uma caldeira da encrenca, já. Eu nunca construí uma, mas eu já vi uma sendo usada,

numa reunião de família. Era um caldeirão gigante colocado dentro de um caldeirão ainda maior cheio de água fervente.

– Quão gigante?

– Gigante.

Rose perambulou pelo quintal e deu uma olhada no refugo que ficava perto do abrigo. Um bote a remo velho de metal. A cama elástica recém-rasgada. Um enorme prato de antena parabólica que tinha sido fritada por uma tempestade de raios, que Albert nunca tinha tido coragem de jogar fora.

Depois de um minuto, tudo ficou claro. – Eu sei! – disse Rose.

O que se seguiu foi isto: Rose e tia Lily deram início ao trabalho de montar a maior caldeira da encrenca de todos os tempos. Elas tiraram a pele da cama elástica e fizeram um fogo sob a estrutura, usando alguns gravetos e jornal velho. Elas lavaram o velho bote de metal e o colocaram em cima, e o encheram com água. E então elas lavaram o enorme prato de antena que Albert tinha deixado ali e o colocaram flutuando sobre a água do bote.

Tia Lily deu um tapinha nas costas de Rose. – Como dizem na Inglaterra, Rose: *brilliant*.

Todas as suspeitas sombrias sobre tia Lily que Rose tinha abrigado durante essa semana se dissolveram à luz daquele elogio.

Depois de um tempo, os meninos chegaram à entrada da garagem com sua última viagem com o carrinho cheio de ovos, chocolate e amoras. Sage começou a ajudar despejando os quilos de chocolate dentro do prato de antena e quebrando as centenas de ovos. Tia Lily controlava o fogo, e Ty e Sage alternavam mexendo com um dos velhos remos do bote. Rose só olhava enquanto pequenas fagulhas do fogo crepitavam na escuridão do céu noturno. Caldeiras de encrenca eram uma coisa, mas ela e seus irmãos cozinhando junto, rindo junto, numa noite de quinta-feira em julho? *Aquilo*, sim, era magia.

Depois que todos os ingredientes foram misturados e Rose tinha colocado o enorme monte de casca de ovos dentro de um saco de lixo, era

hora de sacar as armas grandes.

– Vamos pegar o anão – disse Rose.

Rose virou a maçaneta em forma de rolo de massa. O piso soltou, e um cheiro de mofo subiu para dentro da câmara refrigerada.

– O anão está lá embaixo – disse Rose, conduzindo tia Lily pela mão. Quando desceram até a câmara, Lily passou sua lanterna pelos potes de terra, vento e fogo, asas agitadas de borboleta e cogumelos falantes.

Rose sentiu a névoa úmida vinda da grade em seus tornozelos.

Lily deve tê-la sentido também, porque ela deu um passo em direção à grade e se ajoelhou diante dela. Rose não conseguia ouvir a névoa dizer nada, mas então de novo, quando a coisa embaixo da casa falou com ela, não produziu exatamente um som.

Tia Lily se afastou um momento depois e olhou gravemente para Rose.

– Você está bem? – perguntou Rose.

– Claro. Só está um pouco frio aqui. – Lily voltou a atenção para a coleção de potes nas paredes, cada um deles ficava um pouco mais reluzente conforme ela passava. Ela se aproximou de um pote com uma libélula dentro rotulada REVOADA. A libélula se encolheu no canto de seu pote conforme ela passava. – Isso é uma coleção bem impressionante. Nem toda magia é uma questão de varinhas, feitiços e poções, você sabe. Algumas delas… as do melhor tipo, eu acho… são mais sutis. Como essa.

Rose estava encantada com as palavras de tia Lily. Ela havia colocado em palavras exatamente o que Rose sentia. Os pais nunca conversavam sobre magia; eles simplesmente a faziam. Mas talvez tia Lily estivesse certa: talvez *fosse* egoísta por parte dos pais de Rose manter o Tomo de Culinária trancado numa minúscula confeitaria numa cidade minúscula. Que bem ele poderia fazer ali? Talvez houvesse magia que devesse ser feita para além de Calamity Falls – magia sutil, magia gentil – que poderia tornar o mundo um

lugar melhor.

E talvez Rose pudesse ser aquela a executar essa magia.

Tia Lily pousou a luz da lanterna sobre o jarro onde ficava roncando o Anão do Sono Perpétuo. – Olhe só para ele! Ele é *ma-ra-vi-lho-so*!

Rose não iria tão longe a ponto de chamá-lo de maravilhoso, mas ele certamente era interessante de se ver. Ele usava um capuz verde e pontudo, e o cabelo branco encrespado explodia por debaixo do capuz como a cabeça de um dente-de-leão. Lily entregou a Rose a lanterna e cuidadosamente tirou o pote da prateleira, ajeitando-o na dobra de seu braço como um recém-nascido, então ela subiu as escadas na ponta dos pés, sussurrando o tempo todo para o pote: – Não se preocupe, pequenino! Ninguém lhe fará mal! Meu pequeno anão! Meu pequeno e maravilhoso amigo!

Lily colocou o pote sobre o cepo e olhou para dentro dele. – Você já viu algo tão maravilhoso?

Rose olhou, pelo vidro azul do pote de conserva, a velha e enrugada face do anão. Ele trajava um pequeno casaco feito de feltro marrom e calças marrom-claras. Era do tamanho de uma boneca Repolhinho. Seus olhos estavam bem fechados, mostrando nos cantos uma explosão de pés de galinha.

Rose segurou o pote enquanto Lily passou suas mãos sob os braços do anão e gentilmente o levantou. O ar dentro do pote, que estava estagnado, escapou do jarro e encheu a cozinha. Lily o sentou sobre o cepo. Ele continuou a roncar e, em sua soneca, lentamente se inclinou muito para o lado direito e – *flap!* – bateu com a cabeça no cepo.

Aquilo acordou o anão imediatamente.

Ele chacoalhou sua cabeça e se endireitou irritado, então levantou seus braços para o ar e bocejou, revelando uma língua manchada e gengivas sem dentes.

Seu hálito era quase impossível de descrever. Era malcheiroso. Fedia como lixo, peixe velho e cocô.

As crianças Bliss todas colocaram a mão sobre a boca e se afastaram o

mais que puderam enquanto o ar pútrido do bocejo do anão enchia a sala. Rose pinçou o nariz o mais forte que conseguia até que o cheiro foi embora.

Quando Rose conseguiu abrir os olhos novamente, ela encontrou o anão olhando para ela, com os braços cruzados sobre o peito e um pé dando batidinhas no chão. – Suponho que tenham me acordado de minha soneca porque precisam que eu sussurre um *segredo* dentro de alguma *massa*.

– Sim… – admitiu Rose. Era rápido, esse anão.

– E qual? – ele rebateu, ríspido.

Tia Lily disse: – O segredo do tempo?

O anão coçou seu queixo por um minuto, pensando profundamente. – O segredo do tempo… o segredo do tempo… – Então ele levantou a cabeça e anunciou tragicamente: – Eu esqueci o segredo do tempo!

O coração de Rose afundou. Depois de todo o trabalho que tiveram, ter seu sonho de Bolo de Amora destruído por causa da memória ruim de um anão velho.

Então o anão riu baixinho – Ah! Peguei vocês! Estou brincando. *Claro* que eu sei o segredo do tempo. Pooor favooor.

– Oh, obrigada, Anão do Sono Perpétuo! – gritou Rose. Em circunstâncias normais, ela o teria abraçado; mas ele cheirava muito mal para se ficar perto.

– Eu tenho nome – ele disse, zangado. – Rude.

– Me desculpe, eu não quis ser.

– Não, meu *nome* é Rude. Rude Dingherwurst.

Rude percebeu tia Lily olhando amavelmente para ele do canto. – Eu sussurro o segredo do tempo se *ela* – apontou para Lily – me segurar sobre a massa.

Tia Lily fez uma reverência. – *Qualquer coisa* que queira, sr. Dingherwurst.

– Se você me derrubar, terá de casar comigo – ele disse, rindo baixinho. – Não, é sério.

Lily riu. – Então eu talvez o derrube! – E ela o levantou pelos braços e o

levou para fora.

Rose e seus irmãos se juntaram em torno do prato de antena soltando vapor, enquanto tia Lily segurava o sr. Rude Dingherwurst sobre o chocolate derretido.

– Uou! Ele se retraiu. – Vapor no rosto! Um pouco mais longe, querida!

Tia Lily o afastou alguns centímetros.

– Pronto? – perguntou tia Lily. Rose diria que ela estava sendo o mais doce possível.

– Quase. – Ele tossiu. – Eu adoraria uma massagem nos pés primeiro. E uma dose de uísque. O que vocês tiverem estará bom, embora eu preferisse ter uma conversa com o sr. Johnny Walker.

Aquilo bastou. Rose não deixaria que a rudeza do sr. Rude Dingherwurst atrapalhasse a operação toda. Ela não conseguia flertar como tia Lily, mas podia deixar de dar a ele um pouco de sua opinião.

Rose foi até a tigela com chocolate derretido e colocou seu nariz a dois centímetros do nariz de sr. Rude Dingherwurst. – Perdão, sr. R. Estamos com sérios problemas neste momento. Lamentamos ter interrompido seu cochilo, mas isso não é motivo para desperdiçar nosso tempo. Se não vai nos ajudar, tudo bem. Porque eu prefiro morar numa cidade onde tudo está de cabeça para baixo a ter que massagear o que, tenho certeza, é um pé muito, muito chulezento. – Rose sempre tinha querido fazer um discurso dramático, mas nunca tinha tido oportunidade antes. – Se não se importa…

Rude não disse nada; ele apenas resmungou e se virou para a massa. Então ele sussurrou alguma coisa numa língua que Rose não entendia:

Maireann croi eadrom I bhfad.

Então ele levantou a cabeça e disse: – Pronto. Agora posso voltar para meu sono, por favor?

Seu sussurro pairou no ar sobre a caldeira da encrenca numa corrente de névoa vermelho-sangue que espirrou sobre o chocolate e se tornou como dois ponteiros de um relógio, parecendo mexer a mistura como pás conforme giravam em sentido anti-horário. Eles viraram e viraram dentro do prato de antena, fazendo chuá, soltando gorgolejos e tiques, como se um relógio feito de chocolate grudento estivesse correndo para trás.

Em torno deles, o mundo tremia e ondulava, o ar se deformava como plástico derretendo. Rose percebeu que sua respiração ficou presa em seu peito e, mesmo que tentasse, não conseguia abria a boca – o momento parecia esticar cada vez mais até que ela pensou que sufocaria se não conseguisse respirar; então, com um *snap!*, tudo acabou, e ela tomou um fôlego longo e entrecortado.

Ela disse, ofegante: – O que aconteceu?

Sage e Ty ambos tossiram. – Sei lá – respondeu Ty.

E, com isso, tia Lily carregou o sr. Rude Dingherwurst de volta para seu pote e o mergulhou dentro dele (ele deu uma piscadela enquanto sua cabeça submergia). Então Rose o colocou na prateleira lá embaixo, mas não antes de ouvir a voz sinistra de debaixo da grade.

– Se você achar o Extrato de Vênus desinteressante – a voz disse –, apenas se agarre à barra do avental de sua tia Lily. Ela conhece os caminhos para a fama, a fortuna e o *glamour* incomparáveis.

Rose estremeceu e correu escada acima, sentindo que a coisa sob a casa, de algum modo, sabia mais do que estava dizendo. Talvez Rose voltasse lá depois e perguntasse o que fazer. Mas, antes que pudesse fazer isso, havia Bolos de Amora para assar.

Tia Lily distribuiu a massa em fôrmas de bolo enquanto Rose e Sage aqueciam todas as amoras na enorme tigela com mais açúcar. Quando as amoras derreteram formando uma deliciosa calda doce, Rose espalhou a mistura sobre os bolos individualmente conforme saíam do forno.

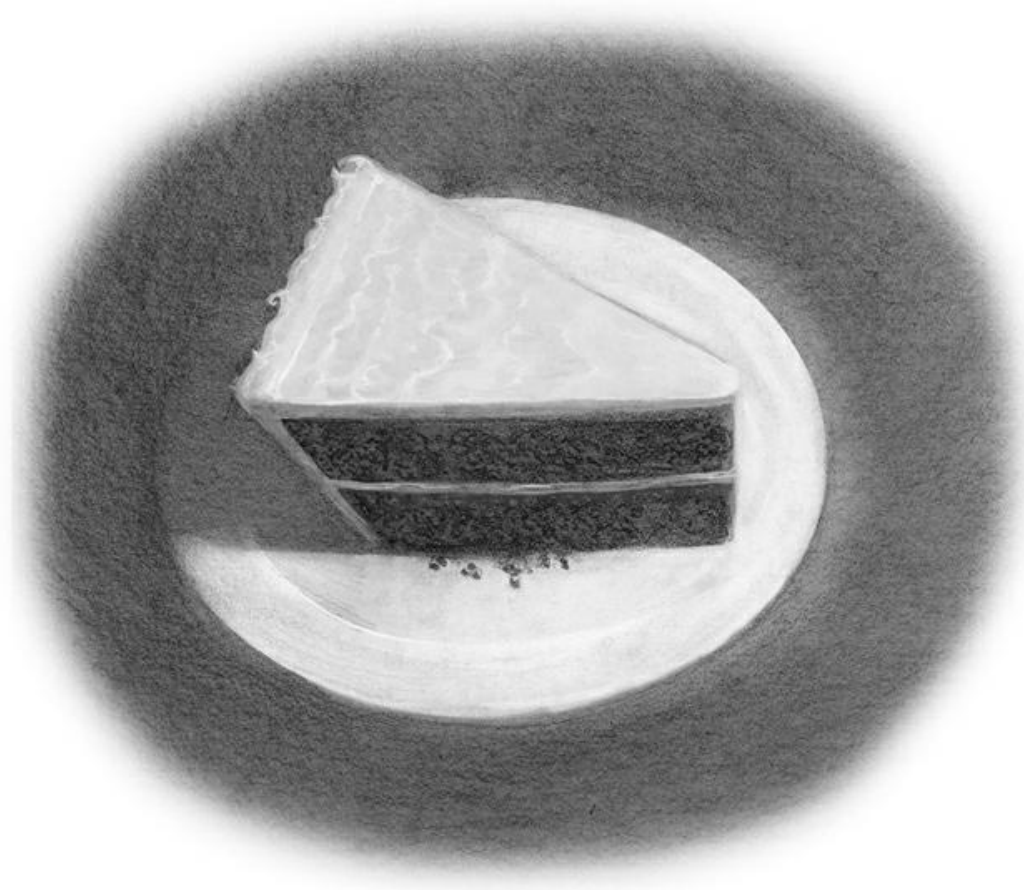
– Agora o que temos de fazer é dar a cada pessoa da cidade uma fatia disso – disse tia Lily. – Mas como?

– Diremos que eles têm de comer isso, certo? – aventou Ty.

Tia Lily pensou por um momento. – Não, isso não vai funcionar. Qualquer desculpa que inventemos para as pessoas comerem isso tem de ser ao contrário, senão ninguém vai ouvir.

– A gente podia dizer pra eles colocarem nos bumbuns… – sugeriu Sage.

Tia Lily deu tapinhas na cabeça dele. – Isso não é educado, Sage.

Mais uma vez, Rose tinha a solução. Ela até podia sentir que estava se acostumando com isso. – Eu sei! – anunciou. – Precisamos da van da família. E de alguns alto-falantes bem potentes.

CAPÍTULO 15

Receita Quarta: Bolo de Amora De Volta Para o Que Era Antes

Assim que Rose disse *alto-falantes*, Sage foi com a velocidade de um raio para seu quarto. Um minuto depois, ele voltou com duas caixas de som para computador. Elas eram do tamanho de um dado de pelúcia, daqueles que se penduram no espelho retrovisor de um carro.

– Maior – disse Rose, lançando um olhar cortante para Ty. – Qual é agora?!

Ty suspirou. – Eu não vou carregar isso. É pesado! Tipo, muito pesado. – Ty enrolou uma das mangas da camiseta, flexionou o bíceps e, então, o beijou. – Posso causar sérios danos a esta belezinha aqui.

– De que adianta ter músculos se não pode usá-los para carregar coisas?

– perguntou Rose. – Além disso, finalmente encontramos uma utilidade para o seu amplificador!

Ty se arrastou escada acima. Quando reapareceu, estava suando, ofegante e carregando o amplificador de mais de um metro de altura que Purdy tinha comprado para ele de aniversário. Ele ainda não tinha usado o amplificador porque ainda nem tinha aberto o baixo elétrico que vinha junto.

Rose acenava com a cabeça enquanto olhava para o amplificador, que era quase da sua altura. – Esse é melhor.

– Importa-se em elucidar o plano, srta. Rose? – perguntou tia Lily.

– O que significa *elucidar*? – perguntou Sage, coçando a testa.

Tia Lily jogou os braços para cima. – Significa lançar luz sobre alguma coisa! Explicar! – Nisto, Lily correu pela cozinha e acendou todas as lâmpadas fluorescentes do teto, deixando o cômodo tão claro quanto a quadra coberta durante um jogo de basquete da escola. – Ilumine-nos, Rose! – ela disse. Rose não conseguiu evitar uma risadinha. Tia Lily tinha um jeito de fazer até mesmo a noite mais desanimadora parecer uma festa.

– Eis o que vamos fazer – disse Rose enfaticamente, subindo no cepo. – Amarramos o amplificador em cima da van e conectamos um microfone nele. Aí, vamos pela cidade e dizemos para todo mundo para ficar *longe* da praça da cidade, que *não* há nenhuma festa dançante de música disco acontecendo lá.

Tia Lily aplaudiu. – Já percebi o que está tentando fazer.

– Eu faço o anúncio – disse Ty. – Assim posso praticar a minha voz de radialista.

Rose acenou positivamente com a cabeça para o irmão. – Claro, Ty. Como eu estava dizendo, isso vai fazer com que todo mundo vá imediatamente para a praça por causa da festa dançante de música disco. E vamos estar estacionados na praça tocando música disco sob uma placa implorando para as pessoas *não* pegarem nossos Bolos de Amora. O que, claro, vai compelir todo mundo a pegar um.

Tia Lily lançou um braço em torno de Rose, envolvendo-a. – Eu adoro qualquer plano que envolva uma festa dançante com música disco. Bem pensado. Bom trabalho, Rosie!

Muito feliz, Rose desceu para o chão e recebeu uma reverência. Até mesmo Ty e Sage tinham de admitir: era um plano sólido.

Tia Lily tremia enquanto dirigia a velha e enferrujada van pelas ruas mal-iluminadas e reviradas de Calamity Falls. – Isso parece um videogame, só que a gente pode mesmo morrer.

Lily não estava exagerando. Ela era a única pessoa dirigindo para a frente.

Embora fosse uma motociclista experiente, Lily não dirigia carro havia anos, conforme tinha dito às crianças Bliss, e não se sentia à vontade serpenteando pelas ruas estreitas de uma cidade desconhecida no meio da noite enquanto todo mundo dirigia em marcha a ré. Rose engoliu em seco no assento de trás junto com Sage conforme tia Lily se arremessava entre os carros que iam em marcha a ré no lado errado da rua, carros que tinham sido estacionados de qualquer jeito na rua e carros que tinham batido em árvores e cercas e depois sido abandonados. Rose podia ver que mesmo Ty estava nervoso – ele agarrou seu cinto de segurança com ambas as mãos no banco da frente.

Enquanto o diretor Fanner passou por eles em marcha a ré, balançou seu punho pela janela, socou a buzina e gritou: – OÃÇERID ADARRE!

– O que ele está berrando? – gritou tia Lily, parando a van por um minuto para tomar fôlego e passar a mão em seu negro cabelo curto.

Sage, o tradutor designado, escreveu a curiosa frase num pequeno quadro branco que ele tinha pegado da porta da câmara refrigerada. – Direção errada. Ele está gritando porque você está indo na direção errada!

Lily enfiou o tronco inteiro para fora da janela do motorista e gritou, desafiadora: – Não, demolidor, *você* é que está indo na direção errada!

Em vez de gritar de volta, o sr. Fanner se encolheu no assento do motorista enquanto passava lentamente por eles.

– Finja que você está em Londres – gracejou Rose.

Enquanto isso, no assento traseiro, Sage tinha escrito uma mensagem para os confusos cidadãos de Calamity Falls:

AMUHNEN ATSEF OCSID AN AÇARP AD EDADIC! OÃN ÀV ARAP A AÇARP! Ou, em língua normal, “Nenhuma festa disco na praça da cidade! Não vá para a praça!”.

– Como, raios, eu digo isso? – reclamou Ty, agarrando um microfone que ele tinha conectado ao amplificador no teto da van.

– Só vocalize! – disse Rose, secretamente feliz por Ty ter insistido em fazer o anúncio.

Ty baixou sua janela, limpou a garganta para o microfone e começou:

– Hum-hum… *Amuhnenn aat-ssef ooc-ssid ann açarrrrp aad eedaadiic.* – Ele se virou para olhar para Rose. – É mais difícil do que parece!

– Só transmita a frase, Ty!

Ele olhou para o microfone em sua mão. – Opa! *Aplluc-ssed*!

– Bom! – disse Rose, tentando encorajá-lo. Ela nunca tinha visto Ty tão nervoso sobre qualquer coisa antes. – Continue!

– Isso não vai sair certo mesmo – ele murmurou e então recomeçou. – *Oãnn ááv aarap aa açarp.* – A frase toda saiu um pouco mais fácil dessa vez, ainda que a coisa toda soasse como se Ty estivessem tentando não vomitar. O idioma não ficava muito bonito ao contrário.

– O que eu faço agora? – ele perguntou, fechando os olhos, respirando fundo e depois os abrindo.

– Fale de novo! – respondeu Rose. – Só repita e repita! Com paixão!

– Eu amo paixão! – disse tia Lily enquanto dirigia.

– Isso é tão idiota – resmungou Ty. – Não vai funcionar.

– Você está indo muito bem – cochichou Rose. Ela se inclinou e deu um tapinha no ombro dele.

– Tá bom – resmungou Ty. – *Amuhnenn aat-ssef ooc-ssid ann açarrrrp aad eedaadiic.*

Emparelharam com a sra. Havegood. Ela estava dirigindo em marcha a ré na faixa da esquerda enquanto Lily estava dirigindo para a frente na faixa da direita.

Logo após o anúncio de Ty, a sra. Havegood pisou no freio e cruzou a faixa dupla amarela na direção do Blissmóvel:

– OIRÈS?! – no que Rose imediatamente entendeu como "Sério?!".

– Todos balancem a cabeça fazendo não – disse Rose. Todos sacudiram obedientemente as cabeças.

Então a sra. Havegood estacionou seu carro no meio da rua e correu a pé de costas na direção da praça.

– Está funcionando! – disse Rose. – Parece que a sra. Havegood gosta de música disco!

– Quem não gosta? – disse tia Lily, mantendo os olhos na estrada, mas dançando um pouquinho no assento. – Festa disco, aqui vamos nós!

Ty sorriu, levou o microfone aos lábios e anunciou de novo. E de novo. E de novo.

Enquanto passavam pelo parque da escola, Ty colocou a cabeça para fora da janela e proclamou:

– *Amuhnenn aat-ssef ooc-ssid ann açarrrrp aad eedaadiic!*

Os professores abandonaram seus balanços, escorregadores e castelos de areia e pedalaram em marcha a ré na direção da praça.

Estacionaram em frente a um canteiro de obras, e Ty saiu da van e anunciou:

– Amuhnenn aat-ssef ooc-ssid ann açarrrrp aad eedaadiic!

Os trabalhadores vibraram, jogaram seus capacetes plásticos para o ar, pararam seu trabalho de encher buracos e colocar as coisas abaixo e, então, tropeçaram de costas pelas ruas.

Os carteiros viraram suas bolsas com correspondências no ar noturno e

correram de costas sobre o terreno. Advogados, contadores e farmacêuticos, todos olharam acima de suas escrivaninhas em seus escritórios e se arrebanharam para o centro da cidade, sem se importar em trancar as portas.

Aparentemente, todo mundo em Calamity Falls realmente gostava de música disco. Ou talvez eles *não* gostassem. Doía a cabeça de Rose ao tentar descobrir.

Quando alcançaram a base do Morro do Pardal, Ty estava gritando ao contrário tão facilmente quanto um DJ e tão rápido quanto um leiloeiro de gado. – *Amuhnenn aat-ssef ooc-ssid ann açarrrrp aad eedaadiic!* – ele dizia, numa voz rouca e provocante que seria perfeita para o rádio. Ele tinha completado a transformação ao pôr óculos escuros e levantar a gola.

O pulso de Rose acelerava conforme subiam o morro e passavam pela Chaveria Kline e estacionavam em frente à sua última parada: Donuts e Automecânica Stetson.

A velha e confusa loja no topo do morro estava tão escura e quieta que parecia que ninguém morava lá havia anos.

– *Oãnn ávv aarap aa açarp!* – gritou Ty.

Rose esperou um segundo, sem expirar, só inspirando o fresco ar da noite como se sua vida dependesse disso, esperando Devin emergir.

Mas ninguém da loja de consertos saiu.

A van dos Stetson não estava lá, mas Rose não a tinha visto estacionada a esmo em nenhuma das ruas laterais. Pensando nisso, ela não tinha visto Devin a semana toda, embora ela tenha ficado ocupada demais com todo o caos para notar isso. Eles devem ter ido viajar.

– Vamos embora – disse Rose, tão desapontada quanto aliviada. – Eles não estão aqui.

Mas Sage já tinha saído da van e corrido para o mirante no topo do Morro do Pardal, então Rose correu para trazê-lo de volta para a van.

Não havia árvores no topo do morro, apenas o céu aberto, que naquela noite parecia tão vasto, tão negro e tão vazio que Rose achou que pudesse

ser sugada para dentro dele. Era de tirar o fôlego.

– Olha! – Sage disse, apontando para a clareira no centro da cidade onde ficava a cópia de mármore de Reginald Calamity.

Algumas milhares de pessoas, que não pareciam maiores do que besouros àquela distância, estavam se movendo de maneira confusa pela praça de tijolos. O rumor de um lamento coletivo emergiu da praça. Eles todos pararam o que estavam fazendo e se apressaram para uma festa disco com nenhuma música disco.

– É hora de dar a essas pessoas o que elas querem! – gritou Rose. Ela faria tudo dar certo. Provaria que era digna do nome Bliss.

Tia Lily dirigiu até a praça da cidade explodindo ao som da trilha sonora de *Embalos de sábado à noite.* Eles não conseguiam achar um jeito de tocar a música ao contrário, mas aparentemente a música disco soava a mesma não importando de que modo a tocasse, porque a sra. Havegood, dentro de um vestido com estampa de oncinha que ela havia colocado do avesso, gritou:

– *UHU! OCSID!*

As pessoas andavam para trás sobre os tijolos, estranhamente plantando um pé e movendo suas mãos para cima e para baixo na diagonal, seguindo um ritmo errado. O sr. Fanner colidiu o traseiro primeiro com a srta. Karnopolis, e os dois gritaram um para o outro. O sr. Bastable e a srta. Thistle localizaram um ao outro através da multidão e abriram caminho de costas na direção um do outro ao ritmo da música, nocauteando famílias inteiras. Crianças tinham formado um círculo em torno da sra. Havegood e aclamavam conforme ela rolava no chão e fazia uma versão atrapalhada da dança da minhoca. A lua servia como um globo de discoteca improvisado. A coisa toda estava bonita, de um modo um pouco perturbador.

Rose e Lily juntaram todas as mesas externas do Pierre Guillaume,

formando uma grande mesa de banquete, e Sage e Ty colocaram numa longa fileira todos os Bolos de Amora De Volta Para o Que Era Antes. Cortaram os bolos em fatias e as puseram em pratos de papel.

Rose estava esperando pacientemente seu primeiro freguês quando, pelo canto dos olhos, viu Devin Stetson circulando indiferente por um canto escuro da praça, sozinho.

Tia Lily a pegou olhando para o garoto loiro.

– Quem é? – ela perguntou. Rose era muito tímida para responder. – Por que não vai dançar com ele?

Rose balançou sua cabeça negativamente. – Nunca nem chegamos a conversar de verdade.

– Bem, esta é a oportunidade perfeita para você tentar, porque ele não vai se lembrar na manhã seguinte!

– Eu não acho que ele vá gostar muito de mim.

– Quem não gostaria de você? Você é bonita, é talentosa e cheia de perspectiva.

Rose não conseguia acreditar que tia Lily estava dizendo aquilo, mas ainda assim as palavras soaram encantadoras, e elas a impulsionaram. Se algum dia fosse falar com Devin, aquela era a noite. Ela se sentiu um pouco invencível.

Então abriu caminho pela multidão até onde Devin Stetson estava dançando. Ele não estava tentando reproduzir nenhum movimento de dança disco como os outros; estava apenas meio que dando um passo à frente e outro atrás. Rose ficou de frente para ele e imitou seus movimentos. Ele olhou para cima surpreso.

– Io – ele disse.

– Io.

– Êcov àtse levìrroh – ele disse, o que ela inverteu em sua cabeça e entendeu como "Você está horrível". Em qualquer outro dia, isso a teria feito correr para o banheiro mais próximo e choramingar em silêncio dentro da cabine, mas nessa noite especial ela interpretou como se parecesse ótima.

Rose queria ter um espelho para checar e ver se a maquiagem que tia Lily a tinha ajudado a fazer ainda estava lá, mas não tinha. Então ela presumiu que a maquiagem estava lá e sorriu. – Adagirbo – ela disse. – Êcov mèbmat.

Então Devin se virou e meio que inclinou a nuca na direção do rosto de Rose, o que, ela supôs, fosse sua tentativa de beijo invertido. Ela derreteu ao toque de seu cabelo loiro fino como de um bebê em seu rosto. Ele cheirava a sabonete e sonhos.

Do canto dos olhos, ela podia ver tia Lily atrás da mesa no Pierre Guillaume, fazendo um sinal de joia.

Assim que Rose tinha fechado os olhos e abraçou totalmente a beleza desse momento, por mais de trás para a frente que fosse, Ty chegou por trás dela e bateu em seu ombro.

– Com licença, *mi hermana*. Me desculpe por interromper a sua diversão, mas ninguém está comendo o bolo.

Então Rose se lembrou de uma parte fundamental de seu plano da qual ela havia se esquecido. Se eles queriam que as pessoas pegassem o bolo de graça, eles precisariam de um sinal.

Ela se afastou do macio cabelo loiro de Devin. O que quer que acontecesse depois disso – se ele voltasse a ignorá-la na escola, se ele não soubesse seu nome –, ela se lembraria desse momento para sempre. – Uahct, Nived – ela disse, e então saiu.

Rose e Ty inclinaram um dos enormes guarda-sóis brancos do Pierre Guillaume, enquanto Sage, o perito em escrita de trás para a frente, mergulhou o dedo numa tigela de sobras da cobertura de amora e o esfregou no guarda-sol branco, escrevendo:

SÒN SOMATSE SOTNIMAF! OÃN MEUGEP OSSON OLOB!
Ou "Nós estamos famintos! Não peguem nosso bolo!".

Rose e Sage colocaram o guarda-sol numa das mesas. Ty correu para a

van e fez o anúncio no microfone para começar a coisa toda:

– *O-ãnn mmeu-gep oo-sson o-lob!* – Então desligou a música.

Se algum dia houvesse necessidade de um locutor de rádio que falasse ao contrário, Ty estaria mais do que qualificado para o trabalho.

A sra. Havegood foi a primeira a ver o que estava escrito no guarda-sol no Pierre Guillaume. Ela apontou para o guarda-sol e gritou:

– MEHLO! OLOB!

A sra. Havegood andou de ré em direção à mesa, então ficou de quatro e engatinhou de ré embaixo dela, até que ficou de cara para o bolo, depois pegou uma fatia e a devorou. – OLOB! – ela gritou, batendo no peito como um babuíno.

E com isso ela pegou fatias individuais de bolo e as arremessou girando como se fossem bolas de futebol americano para a multidão. – AHLO O OLOB! – ela uivava.

Enquanto isso, os professores e as bibliotecárias agarravam suas fatias de bolo e, depois de enfiá-las em suas bocas, espalhavam o excesso de chocolate por todo o rosto, então agarraram todas as fôrmas vazias de bolo e as lamberam até ficarem limpas, enquanto gritavam e pulavam pela praça.

O sr. Bastable e a srta. Thistle pegaram duas das fatias que a sra. Havegood tinha jogado pelos ares e colocaram na boca um do outro. O resto da multidão cercou as mesas como porcos em torno de um cocho de lavagem. Eles não se importavam em pegar o bolo – inclinavam suas cabeças até os pratos e comiam sem as mãos.

Rose se perguntou quando essa demonstração aterrorizadora daria lugar ao comportamento humano normal que a receita do bolo prometia.

Ela não teve que se perguntar por muito tempo.

A srta. Karnopolis, a bibliotecária, foi a primeira a voltar. Ela balançou a cabeça e viu as cabeças de suas colegas bibliotecárias enterradas nas fôrmas de bolo, então sentiu o viscoso xarope de amora que ela havia espalhado pelo rosto.

Em seguida, notou que já era meio da noite.

– Oh, Deus! – ela exclamou. – O que estou fazendo acordada?! Já passou em muito a hora de dormir! E por que meu rosto está coberto de… – Ela passou um dedo sobre a testa suja e lambeu o resíduo negro. – … chocolate?

Então a sra. Karnopolis correu – na costumeira direção frontal – direto para sua casa.

A srta. Thistle voltou ao normal enquanto se atracava com o sr. Bastable sem camisa. – Não! Bernard Bastable, por que você me assombra assim?! – Ela desceu de sua forma rotunda e irrompeu para casa, xingando até a lua.

A sra. Havegood retirava as migalhas de chocolate de seu vestido. – Por que minhas roupas estão do avesso? – ela gritou.

Um por um, o resto da multidão voltou ao normal, chacoalhando suas cabeças, confusos, depois educadamente jogando seus pratos de papel dentro de latas de lixo e voltando para casa, se perguntando como, em nome de Deus, eles acabaram fora de casa no meio da noite cobertos com chocolate e jurando nunca falar sobre esse acontecimento novamente.

Quando a última pessoa se retirou furtivamente da praça, cheia de vergonha, o céu começou a ficar rosa-claro. O sol da manhã cintilava nos poucos pratos de papel e garfos de plástico abandonados na praça de tijolos por aqueles desorientados demais para se lembrar de jogá-los dentro das latas de lixo, lugar ao qual pertenciam.

Rose e Ty pegaram um saco plástico e saíram pela praça recolhendo o lixo.

– Então, temos certeza de que o truque funcionou, certo? – perguntou Ty, parecendo exausto.

Rose assentiu. – Ah, sim. Com certeza.

– Legal – disse Ty e bateu no ombro dela. – Sabe, acho que a tia Lily realmente gosta de mim agora. Estou feliz por ter passado todo esse tempo com ela. Ela é, tipo, *muy caliente*.

– Bom, eu acho – disse Rose, mas isso era o oposto do que ela sentia.

Enquanto ela se distanciava, sentiu a ferroada das palavras dele. Rose tinha concluído que ela e seus irmãos estavam ficando mais próximos. Poderia estar errada? "Será que eles estavam fazendo isso por Lily o tempo todo?", ela ponderou. "Será que ainda sou invisível?"

Assim que Lily estacionou a van na entrada da garagem, Ty desamarrou o amplificador do teto e o arrastou para o pórtico da frente, onde Rose sabia que provavelmente permaneceria por meses. Rose e Sage juntaram todas as fôrmas de bolo vazias e as levaram para a cozinha, onde encontraram a sra. Carlson sentada sobre o balcão, mascando chiclete nervosamente, seus olhos estalados e vermelhos e suas mãos tremendo.

– Ora, ora – ela disse, com desprezo –, olha só quem resolveu se juntar a nós!

Rose não estava certa quanto ao que ela queria dizer por *nós* até que notou Leigh correndo de costas em volta do balcão, ainda balbuciando tudo ao contrário.

Como se isso já não fosse ruim o suficiente, Leigh tinha tomado banho, penteado o cabelo e colocado um lindo vestido de veludo cheio de babados que Purdy tinha comprado para a filha menor ir a um casamento, mas que Leigh tinha se recusado a usar. Sua Polaroid não estava em lugar algum. Em sua marcha a ré, Leigh se transformou numa miss em miniatura.

– Ela esteve assim a noite toda! Eu ouvi algo que parecia música disco a distância, e certamente teria ido, porque música disco é a única coisa que já me trouxe algo próximo de alegria, mas não podia deixar a casa, podia? Não com nossa pequena cria de*satã* correndo por aí *de costas*!

Rose e Sage trocaram um olhar secreto, depois colocaram as fôrmas sujas de bolo na pia e correram para o quintal.

– Não! Vocês não podem sair de novo! – gritou a sra. Carlson pela porta. – Eu não dormi a noite inteira! Estou completamente louca! Eu não sou mais responsável pelas minhas ações!

Rose chamou tia Lily. – Leigh ainda está de trás para a frente!

Precisamos de mais bolo!

Mas não havia sobrado nada. As pessoas da cidade tinham comido cada fatia. Mesmo as fôrmas tinham sido lambidas pelas esfomeadas bibliotecárias.

Rose correu para o prato da antena, rezando para que houvesse restado ao menos um pouquinho da massa – ela gritou de alegria quando viu um restinho de massa no centro, só o suficiente para um bolo no tamanho de uma moeda de um dólar.

Rose pegou com uma colher a massa do prato da antena e a colocou dentro de uma forminha untada com manteiga.

– Você está cozinhando?! – a sra. Carlson gritou com Rose enquanto ela empurrava a forminha para dentro do forno. – Vocês conseguem fazer alguma outra coisa além de cozinhar?

Rose se virou e olhou direto para o rígido rosto escocês da sra. Carlson. – Lamento por a senhora ter ficado presa aqui a noite toda, lamento mesmo. Mas estamos todos lidando com coisas importantes. E eu tenho uma sensação estranha de que agora mesmo tudo de que Leigh precisa é só um pouquinho de bolo de chocolate. Então, por favor, saia da caminho.

A sra. Carlson encarou Rose como se quisesse devorar cada um de seus dedos, mas saiu da frente do forno, e Rose assou a massa por uns quinze minutos até que ficou fofa e escura.

– Ghiel! – Rose chamou a irmãzinha, surpresa com o quão acostumada já estava a inverter as palavras em sua cabeça.

– Você também, não! Cria do demônio! – gritou a sra. Carlson.

Rose segurou o bolo bem acima da cabeça de sua irmãzinha toda certinha. – Oãn met olob arp êcov! – ela avisou, o que, claro, fez com que Leigh se desesperasse pelo minúsculo bolo de chocolate. Ela pulou alto no ar e arrancou o prato de Rose, então engoliu o bolo e soltou um pequeno arroto. Depois chacoalhou a cabeça, pasma, bocejou carrancuda e marchou escada acima para a cama – andando de frente.

– O que havia naquele bolo? – perguntou a sra. Carlson, sonoramente

lambendo os lábios.

Rose levantou os ombros. – Às vezes, uma garota só precisa de um pouco de chocolate.

A sra. Carlson bufou. – Vou para a cama.

Tia Lily entrou. – Vamos *todos* para a cama. Mas primeiro as coisas importantes: temos que abrir a confeitaria em uma hora… só para ter certeza de que todos voltaram ao normal.

Ty e Sage subiram a escada com Leigh e a sra. Carlson, mas tia Lily segurou Rose. – Aquilo foi, numa palavra, sensacional. Todo mundo na sua família, Rose, é bom. Seus pais, seu irmão, sua irmãzinha são bons. Mas você, você é sensacional. Você é a vencedora do dia.

Rose abraçou sua tia e ponderou coisas enquanto subia a escada. Sage ainda aborrecia e Ty ainda se mantinha distante, mas eles *tinham* se juntado e formado um time, e isso significava mais para ela do que qualquer pouquinho de orgulho ou respeito que já tinha recebido.

No banheiro, Rose foi escovar os dentes e se olhou no espelho em choque. Toda a maquiagem estava gasta – correr de um lado para outro, cozinhar e suar devem ter ocasionado isso. Ela não estava mais glamourosa.

Será que o batom e a sombra dos olhos ainda estavam lá quando ela falou com Devin? Era impossível saber. Tia Lily a tinha chamado de sensacional. Mas, olhando para o espelho agora, tudo o que Rose sentia é que era mais ou menos.

E naquele momento ela decidiu que preferia ser sensacional a ser mais ou menos. Ela faria qualquer coisa para sentir-se pelo resto da vida como se sentira naquele dia.

Qualquer coisa mesmo.

CAPÍTULO 16

Um dia após o outro

Rose acordou depois de apenas meia hora se virando e revirando. Ela estava ansiosa demais por causa dos eventos do dia para realmente dormir. Hoje parecia Natal, mas o presente que ela estava esperando não era algo novo – estava rezando para que sua magia tivesse funcionado e que tudo ficasse exatamente como sempre ficou: um tanto entediante.

Rose olhou com os olhos estalados para fora da janela de seu quarto. Eram apenas sete e meia da manhã, mas o céu já irradiava um azul-ciano. Até o sol estava ansioso.

Rose decidiu que, se uma única pessoa marchasse de costas para a confeitaria naquele dia, ela teria de deixar a cidade para sempre. Ela correria para uma cidade distante e seria adotada por um amável casal que não poderia ter filhos e nunca contaria a eles sobre suas origens de confeiteira mágica e nem como tinha arruinado uma cidade inteira e depois a abandonado como Victor Frankenstein abandonou seu monstro.

Enquanto Rose olhava fixo para fora da janela, planejando sua fuga, ouviu uma batida na porta da frente. Ela desceu correndo a escada para o salão frontal, ainda em seus jeans amarrotados e camiseta listrada da noite anterior.

Um homem estava batendo delicadamente no vidro da porta da confeitaria.

Depois de um momento de piscadelas confusas, Rose o reconheceu como ninguém mais do que o exímio acrobata e dançarino exótico de Calamity Falls, o sr. Bastable.

Sua aparência era qualquer coisa menos normal. Ele usava um belo suéter cor de vinho sob um paletó cinza impecavelmente talhado. Tinha obviamente tomado banho – recentemente! – porque os tufos de cabelo branco em ambos os lados de sua cabeça cintilavam ao sol como algodão recém-colhido. Quando Rose abriu a porta, seu nariz foi atingido pelo cheiro de colônia.

O coração de Rose quase parou em seu peito. Ainda não tinha acabado – havia algo de errado com o sr. Bastable. Ele estava limpo, alinhado e vestido como um professor universitário, ou como um apresentador de telenoticiário. Ele parecia extremamente garboso.

Ele ainda estava ao contrário.

Mas então o sr. Bastable disse, em fala normal: – Bom dia, Rose –, e ela soltou um suspiro aliviado. O hálito dele cheirava a menta. O que deu no sr. Bastable? Pelo menos ele não a tinha chamado de Esor.

– Bom dia, sr. Bastable… – ela respondeu cautelosamente.

– Por favor, perdoe-me por vir tão cedo. Vou precisar de dois *muffins* de farelo de cenoura.

Rose o observou confusa. O sr. Bastable geralmente vinha em torno das oito e meia da manhã, quando a confeitaria abria oficialmente, e ele nunca, durante a década em que Rose o conhecia, pedira mais do que um *muffin*. Rose pegou sob o vidro do balcão dois *muffins* de farelo de cenoura, os colocou dentro de um saquinho de papel branco e o entregou ao sr.

Bastable.

– Obrigado – ele disse, e depois se sentou no banco de ferro do lado de fora da janela da frente.

Isso era terrivelmente estranho e fez Rose pensar que talvez o Bolo de Amora DeVoltaParaoQue-EraAntes tinha funcionado pela metade: talvez ele tivesse feito com que as pessoas andassem e falassem normalmente, mas deixou suas rotinas de cabeça para baixo. O sr. Bastable sempre ia embora correndo da confeitaria como se sua vida dependesse disso. Mas lá estava ele, sentado ereto como um poste sobre o banco lá fora. Ele nem estava comendo seus *muffins*.

Por volta das oito da manhã, Chip chegou à loja e ajudou Rose a preparar a confeitaria para o dia.

– Perdi alguma coisa louca ontem à noite? – ele perguntou.

– Oh, não. – *Só uma festa disco zumbi pela cidade*, Rose pensou.

Rose e Chip limparam o interior do balcão de vidro e as mesinhas de café com mosaicos e colocaram fôrmas com *muffins* fresquinhos no lugar dos velhos e amanhecidos. Todo esse tempo, o sr. Bastable permaneceu sentado no banco. O sol foi ficando cada vez mais quente e ela conseguia vê-lo enxugando a testa com um guardanapo. Em certo momento, ele tirou o paletó. Mas, além disso, não se moveu e também não comeu seus *muffins*. Só permaneceu sentado à espera.

Às oito e meia, quando Rose virou o cartaz na porta da frente para ABERTO, o sr. Bastable ainda estava esperando no banco.

– O que ele está fazendo? – perguntou tia Lily bem atrás dela. Rose suspirou e deu um pulo.

– Ah, não temos certeza – respondeu Rose.

Lily desapareceu na cozinha para ajudar Chip; e Ty se juntou a Rose no balcão. Um grupo de mais ou menos dez pessoas tinha se juntado fora da porta.

– Acho que todos estão bem – disse Rose a Ty, que tinha colocado uma camisa listrada limpa e calças cáqui. – Estão andando normalmente e

parecem estar falando também normalmente. Só há o caso curioso do sr. Bastable. Ele não sai do lugar já faz uma hora.

– Ele está esperando por alguém? – perguntou Ty.

Rose não teve tempo de responder porque a multidão irrompeu pela porta da frente e formou uma fila barulhenta na frente do balcão. A sra. Havegood era a primeira. Estava usando um vestido vermelho-vivo e uma estola de pele de marta.

– Rose, querida, preciso de três dúzias de biscoitos de canela, mas biscoitos de canela de verdade desta vez.

– Desculpe-me por aquela última fornada, sra. Havegood – disse Rose. – Imagino que o presidente cambojano tenha ficado desapontado.

– Ah, ficou mesmo. Acabamos pedindo pizza, mas acontece que ele tem intolerância a lactose. Jurou nunca mais me visitar, e eu disse a ele que tudo bem. Estou cansada de entreter chefes de Estado estrangeiros. Todos eles têm sotaque esquisito. Não dá para entender nada do que dizem. De qualquer modo, você se importa em me arrumar alguns biscoitos de canela normais, Thyme?

Ty agitava as narinas feito um touro. – De modo algum – ele disse, ainda incomodado com a mentira da sra. Havegood. Foi andando feito um pato para a cozinha.

A sra. Havegood chamou Rose mais para perto enquanto esperavam por Ty retornar com os biscoitos de canela. – Vem cá, Rose. Vou contar a verdade para você – ela cochichou. – Quando se tem todo o dinheiro do mundo, como eu tenho, às vezes mesmo isso não é o suficiente. E se tem de inventar coisas que são ainda mais fabulosas do que todo o seu dinheiro. Essa é a verdade.

Rose olhou para a sra. Havegood bem nos olhos e sorriu. Era uma confissão surpreendente para a maior mentirosa da cidade. Rose de repente parou de detestar a sra. Havegood e a viu como realmente era: solitária.

Ty voltou com uma caixa branca cheia de pequenos biscoitos de canela douradinhos. – Aqui estão, sra. Havegood. E os verdadeiros biscoitos de

canela são para…?

– Mim e Jimmy Carter.

– O ex-presidente dos Estados Unidos? – zombou Ty, e Rose engoliu uma risada. Pelo menos a sra. Havegood não tinha perdido totalmente sua imaginação.

– Sim – ela disse. – Jimmy e eu não temos vergonha de dizer que adoramos biscoitos de canela a este ponto.

Ty encarou a sra. Havegood. Ele não ia deixá-la ganhar essa. – Deixe-me vê-lo – disse Ty. – Deixe-me ver Jimmy Carter.

A sra. Havegood balançou a cabeça negativamente. – Ele é muito tímido.

– Você está mentindo – disse Ty, sua voz ficando mais alta. – Você é uma mentirosa muito mentirosa, que mente sobre tudo.

Rose colocou sua palma sobre a boca de Ty. – Ty! – ela disse.

Mas era tarde demais. – Certo! – gritou a sra. Havegood. – Jimmy! – ela chamou pela janela. – Venha cá, Jimmy!

Foi quando o ex-presidente Jimmy Carter entrou na confeitaria dos Bliss. Ele parecia mais velho que nos livros da escola de Rose, mas fazia sentido, porque ele tinha sido presidente havia muito tempo. Alguns poucos tufos de cabelo branco e fino cascateavam sobre ambos os lados de sua cabeça e paravam bem acima do colarinho de sua camisa jeans de caubói.

– A querida irmã de Jimmy foi minha colega de quarto na faculdade. – Ela piscou para Rose. – E isso é a pura verdade.

O queixo de Ty caiu enquanto ele entregava uma caixa de biscoitos de canela para Jimmy Carter. – Os Estados Unidos da América lhe agradecem pelo seu serviço – disse o ex-presidente, sorrindo.

A sra. Havegood ria cacarejando ao pegar no braço dele. – Tenha um excelente dia, Rose! Você também, Thyme!

Ty estremeceu. Foi o último golpe.

Quer dizer, até Ashley Knob entrar. Ela estava num vestido que uma pessoa normal usaria para uma premiação cinematográfica. Era verde, curto

e revelador demais para ser apropriado a uma colegial. Ela se pavoneou até o balcão e disse: – Gostaria de um *muffin* de mirtilo desmiolado, por favor.

Rose franziu a testa. – Desmiolado?

– Sim. É quando você tira a maior parte do miolo do *muffin*. Caso contrário, o *muffin* fica com muito carboidrato.

Rose pensou que aquilo realmente acabava com o propósito de se comer um *muffin* em primeiro lugar, mas ela calçou um par de luvas cirúrgicas e mergulhou os dedos bem dentro dele.

Ty deveria estar atendendo a outros fregueses, mas em vez disso ele estava inclinado sobre o balcão e sussurrou numa voz harmoniosa: – Ei, você se lembra de dois dias atrás quando nos beijamos? Pelo vidro?

Ashley fingiu não ter ouvido.

– Você me beijou! – ele repetiu, mais alto e mais forte. – Nós nos *beijamos*.

– Hmm, eu não beijo gente que trabalha em confeitaria – ela disse, seu nariz tão alto que o topo de sua cabeça estava praticamente esfregando nas costas.

– Mas você disse que me *amava*! – disse Ty, sorrindo diabolicamente.

– Eu estou, tipo, horrorizada agora e não sei do que você está falando. Quero dizer, você é bem bonito, coisa e tal, então, talvez, se você trabalhasse como um executivo ou fosse um advogado ou coisa assim, eu teria beijado você, mas você está tirando miolos de *muffins*, então, tipo, não.

– Mas você não se lembra da multidão de garotas e que você abriu caminho até a fachada só para tentar me beijar, e…

– Deixe isso para lá, Ty – disse Rose.

Ashley Knob pegou seu *muffin* desmiolado e saiu ofendida, os anéis firmes e platinados de seu longo cabelo chicoteando o rosto de Ty.

– Ela me beijou pelo vidro – ele sussurrou. – Eu não estava alucinado, certo?

– Não, mas ela estava.

Ty andava atrás do balcão. – Eu nem gosto dela… Só quero que ela saiba que estava enlouquecida por mim. Preciso achar uma foto da gente se beijando. Temos alguma câmera de segurança lá fora? – Ty jogou seu avental, e Rose sabia que ele não ia mais ajudar na confeitaria naquele dia.

Ty tinha voltado para seus velhos truques.

Rose estendeu o pescoço sobre a porta de vaivém e viu Sage e Leigh pulando na grama onde a cama elástica ficava, enquanto a sra. Carlson tomava um banho de sol numa cadeira de praia. Rose franziu os lábios.

Ela ainda era a única que realmente se dedicava à confeitaria. Nada tinha mudado. Talvez tia Lily estivesse certa. Talvez eles realmente fossem só bons.

O dia passou sem que nada muito bizarro acontecesse.

A mente de Rose estaria totalmente tranquila se o sr. Bastable tivesse saído do banco, mas ele não tinha. Ainda estava lá sentado, no escaldante calor de julho, ainda em seu suéter e paletó, e ainda não tinha tocado nos *muffins*.

Rose estava espiando o sr. Bastable e se preocupando muito quando Devin Stetson entrou.

O cabelo dele estava modelado com gel numa curva negligente que pendia em sua testa. Seus lábios estavam cor-de-rosa e um pouco ressecados. Sua pele branca estava bronzeada.

Devin nunca tinha ido à confeitaria antes. Por que agora? Por que hoje, depois que ela havia tido literalmente trinta minutos de sono e dois dias de puro óleo e sujeira embolados nas franjas? Por que ele não poderia tê-la visto ontem à noite, quando ele debilmente tentou beijá-la no rosto

colocando seu escalpo no rosto dela?

Devin ficou na porta da frente enquanto sua mãe e seu pai, ambos usando camisas com estampas havaianas, viseiras e óculos escuros, examinavam o balcão de vidro.

– Vocês têm *pãozinhos doces*? – perguntou a sra. Stetson. Seus olhos eram saltados e brilhantes. – Ou é *pãezinhos doces*? O plural de *pão* é *pãos* ou *pães*? Sabe, é como *cão*, que o plural é *cães*? Entende o que quero dizer? – Rose parou de olhar para Devin tempo suficiente para perceber que a sra. Stetson estava falando com ela.

– Nunca pensei a respeito. As pessoas geralmente pedem pão doce.

O sr. Stetson ria enquanto foi dar uma olhada nos bolos.

Devin permaneceu na porta e olhava para o chão, para o teto ou para qualquer lugar, exceto para o rosto de Rose. Obviamente ele não tinha qualquer lembrança da noite anterior. Não que tenha sido verdadeiro de qualquer modo.

Ele a flagrou olhando para ele, fez uma cara de constrangimento e acenou com a cabeça na direção dos pais, como se dissesse: – Desculpe-me por eles, são muito constrangedores.

Rose acenou com a cabeça de volta, como se dissesse: – Os meus também.

Devin gradualmente deslizou para o balcão e finalmente se viu de frente para Rose. O rosto de Rose estava queimando e sua boca estava seca.

– Você sempre compra *donuts* da gente, não é?

– Eu não diria *sempre*, mas às vezes, sim – ela disse.

– Sou Devin. Oi.

– Sou Rose. Oi – ela disse com um chiado. Suas mãos começaram a tremer, e ela as escondia nas costas. Devin Stetson estava falando com ela! Sem a ajuda do Bolo Cabeça Para Baixo!

Rose sorriu para si mesma enquanto embalava os pãezinhos doces. Ou pãozinhos doces? Enfim, o doce. Ela embalou os doces.

– Obrigada, querida! – bradaram o sr. e a sra. Stetson enquanto se

apressavam para fora em suas camisetas havaianas.

Devin acenou com a cabeça em sua direção. – A gente se vê por aí… quando você quiser um *donut* – ele disse.

E Rose bateu continência, que ela percebeu um segundo mais tarde ser a coisa menos atraente que ela poderia ter feito.

Rose estava se odiando quando percebeu o reflexo do rosto de Devin no vidro, arrependido de seu pobre trocadilho.

Mesmo que ele não se lembrasse de ter dançado com ela, Rose tinha conseguido superar a maior dificuldade de todas: dizer a ele seu nome. Ela sorriu mais largamente do que ela achava possível.

Ou seja, até a srta. Thistle se aproximar da confeitaria e Rose perceber o que tinha mantido o sr. Bastable colado à aquela porcaria de banco o dia todo. Ele estava esperando por ela.

Felidia Thistle estava se apressando para a porta da frente num fresco vestido de verão, quando ela foi parada pelo som similar ao de um sapo feito pelo sr. Bastable.

– Espere! – ele tossiu. Ele tentou novamente um segundo depois, de forma mais clara dessa vez. – Espere, srta. Thistle.

Rose assistiu pelo vidro enquanto a srta. Thistle se virou, chocada. Aparentemente, ela não se lembrava de nenhum dos eventos da semana, porque ela estava sorrindo para o sr. Bastable, que parecia bonito mesmo, apesar das incríveis rodas de suor embaixo dos braços.

– Srta. Thistle, esses abilolados da confeitaria me deram dois *muffins* de farelo de cenoura por engano. Se importaria em comer um? Se eu como muito amido, isso ativa minha síndrome do intestino irritado.

Rose pestanejou. Poderia ter sido um momento adorável, se ele não tivesse mencionado a síndrome do intestino irritado.

Mas a srta. Thistle não pareceu se importar. Ela se sentou no banco ao lado do sr. Bastable, e eles lentamente mordiscaram seus *muffins* de farelo de cenoura, sorrindo um para o outro o tempo todo. Rose não conseguia ouvir o que estavam dizendo – provavelmente eles estavam falando sobre

ciência –, mas já era um começo. Ela nem se importou com o fato de o sr. Bastable tê-la chamado de abilolada.

Havia uma magia nos dois sentados lá fora enquanto a brilhante laranja do sol poente reluzia entre as árvores, mas não tinha nada a ver com feitiços ou potes de conserva. Era a magia da habilidade que uma pessoa tem para mudar, crescer, curar, sem a ajuda de qualquer mágica.

No final do dia, depois que Chip tinha ido para casa e a sra. Carlson tinha ido para a cama, Rose sentou-se à mesa da cozinha e bebeu um copo de água, enquanto olhava para fora da janela da porta dos fundos da cozinha e observava seus irmãos. Eles estavam se revezando no balanço, empurrando Leigh com tanta força que eles quase a faziam voar por cima da barra. Era gostoso de ver, mas Rose ainda se sentia um pouco excluída.

Tia Lily, usando uma camisola antiga de seda com estampa de lírios cor de laranja, aproximou-se silenciosamente da mesa da cozinha.

– Rose, precisamos conversar. Eu tenho uma proposta. Você sabe o que eu penso sobre você e o seu potencial. Acho que deveria ir a Nova York comigo.

Rose corou e riu bem alto. A ideia de ir para Nova York era tão grandiosa e tão irresistível que parecia uma piada. – Para quê?

– Quero que você trabalhe no meu programa de TV. Primeiro você vai ficar por trás das câmeras, me ajudando a preparar as receitas e imaginando como ensiná-las para uma audiência de TV. Mas, depois de um tempo, eu espero que você se junte a mim diante das câmeras! Vou fazer sua maquiagem, e podemos nos tornar estrelas juntas! Você tem tantos talentos… Talentos que vão muito além de administrar um pequeno negócio. Somos muito parecidas, você e eu, e quero que você sonhe alto. Você é sensacional, nunca se esqueça disso.

Rose se imaginou cozinhando junto com tia Lily na cozinha de uma

vasta e maravilhosa confeitaria na cidade grande, ou num estúdio de TV diante de uma audiência ao vivo, com fãs sorridentes e apaixonados. Oh, o amor que ela sentiria! O calor, a aceitação e o respeito!

A coisa no porão estava com toda a razão. Rose desejava beleza e destaque, mas ela não queria bebê-las de uma garrafa com o rótulo EXTRATO DE VÊNUS –, ela queria conquistá-los. Talvez ela os conquistasse na barra do avental de tia Lily, exatamente como tinha dito.

Rose teve que pressionar os lábios um contra o outro para conter o constrangedor sorriso largo. – Mas de onde viriam as receitas?

– Bem, esse é o único empecilho. Precisaríamos do Tomo de Culinária Bliss. Eu juntei algumas receitas mágicas do cânone Bliss em minhas viagens, mas apenas o suficiente para alguns episódios.

– Então você quer… roubar o livro?

Tia Lily riu nervosamente. – Não, claro que não, querida. Eu só o pegaria emprestado!

– Mas meus pais não vão notar que ele sumiu? Como fariam as receitas? – E então ela pensou em outra coisa que quase tinha medo de perguntar. – Eles não vão sentir minha falta?

Tia Lily apontou seu dedo e apertou o nariz de Rose. – Essa, minha querida, é a parte simples. Quando eu era jovem, aprendi uma receita de um maravilhoso docinho chamado Biscoito Me Esqueça. Você sussurra o nome da coisa que você gostaria que as pessoas esquecessem… em seu caso, seria você e eu e o Tomo de Culinária Bliss… e você mistura o sussurro na massa do pãozinho. Então damos os biscoitos para Ty, Sage, Leigh, Chip, sra. Carlson e sua mãe e seu pai, e então eles esquecerão que você, eu ou o livro algum dia existiram. Ele não vão sentir sua falta nem um pouquinho! Eles vão continuar tocando uma adorável confeitaria com seus outros adoráveis filhos… só não será mágica. Enquanto isso, você e eu nos tornaremos gloriosa e explosivamente famosas, respeitadas e adoradas!

Rose não conseguia acreditar que ela estava mesmo pensando nessa possibilidade, mas lá estava ela, pensando sim. – Os biscoitos funcionam

mesmo? – ela se viu perguntando.

– Ah, eu sei que funcionam. Eu já os usei antes – disse Lily, arreganhando os dentes. – Como você acha que eu escapei da minha própria família enfadonha? Eu estava destinada à grandeza, e eles estavam me atrasando. Então bati uma tigela de biscoitos, e nunca ficaram no meu caminho de novo!

Rose olhou para fora novamente para seus irmãos empurrando sua irmã no balanço. Como ela poderia deixá-los? A vida deles seria a mesma sem ela?

Por outro lado, como ela poderia ficar e deixar as coisas voltarem a ser como eram antes? Rose não conseguia imaginar outro dia sendo enviada como uma entregadora para comprar frutas enquanto os pais faziam toda a magia e os irmãos todos tinham coisas melhores para fazer. Não depois dessa semana. Ela havia visto o livro em toda a sua glória e não desistiria agora. Ainda assim, a coisa toda parecia um pouco drástica.

– Não sei se consigo – disse Rose.

– Bem, é só uma questão de se você quer ficar aqui para o resto da sua vida e desperdiçar seus talentos, ou se você quer realmente fazer alguma coisa da sua vida, ganhar o respeito de milhões de pessoas e crescer para ser uma glamourosa mulher do mundo. Como *eu*.

Uma glamourosa mulher do mundo. Respeito de milhões. Isso era tudo o que Rose sempre havia querido ser. Mas a que custo?

– Quando iríamos? – disse Rose abruptamente. – *Se* eu for.

Tia Lily bocejou, indiferente. – Amanhã de manhã. Ficarei acordada até tarde preparando a massa para os Biscoitos Me Esqueça. Se você quiser ir, junte-se a mim na cozinha mais tarde à noite e vamos fazer mágica…

Enquanto tia Lily estava terminando suas instruções, Ty e Sage carregaram Leigh para dentro da cozinha e sentaram-se à mesa com Lily e Rose.

Sage ficou perto da mesa e proclamou. – Eu digo para pedirmos *pizza* para o jantar! Ele fez uma mesura com uma mão na sua

frente, como se estivesse usando uma capa. – Esta é a nossa última noite antes da mamãe e do papai voltarem, e não vai mais ter comida divertida depois disso. E nem mais mágica.

– Certo. E nem mais mágica – disse Rose. E era verdade. Até o Sage pensava assim. Eles nunca teriam permissão para tocar no livro de novo, mesmo que não mencionassem toda a confusão que ele causou. Os pais de Rose simplesmente não confiavam nela.

Depois que Leigh caiu no sono à noite, Rose silenciosamente empacotou suas roupas e seu despertador numa mochila amarela que ela geralmente usava para ir dormir na casa de alguém. Então andou na ponta dos pés pelo corredor e desceu a escada até a cozinha, onde tia Lily estava em pé diante do balcão, segurando na mão um pote de conserva azul vazio.

– Lily – sussurrou a tia dentro do pote. O sussurro reluziu num roxo pálido enquanto rodopiava dentro dele. Dentro, o ar reluzente congelou numa débil e fantasmagórica imagem do rosto sorridente de Lily.

Felizmente, tia Lily não tinha visto Rose, que continuou observando.

– O Tomo de Culinária Bliss – sussurrou Lily. E o novo sussurro flutuou dentro do pote e formou uma imagem de uma familiar capa de couro marrom do Tomo de Culinária.

E depois – Rosemary. – Quando tia Lily sussurrou seu nome, os braços de Rose instantaneamente se arrepiaram de forma fria e úmida.

Rose observou enquanto o sussurro de tia Lily formou uma imagem reluzente do corpo inteiro de Rose dentro do pote. Ela não podia dizer com certeza, mas parecia, do degrau em que estava na escada, que sua imagem estava batendo no vidro do pote, gritando para sair.

Tia Lily rosqueou a tampa do pote e o chacoalhou, depois o abriu sobre uma tigela de metal na qual tinha preparado uma massa esfarelada e amantegada. Os sussurros escaparam do pote e foram para a tigela. A bola

de massa subiu da tigela e se dividiu em mil pedacinhos que ficaram suspensos no ar quente e escuro da cozinha.

Os pedacinhos de massa rodopiaram, lentamente primeiro, depois mais rápido, como folhas em redemoinho, até que todos os minúsculos pedaços rodopiaram de volta para a tigela como se estivessem escorrendo por um ralo.

Tia Lily sovou a massa com suas mãos. – Tudo certo! Está feito.

Foi quando ela olhou para cima e viu Rose em pé na escada.

Tia Lily abriu um largo sorriso. Ambas sabiam o que isso significava.

– Eu vou para Nova York – sussurrou Rose.

CAPÍTULO 17

De volta para casa

Antes dos primeiros raios de sol da manhã, tia Lily foi ao quarto de Rose e a acordou. – Vamos, querida! Os biscoitos estão assando lá embaixo.

Rose se enfiou dentro dos jeans e de uma camiseta azul que ela havia separado para a viagem. Então, assim que tia Lily desapareceu pela escada, Rose se esgueirou para o banheiro para escovar os dentes ali pela última vez.

Rose ficou surpresa ao ver Ty, Sage e Leigh lá dentro, fazendo uma festa da escova. Ty parecia irritantemente lindo como sempre em seu calção de basquete azul-marinho. O cabelo de Sage era uma selvagem bagunça de cachos. Leigh olhava para Rose com os olhos negros e confiáveis que pareciam tomar a metade superior inteira de seu rosto. Foi mais fácil imaginar ficar longe deles na noite passada, quando eles não estavam bem

na frente dela, parecendo tão zelosos.

– O que estão fazendo acordados tão cedo?

– Vamos fazer café da manhã para mamãe e papai para quando chegarem – disse Sage.

– Você vai nos ajudar? – perguntou Ty. – A verdade é que a gente não sabe fazer nada.

Leigh correu até Rose e puxou a perna de seus jeans. – Olha o que eu achei, Rosie! Rose olhou para baixo e viu Leigh agarrando sua velha Polaroid.

– Por que você está com isso? – perguntou Rose.

– Eu quero uma foto! – disse Leigh, com olhos bem abertos e voz alta e esganiçada. Ela apontou para Rose e os irmãos.

– Vem tirar uma foto, *mi hermana* – disse Ty. E ele colocou um braço em torno de Rose e outro em torno de Sage, e então Rose pegou Leigh e a segurou bem perto, a câmera virada em suas mãos para que fosse mirada nos quatro. Houve um *flash* quando Leigh bateu a foto.

Sage soprou a foto quando ela saiu da câmera e a entregou a Leigh. Todo mundo se inclinou para ver a foto aparecer.

Depois de um minuto, as imagens de Rose e de seus irmãos apareceram no papel: Ty alto com seu cabelo ruivo espetado; Sage, atarracado, com seu cabelo alaranjado e cacheado; Leigh, cuja boca estava bem aberta; e Rose, com seu longo cabelo preto, a ovelha negra.

– Vou ficar com esta – Rose disse para sua irmã. Ela pegou a foto e colocou dentro do bolso de sua camiseta, acima do coração.

– Por que está chorando, Rose? – Sage perguntou. – Você não ficou *tão* ruim na foto.

Rose enxugou uma lágrima salgada de sua bochecha. – Eu só… amo vocês todos, só isso.

Ty e Sage olharam para Rose como se ela tivesse cinco cabeças. Leigh só agarrou a perna da irmã mais velha.

– Quero dizer, amamos você também, Rosita – disse Ty. – Dã! Nem

precisamos dizer isso!

Rose afastou a irmã e correu do banheiro. Ela não conseguia mais suportar olhar para seus rostos.

– Aonde você está indo, esquisitona? – gritou Sage. – O que acontece de errado com essas garotas?

– Já volto! – gritou Rose do topo da escada. Mas ela não voltaria logo. Pelo menos eles não teriam de sentir falta dela.

Lá embaixo, ela encontrou tia Lily, que tinha assado os biscoitos e os arrumado numa cesta de piquenique sobre a mesa com um bilhete que dizia: “Por favor, comam”.

– Pronta? – perguntou tia Lily, ansiosa. Seu cabelo estava brilhoso, limpo e escuro como o da própria Rose, e seu vestido era branco com minúsculas flores coloridas na bainha.

– Totalmente. – Rose assentiu com gravidade. Ela puxou a foto Polaroid dela e de sua família para fora do bolso e olhou para ela.

– Não é uma graça? – disse tia Lily, inclinando-se sobre o ombro de Rose. E depois deslizou a foto dos dedos de Rose e a colocou no lixo.

– Por que fez isso? – perguntou Rose, furiosa.

– Não posso deixar você levar nenhuma foto com você, Rose. Elas confundem a magia dos Biscoitos Me Esqueça. Se você olhar para uma foto de alguém que comeu o biscoito, eles serão capazes de lembrar de você. E isso seria muito doloroso para eles, porque então saberiam que você se foi. Então me desculpe, mas isso tem de ser uma ruptura completa. Vai ter de deixar suas fotos. É melhor para todo mundo.

E com isso, tia Lily pegou sua pequena mala de *tweed* e saiu pela porta dos fundos. – Vem, querida?

Rose olhou para tia Lily, para seu corte de cabelo chique, seus lábios pintados, o arco de suas sobrancelhas perfeitas. Então uma impaciência lampejou pelos olhos de tia Lily – a mesma imapciência que tinha feito Rose

pausar tantas vezes antes de confiar a verdade para tia Lily.

Rose não tinha planejado jogar os Biscoitos Me Esqueça no lixo, mas foi exatamente o que fez. Era como se suas mãos estivessem trabalhando sozinhas. Rose fuçou sob a pilha quente de biscoitos no lixo, puxou a foto Polaroid e a colocou de volta no bolso.

– Não! – gritou tia Lily. – O que está fazendo?

– Sinto muito, tia Lily – disse Rose, baixinho. – Mas não posso deixar minha família. Eles não são perfeitos, nem de longe, mas não posso roubar seu livro e fugir. Não é certo. E mesmo que eles comessem esses biscoitos e nunca mais pensassem em mim, eu estaria pensando neles o tempo todo. De que vale ser famosa se as pessoas que mais amam você nem mesmo se lembram que você existe?

Rose respirou fundo pela primeira vez na semana. Ali, pelo menos, estava toda a verdade.

Tia Lily estava fuzilando-a com o olhar. Ela havia perdido toda a calma. Rose nunca a tinha visto explodir a não ser em risadas – agora, sua pele tinha ficado toda vermelha, e os cantos de sua boca viraram para baixo num rugido feio e irado. – Mas eles não admiram você! Quando seus pais voltarem, eles vão trancar o livro e não vão deixar você cozinhar nada, e seus irmãos vão voltar a ignorar você! Eles não amam você, Rose; *eu* amo você.

– Você nem me conhece direito.

– O que quer dizer? – gritava tia Lily. – Claro que conheço você!

– Você me conhece há uma semana. Se me amasse, estaria aqui desde o começo. Teria estado comigo, como meus pais e meus irmãos sempre estiveram. Não apareceria de repente quando eles não estão aqui para tentar roubar nosso livro.

Lily nem mesmo tentou argumentar contra isso. Rose finalmente disse a verdade. Lily tinha vindo pelo livro.

– Se você vier comigo, será famosa. Será glamourosa. As pessoas vão olhar para você. Vou ensinar a você todos os truques! Você acha que

garotos como Devin Stetson vão adular você se não estiverem sob um torpor mágico? – Tia Lily balançou o dedo. – Errado. Você precisa de mim, Rose. Sem mim, você não é nada.

O nariz de Rose franziu de desgosto. Alguma coisa se encaixou dentro dela. Tia Lily não era a mulher forte e independente que Rose imaginava que fosse. Tia Lily era fraca. Talvez Devin Stetson não fosse gostar dela sem nenhuma maquiagem. Talvez os pais não a deixassem cozinhar receitas mágicas depois de voltarem para casa.

Mas pelo menos eles a amavam.

Tia Lily amava apenas a si mesma.

– Na verdade, tia Lily, estou indo bem – disse Rose. – Você é que não tem nada. – Rose abriu a palma da mão. – Agora me dê a chave.

Com um olhar de escárnio, Lily removeu a chave do pescoço e a soltou na palma aberta de Rose. – Vire-se sozinha – ela disse friamente.

E então tia Lily prendeu a mala de *tweed* em sua motocicleta e foi embora.

Ao ronco do motor da moto de Lily e ao som dos pneus cantando, Ty e Sage desceram a escada correndo com Leigh. – Tia Lily simplesmente foi embora? – perguntou Sage. – Por que ela não disse tchau?

– Ela estava com pressa – disse Rose. Ela não conseguiu evitar um sorriso. Então colocou um braço em torno dos irmãos, olhou para Leigh e disse: – Agora vamos fazer o café da manhã.

Meia hora depois que tia Lily tinha ido embora, uma caravana de carros blindados pretos estacionaram na entrada da garagem, e a voz de soprano de Purdy soou lá da entrada da garagem como um sino de Natal.

– Criançada! Estamos em casa! Lembram-se de nós?

Albert e Purdy irromperam pela porta dos fundos para dentro da cozinha, e Leigh pulava e ria, e se lançou nos braços abertos de seu pai.

Purdy puxou Rose contra seu peito e beijou o topo de sua cabeça. Assim que Rose sentiu a maciez das roupas de algodão de sua mãe, os cachos bagunçados de seu cabelo, o cheiro de mel, farinha de trigo e gordura em sua pele macia, não conseguia acreditar que tinha pensado mesmo por um segundo que poderia um dia abandonar sua família. Que ela poderia viver sem eles. E ela jurou a si mesma que nunca contaria para nenhuma alma que tinha concordado – por um momento! – em ir com tia Lily.

– Aah, eu amo vocês, amo vocês! – disse Purdy, beijando Rose sem parar na testa como um pica-pau faminto na árvore.

Albert colocou Leigh no chão e abraçou Sage e Ty juntos. – Meus meninos! – ele disse.

A sra. Carlson desceu a escada carregando sua mala e parecendo algumas décadas mais velha do que quando tinha chegado. – Bem! Graças à santa bondade vocês estão de volta! É um milagre eu ainda estar viva! Ainda estou exausta de todo o comportamento deles! – A sra. Carlson passou pela porta de vaivém e gritou de volta para a cozinha. – Vocês têm crianças muito bizarras! Mas também essa é uma cidade bem bizarra! Vou me mudar de volta para Glasgow, onde ninguém fala ao contrário! Nunca!

Purdy olhou para Rose com cara de interrogação. – Do que ela está falando?

– Ah, ela só está brincando.

Rose então percebeu que Janice Hammer esteve em pé na cozinha o tempo inteiro, olhando severamente para a amável família com seus braços cruzados sobre o peito.

Então ela proclamou: – Seus pais são heróis!

Sage pulava sem parar. – Vocês curaram a gripe? – ele perguntou.

A prefeita Hammer limpou a garganta. – Eles não só curaram a gripe, eles também curaram alguns casos de perda de memória recente e alguns corações partidos. Era como se os *croissants* fossem mágicos! – Ela soltou uma risada nervosa que assustou todo mundo. – Mágica! Ha! Mas

aqueles *croissants* realmente tinham uma eficácia que parecia… de outro mundo. – A prefeita Hammer se impulsionou de volta para a realidade. – E foi por isso que demos a eles a chave da cidade.

Albert triunfantemente segurou a coisa pendurada em seu pescoço, que era um papelão de meio metro cortado na forma de uma chave amarela amarrada com fita vermelha.

– O que ela abre? – perguntou Sage, empolgado. – A prefeitura? Podemos dar uma festa lá?

A prefeita Hammer piscou para Sage. – Ela não abre nada! É um símbolo de nossa gratidão e respeito.

Sage bufou. – Respeito, é? Respeito é uma coisa. Eu ter uma festa temática de circo no meu aniversário de dez anos na sua prefeitura é outra coisa.

Purdy quebrou a tensão ao se virar para as crianças e perguntar alegremente: – Então! Como foi tudo?

Rose abriu a boca para responder, mas a prefeita Hammer interrompeu antes que ela pudesse produzir qualquer som. – Bem, essa é minha deixa. Eu não quero ouvir sobre sua família. Quero dizer… eu não quero me *intrometer* na sua família.

Ela se inclinou para Albert e Purdy e disse: – Obrigada por tudo. De verdade. – Então se apressou para seu Hummer preto, subiu o vidro escuro e partiu com sua caravana de carros blindados.

Rose revirou os olhos. – Ela é assim o tempo todo?

– Pior – disse Albert, sorrindo. – Agora, respondam à pergunta de sua mãe, criançada: como foi a semana?

Rose olhou desesperada para Ty e Sage e percebeu que eles estavam olhando desesperados para ela de volta. Era óbvio que eles não conseguiam dizer a verdade aos pais, mas eles tinham se esquecido de inventar uma mentira.

– Ah, foi tudo tranquilo – disse Rose, tentando inventar alguma coisa no caminho. – Chip foi ótimo. A sra. Carlson foi bem legal com a gente.

Nada fora do comum.

Purdy sorriu e esperou, tirando uma porção de cachos negros de seu rosto. Albert ficou ao fundo, seus braços com pelos ruivos cruzados sobre seu peito magro. – É isso? – ela disse. – Me contem sobre as coisas boas! Quem cozinhou o quê? Os fregueses pediram alguma coisa especial?

Rose estava prestes a acabar com o assunto balançando a cabeça com um *não* quando Ty interrompeu.

– Hmm, eu assei todos os *muffins* – ele disse, as palavras espirrando de sua boca como vômito. – Eu… inventei novos *muffins*. Eles eram *muffins* gigantes. Eu assei dois *muffins* gigantes do tamanho de bolas de basquete e os fatiei como um bolo e as pessoas me disseram que eu tinha inventado um novo gênero de confeito chamado bolo de *muffin* e… ganhei um prêmio.

E Rose aprendeu algo sobre seu irmão: ele era o pior mentiroso que ela já tinha visto.

– Um prêmio? – disse Albert ceticamente.

– De mim – disse Rose, tentando desesperadamente cortá-lo antes que alguma verdade saísse da boca de Ty. Por que ele não disse alguma coisa normal? – Eu dei a ele o prêmio da minha… fraternidade.

E então Sage tornou as coisas ainda piores. – E eu assei um *cheesecake*! Era um… *cheesecake* de cebola, e todo mundo achou que ia ficar nojento, mas eles gostaram tanto que eu ganhei um prêmio maior do que Ty!

Albert e Purdy espremeram os olhos um para o outro e não disseram nada, o que só pareceu provocá-lo mais. – Também alguém pediu um bolo de casamento no formato de um tubarão, e eu fiz, e nós dirigimos duas horas até a praia para entregar! – Sage fechou a matraca por alguns instantes. – Um tubarão! – ele repetiu.

Albert estava começando a ficar com rugas de irritação nos cantos dos olhos. – Vocês dirigiram? Qual das minhas crianças sem carteira de motorista dirigiu um carro?

Rose pensou rápido. – Ah, não se preocupe, foi Chip.

– Não! – Sage interrompeu. – Foi Ty. Ele dirigiu o carro com sua licença de aprendiz.

Ty deu um tapa na nuca de Sage.

– Ty, é verdade? – perguntou Albert.

Ty só olhou para o vazio como um esquilo assustado, sem saber para onde virar.

Albert e Purdy olharam um para o outro, então Purdy se inclinou contra o cepo. – Certo. Sabemos que estão mentindo – ela disse – por nenhuma outra razão senão o fato de ninguém nunca ter pedido um bolo de casamento no formato de tubarão na história do bolo de casamento. Agora, o que realmente aconteceu?

Rose estava prestes a explicar que tinha havido um pequeno problema com o livro de receitas, mas que tia Lily os tinha ajudado a resolver, mas assim que ela conjurou em sua mente a imagem de tia Lily, alta e com seus quadris, seu cabelo curto e nariz delicado, Rose percebeu que sua língua tinha ficado mole de novo. Exatamente como uns dias antes.

Rose tentou dizer as palavras *tia Lily*, mas parecia que ela estava tentando expelir uma bola de pelos. Os meninos estavam claramente tendo o mesmo problema, já que eles ficaram lá fazendo barulhos de tosse.

– O que há de errado? – perguntou Albert. – Por que vocês não conseguem falar?

Purdy ofegou. – Oh, santa bondade. Albert, não parece que eles comeram a Torta Segure Sua Língua?

Albert pensou freneticamente por um momento e disse: – Você está certa! Mas quem poderia ter dado a eles a Torta Segure Sua Língua? E por quê?

Rose estava confusa. Uma Torta Segure Sua Língua?

Poderia ser o outro nome de alguma das receitas que eles tinham feito nesta semana? Não que isso importasse – Rose e os irmãos, com exceção de Leigh, não tinham mesmo comido nada dos confeitos que fizeram.

Então Rose se lembrou da torta colorida e brilhante que Lily tinha feito para eles na primeira noite, como eles todos acharam que era a coisa mais deliciosa que já tinham provado, e como depois de comer Ty tinha ficado com a língua travada no telefone com os pais a ponto de não conseguir mencionar tia Lily. Será que aquela brilhante e pequena fatia os havia tornado incapazes de mencionar sua cozinheira?

Parecia. Se Lily tinha vindo aqui para pegar o livro, claro que ela teria de fazer alguma coisa drástica para impedir que Albert e Purdy ficassem sabendo que ela estava lá.

Rose tentou perguntar sobre a torta, mas saiu tudo errado. – Comemos uma torta – feita por... – e então sua língua ficava gorda e pesada e ela não conseguia mais falar.

Albert e Purdy estavam conversando freneticamente quando Rose lembrou que Leigh não tinha comido mais do que uma migalha minúscula da torta.

Ela abaixou, pegou Leigh nos braços e disse: – Leigh, conte para a mamãe e para o papai quem nos visitou esta semana!

Leigh pensou por um minuto, colocando um dedo imundo sobre os lábios, então se lembrou. – Tia Lily! – ela proclamou.

Albert e Purdy ficaram em silêncio. Havia um olhar frenético em seus olhos que Rose nunca tinha visto antes. Era aterrorizador.

– *Lily* esteve aqui? – Purdy perguntou, cuspindo o nome como se fosse algo pútrido e feio. Ela cerrou os punhos.

Rose, Ty e Sage balançaram a cabeça afirmando rapidamente.

– Ela deu a vocês uma torta que brilhava como escamas de peixe e como o pescoço iridescente de um pato-real? – perguntou Albert; seus olhos abriram tanto que os cílios praticamente tocaram a testa.

Rose assentiu com a cabeça. Foi exatamente o que eles comeram.

– Por que deixaram ela entrar? – perguntou Purdy, exasperada.

Rose tentou explicar. – Ela... disse... – mas não conseguia articular as palavras. Rose apontou para o próprio ombro, então levantou a perna das

calças um pouquinho e apontou para a marca de nascença em forma de concha em sua panturrilha.

– Lily mostrou a marca de nascença em forma de concha enganando vocês para que achassem que ela é da nossa família? – disse Albert.

Rose assentiu com a cabeça pela terceira vez.

– Espere… Ela *não* é parente? – Sage perguntou, sua voz ardendo de decepção e fúria, como se tivessem contado a ele pela primeira vez que a Fada do Dente não era real.

– Bem, *estritamente falando*, ela é parente, sim – disse Purdy, andando para a frente e para trás nervosamente. – Mas ela é do lado da família sobre o qual não falamos.

– O lado Albatroz? – Ty deixou escapar.

– Sim – disse Purdy. – O lado deles é um bando de sorrateiros. Eu conheço Lily porque ela veio aqui há alguns anos, quando Ty era bebê, e tentou roubar o Tomo de Culinária Bliss.

Rose balançou a cabeça em repugnância. – Eca… – soltou Rose. Ainda não conseguia dizer o nome de Lily. – Ela disse que não sabia sobre o livro!

– Bem, não até que nós mostramos pra ela! – disse Sage. – Ela adorou o livro!

Purdy ofegou como se tivesse tomado um soco no estômago. – Vocês *mostraram* o livro para ela?! Como puderam fazer isso?

Rose sentiu os olhos revirarem. Parecia que o chão tinha despencado do mundo e ela ainda estava lá, flutuando numa gosma gelatinosa de terror e vergonha. "Pelo menos eu não fugi com ela", queria dizer. "Pelo menos eu fiz com que ela fosse embora, e o livro ainda está aqui, são e salvo."

Então a língua de Rose recuperou o movimento. Era como se a dor de ter desapontado sua mãe tivesse soltado a amarra gelada da torta.

– L… ll… lll… llll… ily! – ela conseguiu. – Tia Lily!

Depois de um momento de extrema concentração, de repente Sage e Ty também conseguiam dizer alto: – Lily!

Aparentemente a Torta Segure Sua Língua tinha um antídoto: o medo

extremo e devorador.

Sage começou a explicar por que eles tinham mostrado o livro a tia Lily. – Tia Lily nunca roubaria nada! – ele gritou. – Tia Lily é a pessoa mais bonita, interessante, útil e fantástica que eu já conheci! Ela queria ver o livro porque queria ajudar a gente a consertar a cidade! Se não fosse por ela, todo mundo ainda estaria andando ao contrário!

Albert apertou os olhos. – E exatamente *por que* eles estavam andando ao contrário?

Então Sage soltou a língua e contou a história toda, depressa, do começo ao fim. Era confuso, mas os pais não pareciam interessados em detalhes. Quando Sage terminou, ele sorriu e ensaiou uma pequena mesura, como se tivesse atingido o final de um número de um musical enorme e exagerado.

Mas a vida não é um musical, claro.

Rose não conseguia se lembrar de já ter se sentido tão mal em sua vida inteira. Ela estava sem fala.

– Aquela mulher é muito perigosa – disse Purdy, devagar. – Céus, o que deu em vocês, crianças?! – Ela olhava pelo cômodo como se nunca os tivesse visto antes, como se aquela não fosse sua casa.

– Mas ela é tão legal e bonita! – protestou Ty.

Albert parou de bufar por um momento para interromper Ty. – Os mais malévolos sempre são – ele disse. – Essa é uma lição para a vida, filho.

Purdy pressionou seus punhos contra as têmporas. – Chega disso. Onde está ela? E onde está o livro?

– Rose? – disse Albert, sem esconder a carranca. – Pode nos devolver a cópia da chave que demos a você, por favor?

– Não se preocupe, pai. Ela se foi. Eu tenho a chave.

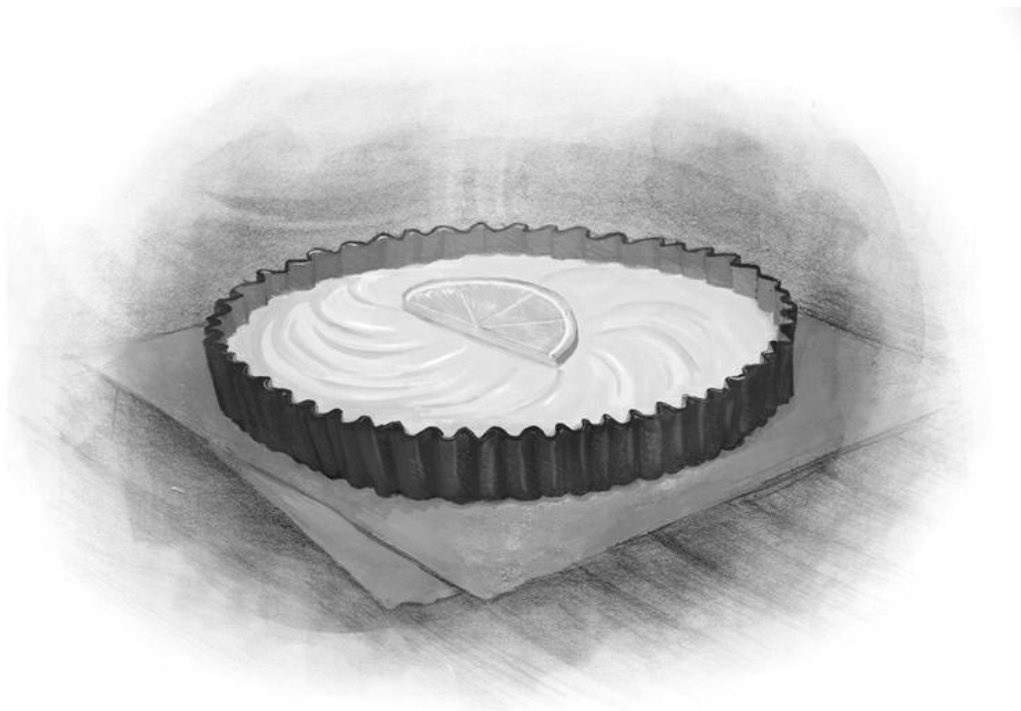
– E o livro está a salvo? – perguntaram simultaneamente Purdy e Albert.

– Só tem um jeito de descobrir – disse Rose, pescando do bolso a pequena chave em forma de batedor que Lily tinha devolvido.

Rose tremia enquanto andava pelo corredor da câmara refrigerada, mas não era de frio, era por perceber que seu instinto estava certo o tempo todo: tia Lily era uma figura sombria. Ela agradeceu aos céus por ter recusado a oferta de tia Lily e por ter tido a atitude de pegar a chave de volta antes que sua tia roubasse o livro de receitas.

Rose puxou a tapeçaria verde, colocou a chave na fechadura e virou. Albert, Purdy, Sage e Leigh olhavam de trás dela. Ela puxou a corrente para acender a luz. O suporte estava vazio, exceto por um pequeno envelope cor de creme.

O livro tinha sumido.

Rose sentiu os joelhos falharem e ouviu a mãe gritar seu nome, como se estivesse a um quilômetro de distância, sob a água. Rose não se lembra do que aconteceu depois disso.

CAPÍTULO 18

O truque do desaparecimento

Rose acordou em sua cama com Leigh pulando do seu lado. Ela olhou para cima e viu sua mãe e seu pai, Ty e Sage, todos olhando para baixo, preocupados. Havia uma toalha molhada em sua testa.

– O que aconteceu? – sussurrou Rose.

– Você desmaiou, meu doce – disse Purdy, com a fisionomia repleta de preocupação. – Você desfaleceu como alguma mulher vitoriana de melodrama.

– Onde está o Tomo de Culinária? – perguntou Rose, arquejando e tentando se sentar.

Albert gentilmente empurrou seus ombros de volta para o travesseiro. – Apenas descanse, docinho – ele disse. – O livro se foi. Ela nos deixou uma *carta* em troca.

– O que ela diz? – perguntou Rose. Ela rezou para que não mencionasse sua quase traição.

– Não a lemos ainda. Teve o problema de você entrando em colapso no chão, querida, e isso era mais importante. – Albert puxou um papel de carta perfumado quase branco do pequeno envelope que Rose tinha visto no suporte. Ele o desdobrou, limpou a garganta e começou a ler em voz alta:

Querida prima de quarto grau Purdy e família,

Como tenho certeza de que você já notou, eu peguei o Tomo de Culinária Bliss. Não fiz isso por despeito a você ou quaisquer de suas extraordinárias e adoráveis crianças, mas porque senti que seu direito ao livro expirou. Desde que nossos tata-tata-tataravós Filbert e Albatroz tiveram seu pequeno desentendimento, o Tomo de Culinária foi passado através das gerações no seu lado da família, embora vocês não tenham feito nada com ele além de desperdiçar seu poder administrando populares negócios locais em pequenas e excêntricas cidades. Como eu acredito que estou mais apta para tirar proveito de todo o potencial econômico e político do livro, eu o peguei.

Por favor, não deixem que quaisquer preconceitos que tenham sobre a genealogia Albatroz os preocupem. Não sou uma criatura nefasta como o resto de minha família. Usarei essas receitas para ajudar aqueles que não conseguem se ajudar, transmitindo-as no programa que certamente será de grande sucesso, meu programa de receitas na TV a cabo. Tenho certeza de que vocês estarão fazendo ao mundo um grande favor me permitindo compartilhar essas receitas inestimáveis, em vez de mantê-las escondidas dentro da câmara refrigerada e deixar seus filhos com a esmagadora responsabilidade de protegê-las.

Procurem por mim na televisão!

Com amor e beijos,
Tia Lily

– E aí ela beijou o papel – disse Albert, virando a página para revelar a marca do batom da boca de Lily.

– Aquela covarde egoísta e manipuladora! – exclamou Purdy, com os punhos bem cerrados. – Aquele lado da família só gerou uma semente ruim atrás da outra.

– Isso é uma besteira total – resmungou Ty, cruzando os braços sobre o peito. – Como vamos tocar a confeitaria sem o livro de receitas?

– Esse nem é nosso maior problema – disse Albert, esfregando as têmporas em pequenos círculos. – E se ela decidir colocar no ar algumas das receitas mais destrutivas do livro? E se ela soltar pelo país a loucura do Apócrifo de Albatroz? Teríamos cidades inteiras, metrópoles inteiras tomadas pelo caos! O país poderia ser destruído!

Rose puxou o lençol sobre a cabeça e gemeu, depois começou a chorar. – Mãe – ela disse. – Pai. Me perdoem por ter causado essa bagunça. Foi tudo porque eu queria mostrar a vocês que eu podia ser uma confeiteira mágica. Para que vocês me respeitassem. Eu tentei fazer tudo certo. Mas fiz tudo errado.

Purdy puxou o lençol do rosto de Rose e beijou sua bochecha. – Querida, nós *respeitamos* você. Você é a pessoa mais inteligente e talentosa da família. Sabemos que enfatizamos o fato de Ty ser tão lindo e Sage ser tão engraçado e Leigh ser tão adorável, e às vezes deixamos você fora da mistura, mas a verdade é que essa família acabaria sem você.

Albert concordou com a cabeça. Ty bateu no joelho de Rose. Leigh esfregou o nariz na bochecha de Rose.

Sage se balançou sem sair do lugar, uma expressão de dor em seu rosto. – Podemos tomar café da manhã agora?

Rose não conseguiu evitar – ela começou a rir. Mais do que tinha rido em todo o verão. Os pais a amavam e a respeitavam. Lá no fundo, ela sentia que sempre soube disso. Mas às vezes – como agora – era importante ouvir isso.

– Claro que podemos, Sage – disse Rose, sentando-se. – Claro que podemos.

Lá embaixo na cozinha, Sage viu a dúzia ou mais de biscoitos na lata de lixo.
– Uau, biscoitos! Podemos comer esses? – ele perguntou.

– Não! – gritou Rose. – Eles são… ruins.

Rose viu enquanto Purdy pegava uma caixa de ovos da câmara refrigerada, Albert balançava Leigh para cima e para baixo em seu joelho, e Ty e Sage batiam um no outro numa luta falsa de caratê. O cabelo de Purdy estava encrespado e bagunçado, as meias de Albert eram longas e desbotadas, Leigh estava com a mesma camiseta que tinha usado por oito dias seguidos, Ty era tão convencido quanto Ashley Knob, e Sage, totalmente ridículo.

A sra. Carlson estava certa. Eram uma família bizarra.

E uma família era alguma coisa que tia Lily nunca teria, porque ela havia desistido da sua fazia muito tempo. E é por isso que Lily era vulnerável: ela era sozinha.

– Ei, pessoal – disse Rose, olhando para as marcas de pneu que a motocicleta de Lily tinha deixado no caminho da garagem.

– O que, *mi hermana*? – perguntou Ty. – A família Bliss inteira se virou para olhar para Rose. Sua família faria qualquer coisa por ela. E ela faria qualquer coisa por eles. Ela sabia o que tinha de fazer – com a ajuda deles, claro.

– Vou pegar o livro de volta.

– Tudo a seu tempo, querida. Tudo a seu tempo. – Purdy limpou as mãos numa toalha. – Primeiro, você precisa comer alguma coisa. Ninguém nunca fez nada maravilhoso de estômago vazio.

Então Rose virou as costas para a porta e se juntou à família na mesa da cozinha, onde Purdy colocou um prato com ovos mexidos. Enquanto Rose

os devorava, ela ouvia sua família conversar e rir sobre as histórias um do outro, e mesmo depois que Chip chegou para abrir a confeitaria, eles todos permaneceram colados na mesa. Ficou claro para Rose, sentada lá naquela cozinha quente e apertada, que ela era feliz de verdade.

Continua